# ERVA REBELDE 2



# ÍNDICE

3 **Editorial**
*GERA*
4 **A Grande Revolução na Rússia: mitologia da "Grande Revolução Socialista de Outubro" - antecedentes, decurso, colapso e legado**
*Luís Chambel*
28 **No Funeral de Kropotkine**
*Jorge Leandro Rosa*
32 **Anarquismo e Revolução na Rússia**
*Carlos Taibo*
35 **Os anarquistas russos e a guerra civil**
*Paul Avrich*
40 **Não há comunismo na Rússia [1934]**
*Emma Goldman*
48 **BD** Excerto do livro de John Reed *Os dez dias que abalaram o mundo*
*Jorge Delmar*
50 **Resumos de leitura**
"PETROGRADO VERMELHO. A revolução nas fábricas (1917-1918)", de Stephen Smith (*lundimatin#108*)
"El mito bolchevique", de Alexander Berkman (*Ana da Palma*)
"Vive la révolution, a bas la démocracie! Anarchistes de Russie dans l'insurrection de 1905" (*Gisandra Oliveira*)
54 **Alguma geografia portuguesa libertária, afim ou independente**

O GERA - Grupo Erva Rebelde, editor da presente publicação, não se revê necessariamente em todos os pontos de vista dos textos aqui publicados, reconhecendo em todos eles, todavia, alguma pertinência para a sua publicação, e sendo-lhe indiferente a norma ortográfica em que estejam escritos.

Para a edição desta revista foi usado *software* livre - Scribus, Gimp, LibreOffice e sistema operativo Linux.
**Fazem parte deste número a separata "Manuscrito encontrado na Utopia" e um DVD com textos, imagens, vídeo e áudio.**

**erva rebelde número dois**
Porto, Dezembro de 2017
**ervarebelde@riseup.net**
**https://ervarebelde.noblogs.org**



## 1905 ... 2017...

*Eram 50*
*Eram 100.000*
*Eram muitas e nenhuma, mas nem Deus, nem Czar atormentariam os 2000 corpos de Odessa.*
*No meio da rua, gritavam Pão, Paz e Liberdade e no crepúsculo sombrio de uma vida camponesa de 35 anos, ao raiar do dia dormiam as 40 horas, a noite era branca e a manhã nunca chegou.*
*Eram 100 talvez 200.000, que nem Deus, nem Duma salvariam da repressão. Num surto de culpa, o amante poeta do povo berrou "Então o Oceano está vivo!"*
*Eram 1.000.000, não mais reformas, só as botas e os punhos erguidos das greves lavrariam a calçada.*
*Nem pão, nem botas, apenas 3 meses de armamento e nas trincheiras, a morte era branca e a manhã nunca chegou.*
*No arsenal, 100.000 armas vibravam ao rugir do povo.*
*Chegaram com os poetas para cantar o Pão, a Terra e a Paz.*
*Por uma salsicha e umas batatas os aedos indecisos entre ocidente e oriente, entre herança e mundo novo, reviravam a linguagem e vendiam os versos famintos de uma dor*
*aqui*
*a noite foi longa e disseram que a manhã seria com Terra, Paz, Pão e Todo o Poder aos Sovietes. A noite foi longa e os poetas suicidaram-se.*
*Repetidamente, cada ano que passou*
*4100 bombas*
*1792 quilos de pólvora*
*200.000 cartuchos*
*32 armazéns de armas*
*21 laboratórios da liberdade*
*110 tipografias*
*73 cidades e mais...*
*40.000 anarquistas?*
*A noite foi longa e percebemos que "o poder não deve ser conquistado, mas destruído".*

Gisandra Oliveira

# Editorial

Passados cem anos, grande parte dos mitos do comunismo da Rússia soviética foram derrubados e as suas atrocidades desvendadas. Mas reduzir o que aconteceu na Rússia, no início do século vinte, a uma data em particular, a alguns nomes conhecidos e algumas decisões políticas descarta o importante legado da experiência de um movimento popular, da natureza da sua organização e práticas, do impacto que teve nos meios anarquistas e do consecutivo debate que se iniciou entre plataformistas e sintetistas, entre método insurreccionalista e método sindicalista. Talvez possa parecer anacrónico ou nostálgico, quiçá até será! Mas pouco importa ao desafio que se fez o colectivo Gera, porque lhe permitiu remexer na História para falar do pequeno povo, das suas lutas e mortes, revisitar um importante movimento popular e fazer uma recolha histórica dando relevo às anarquistas e aos anarquistas da Rússia desde 1880.

Entendemos a revolução russa como uma mudança profunda que se construiu no seio da sociedade e que se desenvolveu a partir do final do século dezanove. Foi um movimento popular de descontentamento e sofrimento com aspirações à liberdade e dignidade que levou ao movimento insurreccional contra o poder do Czar em 1905 e à sublevação popular que antecipava alterações profundas nas estruturas sociais, políticas e económicas em Fevereiro de 1917.

Assim, este número da Erva Rebelde dedica-se exclusivamente ao tema da revolução russa, não para trazer novamente os grandes nomes da História, mas para visitar os outros nomes destas histórias da História. Aquelas pessoas que se envolveram nas actividades anarquistas de 1903 a 1917, aquelas que morreram em 1905, as que foram fuziladas, assassinadas, deportadas, exiladas, as que voltaram com a miragem de uma possibilidade em 1917, as que morreram na Grande Guerra 1914-1918 ou na guerra civil de 1917-1921, todas as que pereceram ou sofreram por acreditar num ideal anarquista. Este número da Erva Rebelde apresenta textos de reflexão, traduções, notas de leituras, mas também uma separata composta apenas por mulheres que empreenderam um trabalho de investigação e escrita criativa sobre anarquistas russas, intitulada "O Manuscrito encontrado na Utopia". Contém, além disso, um DVD com documentos (uma cronologia, uma bibliografia, um índice biográfico e outros textos), várias pastas de imagens (fotografias, gravuras, mapas, pinturas, retratos), vídeos e ficheiros de som.

# A Grande Revolução na Rússia:

## mitologia da “Grande Revolução Socialista de Outubro” – antecedentes, decurso, colapso e legado

*Luís Chambel*

**«Os métodos da revolução são inspirados pelo próprio espírito da revolução: a emancipação de todas as forças opressivas e limitadoras, quer dizer, os princípios libertários. Os métodos do Estado, ao contrário – do Estado bolchevique ou de qualquer governo – são fundados na coerção, que progressivamente se transforma necessariamente numa violência, numa opressão e num terror sistemáticos».**

Posfácio a “Minha Desilusão na Rússia”
Emma Goldman, 1923.

## 1. ANTECEDENTES

Talvez não haja acontecimento na História da Humanidade que tanto se tenha prestado a transformar-se em mito como a Grande Revolução Russa, glorificado muito para além da sua verdade histórica, modelada e distorcida de molde a fazer ressaltar os valores que mais se pretendiam evidenciar – a lucidez e conhecimentos de um líder carismático (ou vários, segundo a variedade do "marxismo" em causa [1]), a inelutável corrida do curso da história (através do chamado materialismo dialético [2]), a depreciação de todos os atores nela participantes desde que alheios ao bolchevismo triunfante (ainda que, de vez em quando, os seus acólitos tenham deixado escapar, sobretudo numa fase temporã da mistificação, alguns pingos de verdade, como por exemplo a participação não negligenciável dos anarquistas na revolução [3]).

A mitologia da "Revolução de Outubro" ultrapassa de longe a geralmente fidedigna apreciação de acontecimentos como a Revolução Francesa, a Comuna de Paris ou a Revolução Alemã (esta, contemporânea da Grande Revolução Russa, é praticamente apagada da História; contudo, em novembro de 1918, a Grande Revolução Alemã eclode em Kiel, onde se forma um conselho e, de imediato alastra por toda a Alemanha, com revoluções e a criação de conselhos em Hamburgo, Bremen, Cuxhavan, Wilhelmshaven, Schwerin, Hanover, Brunswick, Colónia, Oldenburgo, Rostock, Magdeburgo, Leipzig, Dresden, Chemnitz, Dusseldórfia, Francforte, Estugarda, Darmstadt, Nuremberga, Berlim)! [4] Este apagamento de uma e mitificação da outra não decorre sobretudo do desfecho de cada uma, mas do facto óbvio de a Grande Revolução na Rússia, tornada "Grande Revolução Socialista de Outubro", ter beneficiado amplamente da atenção e propaganda proporcionada pelos meios avultados para tal, de um poderoso Estado como o foi a "União Soviética".

Carlos Rates, que foi secretário-geral do Partido Comunista Português e visitou a Rússia nos primeiros anos do bolchevismo no poder, mas que acabará, primeiro expulso do Partido, em 1926, e que posteriormente terá até aderido à União Nacional de Salazar (em 1931)!, é um dos primeiros autores portugueses a endeusar a nova ordem que sucedeu ao poder dos czares, escrevendo, em 1925, "A Rússia dos Sovietes" [5]. Já fascinado pelos chefes, dedica um capítulo do seu livro ("Os Chefes Revolucionários") a uma biografia sintetizada de vários dos principais dirigentes bolcheviques, a grande maioria dos quais, numa demonstração trágica do fracasso da revolução, tornada monstruosa engrenagem, seria, mais cedo ou mais tarde, decapitada às mãos de Estaline [6].

Ao relatar a sua visita à Rússia, Rates refere: «Soube, pouco depois, que havia sido roubado. Sim, o roubo existe na Rússia. Mas daí a pouco eu sabia também que existiam a mendicidade e a prostituição. Ah! É muito difícil modificar o mundo! Como a revolução, seja qual for, não pode extirpar

radicalmente e imediatamente as causas do vício e da miséria, é natural que os efeitos subsistam.

Só os anarquistas, na sua inconsciência das realidades, podem supor que o bêbedo, o desordeiro, o vadio, o gatuno, se modificam pelo simples facto de se ter operado uma revolução, embora essa revolução tenha a extensão e a profundeza da revolução russa» [7].

E todavia os acontecimentos de Outubro não foram senão o princípio de uma grande interrupção da Grande Revolução Russa, mais próximos da Reação Termidoriana na Revolução Francesa do que da tomada da Bastilha, ou para nós, portugueses, mais próximos do "25 de Novembro" do que do "25 de Abril", "11 de Março" ou outra data significativa do nosso mais recente processo revolucionário.

Numa explicação marxista vulgar, achada muitas vezes naqueles que, tardiamente, encontraram na sociedade russa saída da "Revolução de Outubro", abundantes elementos de autoritarismo e tirania, como é o caso dos trotsquistas, o seu fracasso, então reconhecido, deveu-se apenas, ou fundamentalmente, a um insuficiente desenvolvimento das forças produtivas [8].

Todavia, poderia antes dizer-se que precisamente a ênfase posta na questão do atraso das forças produtivas na Rússia pelos bolcheviques é, em grande parte, um dos elementos que ajudam a explicar o fracasso da revolução. Conforme aponta Ida Mett [9], dos propósitos iniciais dos revolucionários, de uma sociedade que trouxesse a justiça social ao povo (na sua grande maioria camponeses), iria passar-se ao propósito de uma sociedade industrializada e "moderna", a caminho do desenvolvimento, ainda que para isso se abandonassem os ideais de liberdade.

Como grande revolução que efetivamente é, a Grande Revolução na Rússia não resultou de um momento de audácia e capacidade científica, tática e estratégica, nem se confinou aos acontecimentos que, numa suposta dezena de dias se desenrolaram naquele Império há cerca de 100 anos atrás, particularmente em outubro (mas novembro no nosso calendário, gregoriano, ao contrário do juliano usado na Rússia de então).

Pode apontar-se o primeiro ponto alto da "Revolução de Outubro" na chamada "Revolução de 1905".

Segundo vários relatos, entre eles o de Carlos Rates na obra atrás citada, a 3 de janeiro desse ano (calendário juliano), os operários das oficinas Putilov [10] entraram em greve. O movimento alastrou, abrangendo uma massa de 140 mil operários. A 9 do mesmo mês, uma grande manifestação tem lugar em frente do Palácio de Inverno, a residência imperial de São Petersburgo. À sua cabeça estaria o padre Gapone, colaborador da polícia imperial russa, e o objetivo da manifestação seria entregar ordeiramente ao czar uma petição, assinada por 135 mil trabalhadores, na qual se pediam direitos de vária ordem, sociais e políticos, entre os quais a reforma agrária, a tolerância religiosa, o fim da censura, a presença de representantes do povo no governo e melhores condições de vida [11], figurando entre estas reivindicações, mais especificamente a «amnistia para os presos e condenados políticos, a separação da Igreja e do Estado, a jornada de 8 horas de trabalho e a convocação de uma assembleia democrática eleita por sufrágio universal» [12]. Como resposta, a repressão das forças repressivas do czar foi brutal, originando centenas de mortos e milhares de feridos, num episódio que ficaria conhecido como o Domingo Sangrento. Todavia, em setembro, e apesar do terror então instaurado, novos tumultos, manifestações e concentrações irrompem por todo o lado. Um avassalador movimento grevista estala em Moscovo, compreendendo, segundo o relato de Rates, tipógrafos, padeiros, ferroviários, e trabalhadores do correio, telégrafo e da eletricidade.

Em São Petersburgo surge o primeiro conselho político de operários (soviete), e publica-se o seu jornal ("Izvestia").

Parecendo aí ceder um pouco ao crescendo da luta é apresentada pelo então primeiro-ministro, conde Sergei Witte, uma nova proposta de Constituição, com mais alguns direitos para os cidadãos.

Mas a luta prossegue. O Soviete de São Petersburgo, que vai estar de pé durante cinquenta dias, contou no seu auge com quinhentos e cinquenta deputados, representando cerca de uma centena de fábricas e vários sindicatos (representaria cerca de duzentos e cinquenta mil operários, segundo calcula E. H. Carr, em "A Revolução Bolchevique" [13]). Haveria inclusive mulheres entre os seus eleitos.

Em Moscovo a sublevação foi tão longe que se travou um verdadeiro combate entre os operários e o exército.

A luta alastrou a vários centros industriais da Polónia, Finlândia e Báltico, regiões então sob domínio russo, Cáucaso, Urais, e muitas outras regiões.

Esmagada a revolução, a repressão tornou-se asfixiante, travando o surgimento de novos tumultos entre 1907 e 1912, mas o grande movimento operário e popular nunca mais pararia. No ano de 1913 as greves mobilizam 1 600 000 trabalhadores e no ano seguinte o movimento alastra aos dois milhões.

Mas não são de somenos, igualmente, as lutas camponesas, não abordadas por Rates: «Os distúrbios estenderam-se por todo o ano, atingindo picos de agitação no início do verão e no outono, culminando em novembro. Arrendatários queriam aluguéis mais baixos; trabalhadores contratados exigiam melhores salários; pequenos proprietários queriam mais terras.

As atividades variaram desde ocupações de terra, algumas vezes seguidas de violência e incêndio, pilhagem das grandes propriedades e caça e desmatamento em áreas proibidas. Na região de Samara os camponeses criaram a sua própria república, que foi sufocada por tropas do governo. O nível de animosidade de cada região era diretamente proporcional às condições dos camponeses. (...) No total,

3 228 distúrbios necessitaram de intervenção militar para restaurar a ordem, e os proprietários sofreram prejuízos de aproximadamente 29 milhões de rublos» [14].

Conforme relata Nick Heath [15], um dos mais significativos exemplos desta rebelião é a ação dos Irmãos da Floresta, liderada pelos irmãos Davidov e Mikhail Lbov, nos Urais, uma organização muito ativa no período 1905-1908, em que realizou muitas ações expropriadoras nas regiões de Kama, Ekaterinburgo e Alexandrovsk, que subsidiaram prisioneiros e forças políticas anti-czaristas.

Um outro setor em que rebentaram revoltas importantes foi o dos marinheiros. Conforme relata Ida Mettt, em "Kronstadt/1921 – Último Soviete Livre" [16], o regime severo e as arbitrariedades dos oficiais, junto com a disparidade do salário dos marinheiros e o daqueles, foram um rastilho rápido para a insurreição. Recorde-se que, tal como em 1917, se estava em período de guerra, nesta altura com o Japão.

A 27 de junho de 1905 (no Mar Negro) dá-se a revolta dos marinheiros do couraçado Potemkine, desencadeada por um protesto contra a carne podre servida aos marinheiros (celebrizada no filme de Eisenstein). A 30 de junho revolta-se a tripulação do couraçado Gueorgui Pobiedonossiets, a 2 de julho é o navio-escola Prout. «No decorrer do período que vai de Julho a Outubro de 1905 o governo faz prisões em massa; só em Sebastopol, mil marinheiros foram presos durante o mês de Julho. (...) Em Outubro de 1905 dá-se a revolta das equipagens de Kronstadt; a 25 de Novembro rebenta a imensa sublevação de Sebastopol na qual participam onze embarcações de guerra (…); este movimento é reprimido com inédita ferocidade. E contudo a armada não se submete; a iniciativa da insurreição passa à esquadra do Báltico». [17]

Mas a atmosfera política russa já era incandescente mesmo antes de 1905. Adam B. Ulam na sua obra "Os Bolcheviques", refere: «Mas mesmo antes de o Domingo Sangrento de 9 de janeiro ter aberto as comportas da violência e da anarquia, tornara-se óbvio que a Rússia caminhava para um período de agitação. O respeito pela lei e ordem se diluíra, e isto mesmo entre as classes que mais tinham a perder com a violência e a desordem. Assassinatos de funcionários czaristas eram recebidos pela sociedade com indiferença, se não com aprovação» [18]. Ulam considera ainda que «a derrota na guerra, intranquilidade no campo, hostilidades contra a monarquia por parte das classes mais instruídas, demonstrações de trabalhadores nas ruas, portando bandeiras vermelhas» já faziam pressentir todos os elementos de 1917 [19].

É neste estado de coisas, após as lutas de 1913, que estala a I Guerra Mundial.

Se, para muitos autores, a existência de um forte proletariado industrial – que parece ter nascido com a industrialização iniciada com a construção do caminho de ferro transiberiano –, explica o surgimento das condições para estas revoltas e o aparecimento dos sovietes, há outros que lhe acrescentam dados diversos que, em geral, os marxistas evitam.

Ainda a propósito da eclosão dos sovietes, em 1905, e contrariando o enfoque de Estaline e mesmo de Lenine no papel do partido em vez dos conselhos operários, E. H. Carr, Deutscher e outros autores outorgam a Trotsky um papel determinante na autoridade e prestígio dos sovietes, como se, de qualquer modo, sem ele estes não pudessem ter sido aquilo que foram. «Tanto em 1905 como em 1917 foi Trotsky, e não Lenine, o protagonista da ideia do Soviete, e deu forma a um espontâneo florescimento de agrupamentos informais, assembleias democráticas de trabalhadores industriais» [20]. Isto é, para estes autores a ideia e a concretização do soviete é praticamente obra de Trotsky, ideia que é repetidamente expandida [21].

Mas para os anarquistas esta ideia da liderança iluminada não deve ter lugar. Pouca diferença nos faz que tenha sido em casa de Voline (que mais tarde será anarquista) que se reuniram os revolucionários que estiveram envolvidos no primeiro soviete de Petrogrado [22].

O segundo momento alto da Grande Revolução Russa tem lugar em fevereiro de 1917. Ainda segundo vários relatos, entre eles o já citado, de Carlos Rates, no dia 14, data em que devia reabrir a Duma (a assembleia política russa), 300 mil operários declaram greve em São Petersburgo. Por toda a parte estalam assembleias populares e concentrações. Quando instados a disparar sobre o povo, os soldados, regressados da guerra, desobedecem cada vez mais e só a polícia se dispõe a enfrentar os rebeldes. Uma guarnição militar subleva-se, a multidão liberta todos os presos, pega fogo à direção das prisões, ataca o edifício da polícia de segurança e queima os ficheiros policiais. Os revoltosos apoderam-se das fortalezas militares de S. Pedro e S. Paulo.

A Duma é então dissolvida.

Por toda a parte surgem novos conselhos operários e é criado um Comité Executivo provisório dos Sovietes. Este Comité tinha como presidente o menchevique Nikolay Tchkeidze e como vice-presidentes o também menchevique Matvey Skobelev e o socialista-revolucionário Alexandre Kerensky, partidos então mais influentes que os bolcheviques na massa operária.

A 1 de março o czar abdica, tendo-se constituído um governo provisório presidido pelo príncipe Lvov. A maioria dos membros do Governo pertence aos cadetes (partido constitucionalista-democrático). Mas à medida que a Revolução vai avançando, a constituição do Governo vai mudando.

A 5 de maio, ainda presidido por Lvov, surge o chamado Primeiro Governo de Coligação. Os cadetes estão ainda em maioria, mas agora relativa, cresceu a presença dos socialistas-revolucionários, e os mencheviques passam também a estar nele representados. Em julho de 1917 surge o Segundo Governo de Coligação, este já sob o comando do socialista-revolucionário Kerensky, e em agosto o Terceiro.

O I Congresso dos Sovietes Camponeses de toda a Rússia proclama, a 25 de maio que «doravante, não só a solução final do problema da Assembleia Constituinte, mas todo o trabalho preparatório a executar pelas comissões agrárias centrais e locais passam para as mãos do povo trabalhador. Por esse motivo, a tarefa mais importante e de maior responsabilidade da parte mais progressista da classe camponesa consiste na organização de eleições para os 'volost', 'uezd' e 'zemstvos' e estabelecimento de comissões agrárias em ligação com esses 'zemstvos'. A acção destas comissões na preparação das reformas agrárias basear-se-á nos seguintes princípios: transferência, sem compensação, de todas as terras agora pertencentes ao Estado, mosteiros, igrejas e entidades privadas para a posse da nação, para utilização equitativa e livre por trabalhadores agrícolas» [23].

A participação dos camponeses na revolução, claramente obscurecida pelos bolcheviques, teve na verdade uma dimensão gigantesca. Um estudo do Comité Agrário Principal russo, publicado em 1926, dá conta da sua dimensão, esclarecendo a incidência das “perturbações agrárias” nas diversas províncias, da seguinte forma: num primeiro grupo de regiões, como Olonets, Vologda, Yaroslav, Vyatka, Urais, Estland, Kovno, Grodno e Cáucaso, verificaram-se 10 tumultos ou menos; em Moscovo, Vladimir, Kostroma, Perm, Astrakhan, Don e Taurida, de 11 a 25 tumultos; em Lifland, Petrogrado, Novgorod, Tver, Kaluga, Nijni-Novgorod, Ufa, Kharkov, Ekaterinoslav, Bessarábia, Podoliya, Volhynia e Vilno, de 26 a 50; em Vitebsk, Smolensk, Orlov, Poltava, Kiev, Kherson, Saratov e Orenburgo, de 51 a 75; em Minsk, Tula, Kursk, Voronezh, Tambov, Penza e Simbirsk, de 76 a 100; e com mais de 100 tumultos, as regiões de Pakov, Mogilev, Riazan, Kazan e Samara [24]. O quadro fala por si.

De 30 de maio a 5 de junho tem lugar a primeira Conferência plenária dos Sovietes de Petrogrado.

O Comité Executivo dos Sovietes de Petrogrado, que se negou a participar no Governo Provisório, apresentou-lhe as seguintes exigências:

«1. Amnistia completa e imediata a todos os acusados de crimes políticos e religiosos, actos de terrorismo, sublevações militares, etc..

2. Liberdade política em todas as suas formas: de expressão, de imprensa, de reunião e greve; essa liberdade aplicar-se-ia igualmente ao exército.

3. Organização do exército com base na autonomia (...).

4. Organização de uma milícia civil para manter a ordem, [dependente] das autoridades locais, eleitas com base em sufrágio universal, directo e secreto.

5. Abolição de todas as restrições de classe, nacionalidade e religião.

6. A guarnição de Petrogrado não seria afastada da cidade nem desarmada» [25].

O I Congresso Pan-Russo dos Sovietes Operários, ainda dominado por mencheviques e socialistas-revolucionários, tem lugar a 16 de junho (registe-se: depois do I Congresso dos Sovietes Camponeses de toda a Rússia). Neste Congresso, que restringiu a ação dos Comités de Fábrica, foi decidido que estes deviam «ser eleitos com base em listas designadas pelos sindicatos» [26].

Em agosto o general Kornilov, entretanto nomeado comandante supremo do Exército, tenta, e falha, um golpe de Estado.

Também em 1917 a Marinha russa teve um papel importante na luta contra o czarismo. E mais uma vez Kronstadt esteve na vanguarda, aplicando desde cedo (antes de março de 1917) o princípio da elegibilidade do comando. Em carta ao ministro da Guerra e da Marinha do Governo Provisório, Guchkov, os marinheiros de Kronstadt afirmavam: «Nós, marinheiros e soldados, pela vontade do antigo regime sabíamos apenas trabalhar com os braços e as pernas, não nos ensinavam a trabalhar com o cérebro; as vossas ameaças enganam-se no destinatário… Em Kronstadt, reflectimos com os nossos espíritos modestos e elegemos os nossos superiores começando nos cabos e acabando no comando da fortaleza. Se querem verificar as nossas capacidades, venham até nós e olhem. Garanto-vos que a capacidade militar da fortaleza é superior à que existia antes do primeiro de março. É o que vos diz um marinheiro raso, representante do povo livre. É o que vos dirá o comandante da fortaleza, o general Guerassimov» [27].

Neste período de fevereiro a outubro de 1917, sob a grande pressão das massas, a posição de Lenine insiste na tomada do poder, e o seu 'ímpeto revolucionário' merece-lhe, relata E. H. Carr, em “1917 – Antes y después”, a acusação de que, com estas posições, ele seria sim um discípulo de Blanqui ou Bakunine, mas não de Marx [28].

Mas mesmo a Revolução de 1905 não caiu do céu aos trambolhões. De facto, inscritos na memória revolucionária, ficaram para sempre as grandes lutas camponesas dos servos contra os seus senhores.

Agrilhoados pelo sistema de servidão imposto pelo império russo (e ainda agravado com o czar Aleixo, em 1649), que obrigava os camponeses a ficar amarrados às terras dos nobres sem as poderem possuir – podiam ser vendidos com elas – não foram poucas as revoltas que acabaram por eclodir em muitas paragens da Rússia imperial. Entre elas podemos apontar a Rebelião Bolotnikov [29], que decorreu entre 1606 e 1607, e a qual agrupou grandes hordas de camponeses descontentes e vagabundos sem terra; a Revolta cossaca de Bogdan Khmelnitski (de 1648 a 1657) [30], que embora não dirigida contra os czares, mas sim contra os senhores polacos, acabou por instituir uma preciosa autonomia cossaca, que acabou por persistir sempre na Rússia até ao poder bolchevique, as Revoltas do Sal (1648) [31] e do Cobre (1663-1664) [32], a Revolta de Stepan (ou Stenka) Razin (1667-1676) [33], contra a cobrança de impostos e a requisição militar dos camponeses,

que ocupou várias cidades importantes, entre elas Astrakhan e Samara (o que é muito interessante, dado serem estas duas das cidades que mais se opuseram aos bolcheviques após 1917), e que proclamou uma República Cossaca, em 1670, a Revolta de Kondrati Boulavine (de 1707 a 1708) [34], agrupando muitos camponeses fugitivos à arregimentação czarista, e a famosa Rebelião Pugachev (do nome do seu líder), que entre 1773 e 1775, se caracterizou por grandes revoltas nas zonas dos Urais e do Volga, o que levou a então czarina, Katarina II, a impor leis ainda mais severas, podendo agora os nobres deportar livremente os servos, separar famílias, etc. [35].

Por outro lado os servos podiam agora comprar a sua liberdade… se tivessem dinheiro [36].

Cinquenta e três revoltas camponesas de envergadura ocorreram neste período, embora não atingindo a importância das revoltas de Stepan Razin ou de Kondrati Boulavine [37].

Foi apenas sob o mandato do czar Alexandre II, em fevereiro de 1861, que foi decretado o fim do sistema de servidão. Embora a propriedade dos latifúndios não tivesse sido tocada, foram então libertados 22,5 milhões de camponeses servos. Segundo o censo de 1905 haveria cerca de 40 milhões de russos sem terras suficientes (mais exatamente 37 587 000 [38]). Muitos destes ex-servos, sem terra, acorreram às cidades e irão constituir o grosso do proletariado industrial nascente.

Aqueles que quisessem receber a terra tinham que a pagar em dinheiro, isto é, que a pagar com o seu trabalho, ao longo de anos, até a resgatar por completo. «Ao saírem da dependência da servidão, os camponeses deviam agrupar-se nas 'obshchinas', espécie de comunidades rurais» [39], literalmente “comunas”, também conhecidas como 'mir'. «A grande maioria de camponeses russos possuíam a terra dentro de uma comunidade 'mir', que atuava como governo local e cooperativa. Terras aráveis eram divididas em glebas baseadas na fertilidade do solo e distância da cidade. Cada família tinha o direito de reclamar uma ou mais faixas de terra dependendo do número de adultos da casa. A finalidade dessa divisão não era tanto social (a cada um segundo suas necessidades), mas prática (para que cada um pudesse pagar os seus impostos). As porções de terra eram periodicamente redivididas com base no censo, para garantir equidade na divisão das terras. Isso era vigiado pelo Estado, que tinha interesse no pagamento dos impostos» [40].

Mas se para o Estado, a “obshchina” tinha um papel funcional, ela, enquanto comunidade de iguais, foi também encarada pelos revolucionários russos, como uma base de caráter socialista, ao menos potencial. Alexander Herzen [41], o primeiro a lançar a palavra de ordem “Terra e Liberdade!” [42], defendeu na sua publicação “Kolokol”, em 1861, que «os camponeses devem possuir a terra em comum. E quando numa 'obshchina' houver gente a mais, deve ser dada a essa comunidade uma parte das terras utilizáveis ainda disponíveis» [43].

Também Tchernichevski [44] defendeu a 'obshchina'. Segundo Ida Mett (obra citada), «ele defendia que esta comunidade podia servir de base ao desenvolvimento socialista nos campos russos com a condição de se abolir a propriedade senhorial das terras e de se instalar uma república democrática».

De igual modo, ainda segundo Ida Mett na mesma obra, Bakunine defendeu a 'obshchina'. No “Narodnie Dielo”, por ele editado, pode ler-se no artigo-programa do primeiro número, de 1868: «A terra pertence apenas aos que a trabalham com as suas mãos – às 'obshchinas' agrárias».

Os marxistas, por outro lado, conforme referido ainda por Ida Mett na obra citada, punham em causa o papel do campesinato numa futura revolução. É esta a posição de Plekhanov [45], em 1889: «O movimento revolucionário russo triunfará apenas enquanto movimento operário ou então não triunfará», ou de Lenine, em 1906: «Os socialistas-revolucionários não têm a mais pequena ideia da estrutura económica do nosso campo nem da sua evolução; não fazem ideia nenhuma das relações burguesas que existem no interior da 'obshchina'» [46].

São assim duas posições em confronto, que sempre se irão degladiar no curso da revolução.

A escolha da futura via da coletivização forçada já vinha, pois, de longe.

Na Rússia imperial, o contacto com as ideias liberais vindas da Europa mais a sul trouxe uma grande vontade de mudança e o questionamento do sistema de servidão. Uma das revoltas mais importantes, de caráter militar, deu-se na sequência das invasões napoleónicas. No início pretendendo aprovar uma constituição mais liberal, os oficiais radicais, muitos deles membros de sociedades secretas, acabaram por aproveitar a questão da sucessão do czar Alexandre I, em 1825, para se oporem ao sucessor designado, Nikolai I, jurando lealdade ao menos autocrático Constantino, irmão menor do falecido czar, muito embora este já tivesse renunciado ao trono. Em dezembro de 1825 (daí esta revolta ter ficado conhecida como Revolta Dezembrista), os insurretos proclamaram Constantino como czar. Mas a revolta acabaria esmagada.

Ainda relativamente à questão dos precedentes da Grande Revolução Russa, para além das lutas camponesas e da dissidência instalada na elite imperial, atrás referidas, destaquem-se as intervenções teóricas de muitos revolucionários cuja origem social estava fora das classes populares. A revolta do campesinato russo é expressa nas suas demandas políticas. Além dos já citados Herzen, Tchernichevski, Bakunine, refiram-se evidentemente Piotr Kropotkin, e ainda, entre outros, o populista Piotr Lavrov, mais próximo de uma posição reformista, o nihilista Sergei Netchaiev, para quem os fins justificavam os meios revolucionários, o jacobino, em certo sentido próximo do anterior, Piotr Tkachov, que acreditava na necessidade de

uma direção revolucionária, nesse sentido, precedendo os bolcheviques.

Do ponto de vista estritamente político muitas correntes se insurgiram contra a servidão e o czarismo.

Inspirado no socialismo de Fourier [47], com a sua proposta de falanstério, e ainda antes das propostas de Herzen, refira-se o grupo de Petrashevsky, criado no início da década de 1840.

A partir de 1861 cresce a ideia da descida às massas que irá caracterizar o populismo revolucionário. Mas confrontado com o imobilismo das massas camponesas muitos destes revolucionários enveredam por uma via menos paciente, como Zaichnevsky ou Netchaiev, que não desdenhavam do recurso ao ato violento. Por volta de 1875 cria-se o grupo populista "Terra e Liberdade", que em breve se vai cindir, em 1879, a partir da disputa sobre o recurso ao terrorismo. Entre os que o defendem está o grupo nihilista "A Vontade do Povo", a quem se atribuiu o assassínio do czar Alexandre II e a tentativa de assassínio de Alexandre III. Alexandre Ulianov, irmão de Lenine, é um dos suspeitos da conspiração e, por tal, foi executado em 1887. Conforme relata Alexis Markoff, em "História da Rússia", citado por Ribeiro de Carvalho [48], no reinado de Alexandre II, entre outros factos, ter-se-iam verificado variados atentados.

Contra o terror e a via "política", surge a "Partilha Negra", cuja atividade principal foi a agitação a favor da redistribuição da terra entre os camponeses [49].

Confrontando a mesquinhez religiosa, o conformismo, a desigualdade, os nihilistas atacavam as «superstições, preconceitos, hábitos e costumes», conforme refere Kropotkin [50], eles opunham-se à civilização tradicional.

«A communhão das idéias entre a Russia e a Europa não se interrompe já agora, a despeito de todas as medidas preventivas da censura. Os livros prohibidos, como as obras de Proudhon, de Fourier, de Owen e de outros velhos socialistas, introduziram-se sempre na Russia clandestinamente, mesmo sob o despotismo asiaticamente feroz e desconfiado de Nikolai I» [51].

Também no campo da arte e da literatura a dissidência alastra. Escritores como Alexander Pushkin, Nikolai Ogarev, Vissarion Belinski, Ivan Turgueniev, Ivan Goncharov, Fiodor Dostoievski, Lev Tolstoi, para citar apenas alguns nomes, aspiram a uma outra sociedade.

Todas estas contribuições violentas, teóricas, ficcionais, todas as grandes lutas camponesas e o crescendo da aspiração à liberdade, contribuíram certamente, e muito!, para a Grande Revolução na Rússia, tendo deixado uma marca indelével de inconformismo e rebelião.

Tudo isto conforma o quadro da germinação e maturação das revoluções de 1917.

E uma das condições que a garantiram terá sido precisamente a grande diversidade e riqueza de ideias, motivando debates acesos, propostas e procura de caminhos para combater a opressão. Pelo contrário, a atmosfera sufocante da Rússia bolchevique, que não cessará de se acentuar desde os primeiros tempos até à Perestroika, deixará um rasto de sangue, pilhagem e opressão, tão pesado que o seu lastro constituirá um obstáculo terrível de ultrapassar para as primeiras gerações após a sua queda.

E assim se passou de S. Petersburgo a Petrogrado, desta a Leninegrado e daqui, de novo, a S. Petersburgo. Uma clara ilustração, ou melhor, um sinal do que afirmamos...

## 2. DECURSO

Se é verdade que a militarização do trabalho e a coletivização forçada das terras já estavam inscritas nos genes bolcheviques, também o é que nos primeiros dias após outubro 1917, eram grandes as esperanças numa emancipação social conduzida pelos sovietes.

É verdade que a partir de meados de 1918 estala a guerra civil contra os guardas brancos czaristas. Guerra esta que irá durar até fins de 1920, e que é apontada como a situação de emergência que motiva a tomada de certas medidas centralistas que seriam necessárias à defesa do novo governo, ainda que à custa da limitação do poder dos sovietes.

Mas como mostra de forma eloquente Maurice Brinton, na sua cronologia sobre o controlo operário na Rússia pós-17 [52], os sovietes foram desde muito cedo, e antes disso, afastados como empecilho do novo poder centralizado.

A I Conferência Pan-Russa dos Comités de Fábrica tem lugar de 17 a 22 de outubro, convocada pelo jornal anarquista "Novy Put" ("Novo Rumo"). De acordo com (de certo modo duvidosas) fontes bolcheviques posteriores, teriam nele participado 137 delegados, sendo que destes 86 já seriam bolcheviques, 22 socialistas-revolucionários, 11 anarquistas, 8 mencheviques, 6 maximalistas e 4 sem partido.

Mesmo assim, a 14 de novembro, e numa tentativa clara de limitar o poder dos Comités de Fábrica, muitas vezes refletindo influência anarquista, foi constituído o novo Conselho Pan-Russo do Controlo Operário, cuja composição foi definida pelo Partido, e ficou assim: cinco membros vindos do Executivo do Conselho Pan-Russo dos Sindicatos, cinco da Associação dos Engenheiros e dos Técnicos, dois da Associação dos Agrónomos, dois do Conselho Sindical de Petrogrado, um de cada Federação Sindical Pan-Russa com menos de 100 000 membros e dois para cada Federação com um número superior, e finalmente… apenas cinco do Conselho Pan-Russo dos Comités de Fábrica.

Relata ainda Maurice Brinton: «O Soviete Central dos Comités de Fábrica patrocinado pelos bolcheviques e criado depois do derrube do Governo Provisório foi liquidado tão rapidamente como tinha sido formado. O Centro Revolucionário dos Comités de Fábrica, de inspiração anarquista, e que já estava em funcionamento há vários meses, nunca

conseguiu suplantá-lo, tantos foram os obstáculos colocados no seu caminho» [53].

A 28 de novembro é publicado um decreto que estabelece um Conselho Superior da Economia Nacional (Vesenka), ao qual se atribuiu a incumbência de elaborar um plano económico e financeiro para o país. O Vesenka era constituído por alguns membros do Conselho Pan-Russo do Controlo Operário (concessão muito limitada e indireta ao Conselho Pan-Russo dos Comités de Fábrica), por uma representação alargada dos novos comissariados recém-criados, e por um certo número de peritos, nomeados a partir de cima, assinala Brinton. Além disto, o Vesenka estava diretamente ligado ao Conselho de Comissários do Povo (o Governo bolchevique).

A dirigente "comunista" Anna Pankratova, eleita em 1952 para o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, expõe, em "Fabzavkomy Rossii v borbe za sotsialisticheskuyu fabriku" ('Os Comités de Fábrica Russos na luta pela fábrica socialista'), Moscovo, 1923, citada por Brinton, uma esclarecedora explicação para este tratamento dado aos Conselhos Operários: «Precisámos de uma forma de organização mais eficiente que os Comités de Fábrica e de uma ferramenta mais flexível que o controle operário. Tínhamos que ligar a gestão das novas fábricas ao princípio de um único plano económico (…). Tendo libertado os Comités de Fábrica dos seus mandatos, que já não correspondiam às novas necessidades económicas, os operários delegaram a autoridade ao recém-criado organismo, o Conselho da Economia Nacional» [54].

A degradação política prossegue inexoravelmente. A 20 de dezembro, o órgão oficial dos sindicatos proclama: «Unindo-se organicamente a um partido político, os sindicatos, como organizações de luta do proletariado, devem apoiar as palavras de ordem políticas e tácticas do partido proletário» [55].

A 6 de janeiro de 1918 é dissolvida a Assembleia Constituinte [56].

De 7 a 14 de janeiro realiza-se em Petrogrado o I Congresso Pan-Russo dos Sindicatos. Relata Brinton, que os poucos delegados anarco-sindicalistas travaram uma desesperada batalha para preservar a autonomia dos Comités de Fábrica. Foi o caso de Grégori Maximov [57]. «Maximov exortou os delegados a lembrarem-se que "os comités de fábrica, organizações introduzidas pela luta no decurso da revolução, eram, entre todas, as que estavam mais próximas da classe operária, muito mais próximos do que os sindicatos"» [58].

Em março, Osinsky, Bukharine, Lomov, Smirnov, todos então da fração bolchevique dos "Comunistas de Esquerda" (Bukharine afastar-se-ia em breve desta tendência), que se tinha oposto às condições do Tratado de Paz de Brest-Litovsk, entretanto assinado, a 3 de março, são demitidos das posições de chefia no Conselho Económico Superior.

Ainda em março (no calendário gregoriano, entretanto estabelecido), depois de firmada a paz de Brest-Litovsk, «Trotsky, nomeado comissário dos Assuntos Militares (…) organizou rapidamente o Exército Vermelho. (…) Foram aparecendo, gradualmente, a obrigatoriedade de continência (saudação), assim como formas especiais de tratamento, quartos separados e outros privilégios para os oficiais. As formas democráticas de organização, incluindo a eleição dos oficiais, depressa desapareceram» [59]. Trotsky comentará que o princípio eletivo era «politicamente cretino e tecnicamente inconveniente» [60].

A 3 de abril o Conselho Central dos Sindicatos define as suas funções principais, de "disciplina no trabalho" e "sistema de incentivos", com vista ao aumento da produtividade.

A 11 e 12 de abril destacamentos armados da Tcheka, a polícia bolchevique, tomam de assalto 26 centros anarquistas em Moscovo e causam dezenas de mortos e feridos, fazendo mais de 500 prisões.

Em maio são encerrados vários jornais anarquistas, entre os quais os influentes "Burevestnik", "Anarkhia" e "Golos Truda".

De 24 de maio a 4 de junho reúne-se em Moscovo o I Congresso Pan-Russo dos Conselhos Económicos Regionais. Osinsky, do grupo dos "Comunistas de Esquerda", ataca o trabalho à peça e o taylorismo e pede um papel maior para os conselhos operários.

No decurso do Congresso um sub-comité aprovaria uma decisão em que dois terços dos representantes nos gabinetes de administração seriam eleitos pelos operários. Ao conhecer tal decisão, Lenine, que ficou furioso, tratou de a corrigir numa sessão plenária do Congresso, sendo então decidido que os operários não elegeriam mais do que um terço dos representantes.

A 25 de maio tem início a guerra civil. Como se vê, muita coisa se passou antes disso.

De 25 de agosto a 1 de setembro tem lugar em Moscovo a I Conferência Pan-Russa dos Anarco-Sindicalistas. Numa resolução apontam (Brinton citando M. Dobb) a traição do governo à classe operária, com «a supressão do controle operário em favor dos desvios capitalistas tais como a administração de um só indivíduo, a disciplina no trabalho e o emprego de engenheiros e técnicos 'burgueses'» [61]. E acusavam-se os bolcheviques de criar um monstruoso 'capitalismo de Estado'.

Cada vez mais centralizada e alheia ao proletariado que dizia defender, a nova ordem russa iria ainda receber mais uns ajustes com a militarização do trabalho proposta por Trotsky a 16 de dezembro de 1919.

Trotsky, o "Estaline falhado" (no dizer do sugestivo título de um livro de Willy Huhn, de 1952 [62]), em "Terrorismo e Comunismo", obra de 1920, mostra bem a sua conceção autoritária do poder bolchevique, ao abordar a militarização do trabalho: «Toda a história da humanidade é a história da organização e da educação do homem social pelo trabalho, com vista a obter dele uma maior produtividade. O homem, como já me permiti dizer, é um preguiçoso, isto é, esforça-se



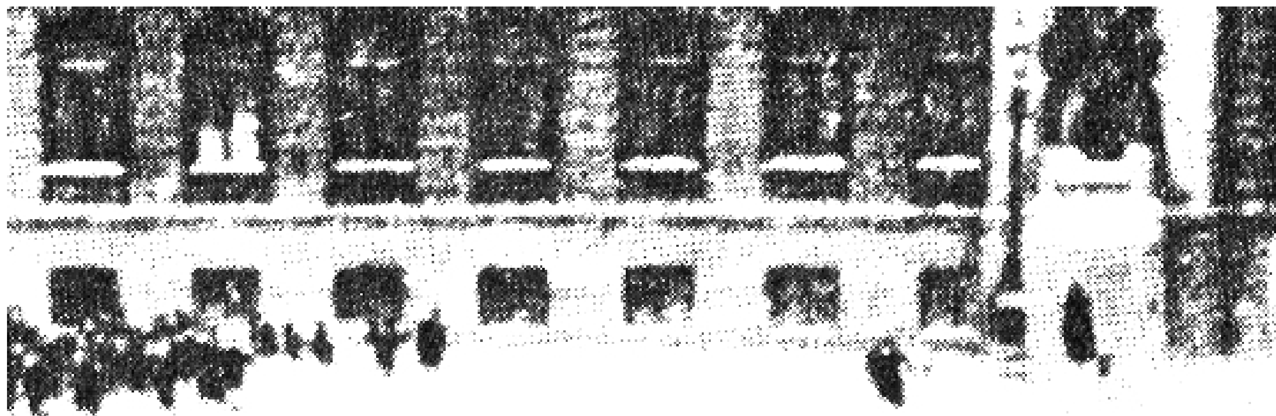
instintivamente por obter com o mínimo de esforços o máximo de produtos. Sem esta tendência não haveria desenvolvimento económico. O desenvolvimento da civilização mede-se pela produtividade do homem, e qualquer nova forma de relações sociais tem de ser sujeita à prova desta pedra de toque. (…) Por estas razões, os salários, tanto em dinheiro como em géneros, têm de concordar o mais exactamente possível com a produtividade do trabalho individual. Sob o regime capitalista, o trabalho por empreitada e por contrato, a entrada em vigor do sistema Taylor, etc., tinham como finalidade aumentar a exploração dos operários e roubar-lhes a mais-valia. Em consequência da socialização da produção, o trabalho por empreitada ou por contrato, etc., têm como finalidade um aumento da produção socialista e, portanto, um aumento do bem-estar comum. Os trabalhadores que concorrem mais que os outros para o bem-estar comum adquirem o direito de receber uma parte maior do produto social do que os preguiçosos, os indolentes e desorganizadores. (…) A repressão com vista à realização das tarefas económicas é uma arma necessária da ditadura socialista» [63].

Em novembro de 1920 termina a guerra civil.

E. H. Carr, em "1917 – Antes y después" [64], tenta justificar: «Digamos de passagem que a Grã-Bretanha e a Rússia são os dois únicos grandes países que realizaram a sua revolução industrial sem a ajuda do capital estrangeiro – circunstância que pode explicar alguns dos pouco afortunados rasgos que desfiguraram a ambos».

Mas mesmo entre os bolcheviques, como vimos, nem tudo era aceitável. Por exemplo, a 20 de dezembro de 1917, Lozovski protestava contra a política bolchevique de eliminar pela violência as greves operárias contra o novo governo. «A tarefa dos sindicatos e do poder soviético é o isolamento dos elementos burgueses que fomentam greves e fazem sabotagem, mas esse isolamento não deve ser levado a cabo





por simples processos mecânicos como prisões, envio para a frente de batalha ou privação das senhas de pão» [65].

A 20 de abril de 1918, o já referido grupo dos "Comunistas de Esquerda" denuncia, no seu órgão teórico "Kommunist" [66], «a política do trabalho destinada a implantar a disciplina entre os operários sob a bandeira da 'autodisciplina', a introdução do trabalho obrigatório para os operários, os pagamentos à peça e o prolongamento do dia de trabalho». Proclamava ainda que «a introdução da disciplina no trabalho juntamente com o restabelecimento da administração capitalista na indústria não pode na realidade aumentar a produtividade do trabalho. (…) Diminui a iniciativa da classe, a actividade e a organização do proletariado. Ameaça escravizar a classe operária. Despertará o descontentamento tanto entre os elementos mais passivos como entre a vanguarda do proletariado». O mesmo número do "Kommunist", cita ainda Maurice Brinton na obra referida, aponta os perigos



«da centralização burocrática, do papel dos vários comissários, da perda da independência dos sovietes locais e da rejeição, na prática, do tipo de comuna-Estado administrada pela base». Mas Lenine e a Direção do Partido não aceitam a existência da "organização separada" dos "Comunistas de Esquerda", e visam a sua suspensão. Brinton ressalta que isto se passa ainda em 1918, muito antes do X Congresso ter proibido oficialmente as tendências, em 1921. Os "Comunistas de Esquerda" são alvo de ataques e calúnias no sentido de os isolar.

Após a deserção deste grupo de vários bolcheviques, como Bukharine, a oposição mantém-se ainda, no grupo dos "Comunistas de Esquerda", agora chamado dos "Centralistas Democráticos", que se opunham ao "centralismo burocrático" da Direção do Partido. No IX Congresso, que decorre de 29 de março a 4 de abril de 1920, os "Centralistas Democráticos" (Osinsky, Smirnov, Sapronov, Preobrajensky, Bubnov) atacam veementemente Lenine e Trotsky, refere ainda Brinton.

A 25 de janeiro de 1921, e seguindo-se às críticas de Osinsky e dos "Centralistas Democráticos", que chegou a ser muito influente em Moscovo, são tornadas públicas as críticas da "Oposição Operária", o grupo de Alexandra Kollontai, Chliapnikov, Lutovinov, Milonov e outros, que parece ter chegado a dominar alguns órgãos locais do partido e algumas associações profissionais como o importante Sindicato dos Metalúrgicos.

As críticas da "Oposição Operária" denunciam, por exemplo, que «os especialistas, vestígios do passado, por sua natureza íntima e inalteravelmente ligados ao sistema burguês que queremos destruir, começam pouco a pouco a penetrar no nosso Exército Vermelho, introduzindo a atmosfera do passado (subordinação cega, obediência servil, condecorações, postos hierárquicos (…). O operário sente, vê e compreende, a cada instante, que os especialistas e, o que é mais grave, os pseudo-especialistas ignorantes, o põem à margem, ocupando todos os altos postos administrativos das instituições industriais e económicas. E, em lugar de travar esta tendência proveniente de elementos completamente estranhos à classe operária e ao comunismo, o Partido encoraja-a e procura sair do caos industrial apoiando-se não nos operários, mas precisamente nesses elementos». (…) A desigualdade crescente entre os grupos privilegiados da população da Rússia Soviética e os operários de base, o "esqueleto da ditadura", mantém e alimenta o descontentamento.

O operário vê como os funcionários soviéticos e os "arrivistas" vivem e vê como ele próprio vive (…).

O mal da burocracia não reside apenas na papelada, como certos camaradas pretendem fazer-nos acreditar, desviando o fundo da controvérsia para a "animação das instituições soviéticas". O mal reside em que a solução de todos os problemas não é procurada através da livre troca de opiniões ou através da intervenção de todos os que são directamente interessados, mas através de decisões formais tomadas pelas instituições centrais. Estas decisões são transmitidas à base, já inteiramente elaboradas por pessoas ou colectivos extremamente restritos, enquanto os interessados ficam quase sempre totalmente de fora (…). Não pode haver actividade autónoma sem liberdade de pensamento e de opinião, pois aquela manifesta-se não só na iniciativa, acção e trabalho, mas também no pensamento independente» [67].

A "Oposição Operária" confiava, ainda, contudo, numa regeneração do Partido, apresentando várias condições para tal, segundo a sua plataforma: escorraçar a burocracia, expulsar do Partido todos os elementos não proletários, eliminar os elementos não operários dos postos administrativos, voltar ao princípio da elegibilidade dos responsáveis, submeter as questões importantes ao escrutínio dos militantes de base [68].

Organizada no outono de 1921, depois do lançamento da NEP ("nova política económica"), caracterizada pela devolução das pequenas explorações agrícolas, industriais e comerciais à iniciativa privada, o grupo "Verdade Operária", mais crítico do Partido, relativamente ao qual já não via regeneração possível, por sua vez, proclamava: «A classe operária russa está desorganizada, reina a confusão nas cabeças dos trabalhadores; será que eles vivem num país de "ditadura do proletariado", como repete em cada momento, oralmente e por escrito o partido comunista, ou vivem num país de capricho e de exploração, como lhes diz constantemente a realidade? A classe operária leva uma amarga existência, enquanto que a nova burguesia (quer dizer, os funcionários responsáveis, os directores de fábrica, os dirigentes de 'trusts', os presidentes do comité executivo, etc.) e as pessoas da NEP levam uma vida luxuosa, que nos faz lembrar a burguesia de todos os tempos (…). O partido comunista, durante os anos da revolução, perdeu uma parte da classe operária, porque esse partido assemelha-se cada vez mais a um partido regido por princípios capitalistas, quer no aparelho do partido, quer na vida económica, e porque o atraso e desorganização da classe operária tornava impossível a conexão e a comunhão com o proletariado. A burocracia dos sovietes, do partido e dos sindicatos, como também os planificadores do capitalismo de Estado, vivem em condições materiais muito distantes das condições de existência da classe operária. O seu bem estar material e a estabilidade da sua posição, estão em geral em proporção com o grau de exploração das massas operárias. Tudo isto torna, inevitavelmente, opostos os interesses de ambos e aprofunda o abismo que separa o partido comunista da classe operária (…). O PCR é hoje um partido da "intelligensia" da planificação, o abismo entre o PCR e a classe operária avoluma-se cada vez mais e isso não pode ser encoberto por nenhuma resolução ou conclusões dos congressos e conferências comunistas, etc.» [69].

Também o Grupo Operário, de Miasnikov (com Kuznetsov, vindo da "Oposição Operária", Moiseev, Mach, Shokanov e

outros), surgido em 1923, foi um crítico duro da Direção bolchevique.

Miasnikov, inclusive, ao contrário, de outros membros das oposições (como Chliapnikov, da "Oposição Operária"), já antes não se tinha colocado ao lado da Direção do Partido aquando do esmagamento do Soviete de Kronstadt. Também ainda antes do surgimento formal do Grupo Operário, no seu 'Memorándum' de maio de 1921, Miasnikov defendeu a liberdade de imprensa para todos, desde os monárquicos aos anarquistas.

O Manifesto do Grupo Operário, segundo Paul Avrich, «recapitulava o programa dos primeiros escritos de Miasnikov: autodeterminação operária e autogestão, destituição dos especialistas burgueses dos cargos de autoridade, liberdade de discussão interna no partido e uma nova eleição dos sovietes centrados nas fábricas. Como já o havia feito anteriormente, Miasnikov protestou contra a arbitrariedade administrativa, a burocracia em expansão, o predomínio dos não-operários dentro do partido e a supressão do debate e iniciativa local. Denunciou que a direção do partido não tinha confiança nos trabalhadores, em cujo nome dizia governar» [70].

«O tempo em que a classe operária podia melhorar a sua situação material e legal mediante greves e ações parlamentares passou irremediavelmente, declarava o Manifesto. "Para acabar com a exploração e a opressão, o proletariado deve lutar não por mais kopecks, ou por uma jornada laboral mais breve. Isso era antes, agora trata-se da luta pelo poder". Não havia que tolerar nenhum compromisso com a ordem existente. "Os trabalhadores dos países industrializados, deviam continuar a pressionar com a revolução social, não num futuro distante, mas agora, hoje e amanhã (...)"», proclamava, rejeitando a colaboração de classes definida pela NEP, relata ainda Avrich, no texto citado.

Mas a posição de Miasnikov, cada vez mais perseguido pela repressão do poder dito "soviético" vai levá-lo a distanciar--se cada vez mais.

Todas estas oposições foram caluniadas, perseguidas e silenciadas. Lenine, Trotsky e, em geral, toda a Direção bolchevique, mostraram desde cedo como se fazia. Estaline foi um mero continuador, aprofundando estes processos a um nível demencial.

A importância destas oposições é bem demonstrada pela Conferência Regional do Partido, em Moscovo, reunida em novembro de 1920. Nela, os membros da "Oposição Operária", dos "Centralistas Democráticos" e do grupo de Ignatov (que mais tarde também irá integrar a "Oposição Operária"), obtiveram 124 lugares contra 154 dos partidários do Comité Central, o que fez soar os alarmes e desencadear todos os métodos bem conhecidos de desacreditação dos adversários [71].

A incomodidade das críticas da Oposição Operária e a sua influência no importante Sindicato dos Metalúrgicos revelaram-se também na conferência deste sindicato, em maio de 1921. «O Comité Central do Partido apresentou uma lista de candidatos para os postos de direcção do sindicato. Os delegados dos metalúrgicos recusaram essa lista mas "o seu gesto revelou-se inútil: a direcção do Partido nomeou friamente os seus próprios candidatos para os postos dirigentes do sindicato, e a Oposição caiu". Em Março de 1922, uma nova conferência do sindicato dos metalúrgicos teve lugar. A política do sindicato foi decidida pela fracção do Partido cujas reuniões brilharam pela presença de metalúrgicos ilustres como Lenine, Kamenev, Zinoviev, Molotov, Estaline, Cachin… e Clara Zetkin» [72].

Fora da Rússia o curso da Revolução não passou despercebido.

Embora inicialmente defendendo o papel do partido bolchevique e a sua liderança leninista-trotskista, também Rosa Luxemburgo, precocemente desaparecida, teve todavia ainda tempo de apontar a deriva autoritária que cedo se impôs na Rússia pós-17: «A liberdade reservada só aos partidários do governo e aos membros de um partido – por muitos que sejam – não é liberdade. A liberdade é sempre pelo menos a liberdade daquele que pensa de maneira diferente. (…) Se sufocarmos a vida política em todo o país, a paralisia apodera-se fatalmente da vida dos sovietes. Sem eleições gerais, sem uma ilimitada liberdade de imprensa e de reunião, sem debate livre de opiniões, a vida estiola em todas as instituições públicas, vegeta, e a burocracia continua a ser o único elemento activo» [73].

Na luta que entre si, mais tarde, travaram os grupos bolcheviques de Estaline e Zinoviev, diria o primeiro, confrontando o seu rival, que «o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, ou mais exatamente, é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, a teoria e a tática da ditadura do proletariado em particular» [74]. Ao passo que Zinoviev, em texto publicado no "Pravda", a 3 de fevereiro de 1924, teria definido: «o leninismo é o marxismo da época das guerras imperialistas e da revolução mundial, que começou diretamente num país em que predomina o campesinato", passo que Estaline sublinhava, acusando Zinoviev de, desta forma, transformar o leninismo de doutrina internacional proletária, em produto especificamente russo» [75].

Mas uma crítica justa e conforme à verdade histórica não poderia abordar a questão da revolução social na Rússia senão na base de que «a gestão da produção pelos próprios produtores, que implica o domínio total do produtor sobre o processo de produção é o único meio de superar as relações de produção autoritárias, quer dizer capitalistas (explorador, dirigente/explorado, executante) ou classistas em geral (quer dizer de uma sociedade dividida em classes) e criar uma sociedade comunista e libertária. A construção desta sociedade comunista e libertária, quer dizer a emancipação da classe operária, será a obra CONSCIENTE de TODOS os trabalhadores LIVREMENTE ASSOCIADOS entre eles ou não será». [76]

## 3. COLAPSO

Episódios particulares do ocaso da Revolução Russa, o esmagamento do soviete de Kronstadt e o esmagamento da Makhnovitchina, ambos em 1921, marcaram definitivamente o seu fracasso e revelaram cruamente e talvez mais que quaisquer outros, o seu epílogo.

Já muito antes, a 14 de abril de 1918, os bolcheviques tinham ensaiado o terror e a tirania, tomando de assalto as sedes anarquistas em Moscovo, que foram cercadas e sujeitas a tiro de metralhadora e de canhão. O bombardeamento – dirigido pessoalmente por Béla Kun, futuro líder da República "Comunista" húngara –, durou toda a noite, e foi tão violento que se poderia acreditar ser obra de um exército estrangeiro empenhado em tomar a cidade, aponta Rudolf Rocker [77]. «Os tiros de canhão tinham transformado as casas em semi-ruínas, entre os móveis em bocados e as paredes em derrocada, nos corredores e no pavimento, por todo o lado, havia cadáveres no chão. Por toda a parte podiam ver-se também restos sangrentos de corpos humanos, cabeças, braços, intestinos ou orelhas e o sangue escorria pelas caleiras» [78].

A indignação foi tão grande que Lenine e Trotsky se viram obrigados a "explicar" que se tratava somente dos anarquistas que não aceitavam o poder bolchevique. Ainda assim as organizações anarquistas foram dissolvidas, as suas livrarias e bibliotecas fechadas, a sua literatura queimada em auto de fé [79].

A 25 de agosto de 1918, no Congresso da Confederação Pan-Russa dos Anarco-Sindicalistas, a seguinte resolução foi adotada:

«1 – Lutar contra o poder de Estado e o capitalismo; reunir os sovietes independentes em federações e empreender a reunião das organizações operárias e camponesas independentes, de acordo com o ramo de produção;

2 – Recomendar aos trabalhadores a criação de sovietes livres e a luta contra a instituição dos conselhos de comissários do povo, porque eles representam uma forma de organização que só pode ter consequências funestas para a classe operária;

3 – Dissolver o exército militarista e armar os operários e camponeses; explicar-lhes ao mesmo tempo a caducidade da noção de "pátria socialista", porque a pátria dos operários e camponeses não pode ser senão o mundo inteiro;

4 – Lutar da maneira mais firme contra os contra-revolucionários checoslovacos e todas as outras tentativas imperialistas, sem esquecer que o partido ultra-revolucionário dos Bolcheviques tornou-se ele também, conservador e reacionário;

5 – Colocar diretamente nas mãos das organizações operárias e camponesas a distribuição de víveres e outros bens de consumo; parar as expedições armadas contra os camponeses, que os tornam hostis aos operários, enfraquecendo assim a solidariedade entre operários e camponeses e trazendo o preconceito à frente revolucionária, em proveito da contra-revolução» [80].

Mas o exercício da arbitrariedade, da tirania e do terror não se exerceu apenas sobre os anarquistas ou sobre as experiências sociais influenciadas fortemente por estes. Isso mesmo aponta René Berthier na sua obra sobre Outubro de 1917. Um destes exemplos foi a Revolta de Astrakhan: «(..) Na embocadura do Volga, no centro de uma grande região produtora de trigo e rica em peixe, os operários morriam de fome. Nem sequer tinham o direito de pescar para as suas necessidades individuais. Em março de 1919 puseram-se em greve. Uma concentração de 10 000 operários foi dispersa, a 10 de março de 1919, a metralhadora e à granada, e depois pela artilharia pesada. Trotsky enviou um telegrama às autoridades comunistas da cidade: "Reprimam sem piedade!". A 12 de março, uma loucura assassina apoderou-se das autoridades. Fuzilava-se nas caves das esquadras, nos corredores, deitavam-se os operários, de punhos e pés atados ao Volga. Os cadáveres de operários fuzilados juncavam as ruas pela manhã. A 13 e 14 de março, as execuções ainda continuavam. «O poder parecia exercer a sua vingança sobre os operários de Astrakhan por todas as greves operárias, as de Tula, de Briansk, de Petrogrado, cujas vagas tinham assolado o país em março de 1919. Não foi senão no final de abril que as execuções começaram, pouco a pouco, a ser menos numerosas». (P. Siline, citado por Jacques Baynac, "La Terreur sous Lénine" ("O Terror sob Lenine"), ed. Sagittaire, p. 166). A cidade estava despovoada dos seus operários, que tinham fugido. Foi necessário fazer intervir a cavalaria para os recuperar nas planícies, e obrigá-los a voltar à cidade. Os operários, dos quais 2 000 dos seus companheiros foram mortos aquando do metralhamento da sua manifestação e muitos milhares de outros aquando da repressão que se seguiu, foram obrigados a assistir às exéquias dos 47 tchekistas que tinham sido mortos nos acontecimentos» [81].

Outro exemplo, este até anterior e bastante mais importante, é a Revolta de Samara, estalada a 1 de maio de 1918 naquela cidade situada nas margens do Volga, e do qual nos chegou o relato "O levante anarquista e maximalista em Samara, 1918", da autoria de Nick Heath [82].

Cidade com forte influência anarquista e maximalista (fação de esquerda dos socialistas-revolucionários, organizada em partido – a União de Socialistas-Revolucionários Maximalistas –, a partir de 1906, muito antes, portanto, da cisão dos socialistas-revolucionários de esquerda, ocorrida em 1917), Samara foi palco de uma das maiores sublevações contra o poder bolchevique. Muitos destacamentos anarquistas operavam na região, lutando contra o Exército Branco, como o Esquadrão Ligeiro do Norte liderado por Smorodinov, o 3º Esquadrão do Norte, de Fedor Popov, o 1º Destacamento Anarquista dos Marinheiros, e outros. Na primavera de 1918 seria cerca de mil o número de anarquistas armados e organizados militarmente.

Ao avanço das tropas brancas, os bolcheviques prepararam-se para comandar todas as forças contra aqueles, mas os destacamentos anarquistas rejeitaram a autoridade dos especialistas militares e dos comissários políticos bolcheviques. «Após vários combates com os destacamentos cossacos de Orenburgo, Popov e Smorodinov recuaram e tomaram uma grande área no condado de Buguruslan. Smorodinov, com 600 guerrilheiros em carros blindados, ocupou a cidade de Buguruslan. Lá, por três meses, organizaram uma área autônoma com algumas vintenas de vilas camponesas com uma população de alguns milhares, que funcionava sob princípios anarquistas» [83].

Força política influente e cujas ideias a pouco e pouco a aproximaram dos anarquistas, os maximalistas organizaram os seus próprios destacamentos militares na região de Samara, dirigidos por Alexander Dorogoychenko, editor do jornal maximalista "República dos Trabalhadores", e que era também comissário provincial da Agricultura. Outro maximalista, Kuzmin, era comissário das Finanças e membro do Colégio Militar.

Entretanto, os bolcheviques, no princípio de abril de 1918, começaram a tentar esmagar os seus críticos à esquerda. Assim, a 6 de abril atacaram a Federação Anarquista de Rostov, a 12 de abril foram os ataques em Moscovo contra os centros anarquistas e, de meados de abril ao começo de maio, muitos grupos e federações anarquistas foram atacados, como em Saratov e Tsaristsyn.

Reagindo a estes ataques, no 1º de Maio, os estivadores de Samara, com apoio dos anarquistas, lançaram uma mobilização geral sob a consigna de "Abaixo a Comissariocracia!". No dia 6 de maio os bolcheviques desarmaram o destacamento de Smorodinov e, no dia 8, o Conselho da cidade de Samara, controlado pelos bolcheviques começou a referir-se aos "bandos de anarquistas e maximalistas", apelidados agora de "contra-revolucionários." Popov foi preso e o seu destacamento igualmente desarmado.

O III Congresso Russo dos Maximalistas, reunido entre 10 e 15 de maio, expressou a sua inquietação sobre o curso da revolução, denunciando os ataques bolcheviques contra os seus grupos em Izhevsk, Samara e Votkinsk.

O VI Congresso Provincial dos Sovietes de Samara reuniu precisamente por esta altura. Os bolcheviques, liderados por Galaktionov, exigiram uma nova confiscação de alimentos, enquanto os maximalistas, de Dorogoychenko, propunham o fim da política partidária no soviete e a eleição de um Comité Executivo Provincial apartidário. De repente Popov apareceu no Congresso, exigindo o fim da confiscação e requisição de alimentos, resoluções que foram aprovadas por maioria. Dorogoychenko foi eleito presidente do Comité Executivo Provincial, ainda que o município se mantivesse na mão dos bolcheviques. O órgão provincial exigiu, por sua vez, ao Conselho Municipal a libertação dos revolucionários não bolcheviques presos, o rearmamento dos seus destacamentos e a suspensão das proibições sobre a imprensa revolucionária local.

Quando começaram a surgir notícias sobre o avanço dos brancos contra Samara, os bolcheviques decidiram requisitar todos os cavalos para utilização militar, embora muitos dos camponeses dependessem em absoluto deles para sobreviver. A revolta não se fez esperar e a Câmara Municipal foi tomada pelos insurgentes que, a 18 de maio tomam também a estação dos correios e telégrafos, as esquadras da polícia e as prisões, de onde libertaram os prisioneiros.

A 19 de maio os bolcheviques contra-atacam e retomam a Câmara, dissolvem o Comité Executivo Provincial, tomam de assalto os centros anarquistas e fuzilam centenas de revoltosos.

No dia 5 de junho, contudo, 150 combatentes do Esquadrão Ligeiro Anarquista atacam a prisão de Samara e libertam 470 prisioneiros, ainda a tempo de os poupar aos contra-revolucionários checos que, no dia seguinte tomaram Samara.

Depois destes acontecimentos Dorogoychenko foi para Moscovo, onde prosseguiu as suas atividades maximalistas, antes de se tornar anarquista. Retornou a Samara em 1923, onde fundou uma filial da Cruz Negra Anarquista.

Ainda outra sublevação importante, iniciada em agosto de 1920, foi a Revolução de Tambov [84], que ficou também conhecida como Antonovitchina, à semelhança da Makhnovitchina (com Makhno) na Ucrânia, e que foi liderada pelo socialista-revolucionário Alexander Antonov e pela União dos Camponeses Trabalhadores.

Tudo começou quando os camponeses da região de Tambov se viram forçados à aceitação da expropriação dos seus excedentes de produção imposta pelos bolcheviques, e à fixação de quotas mínimas obrigatórias para a produção agrícola futura.

A revolta adquiriu tais proporções que obrigou os bolcheviques a criar a Comissão Plenipotenciária do Comité Executivo Central da Rússia do Partido Bolchevique para a Liquidação do Bandistismo na Província de Tambov, e a enviar as unidades do Exército Vermelho de mais de 30 000 soldados, comandadas por Tukhachevsky, que teve de usar artilharia pesada e mesmo armas químicas remanescentes da I Guerra Mundial para combater os camponeses rebeldes.

Muitos dos familiares dos insurretos foram detidos em campos de concentração. Mesmo assim a revolta só foi esmagada em meados de 1921. Antonov e alguns dos líderes camponeses, todavia, conseguiram escapar, conduzindo ainda durante bastante tempo, uma luta de guerrilhas, até que foram mortos em combate ou abandonaram a luta. Antonov foi finalmente morto quando a NKVD encontrou o seu esconderijo e se preparava para o prender, a 15 de maio de 1924.

Mas o canto do cisne da revolução terá sido mesmo a sublevação de Kronstadt, sentinela do Báltico.

Kronstadt, joia da Revolução Russa, na primeira linha

dos acontecimentos em 1905 e 1917, foi também uma sentinela viva do curso da revolução soviética.

Conforme aponta Ida Mett, desde cedo no processo revolucionário «em Kronstadt instalou-se o poder total do soviete, pelo qual os marinheiros e soldados tiveram um respeito sem limite. O soviete era o seu único senhor» [85].

Quando Kerensky, em julho de 1917, exigiu a Kronstadt a prisão dos "cabecilhas" rebeldes da esquadra do Báltico, estes responderam: «Desde que existe na Rússia um movimento operário, em resposta a semelhantes exigências de denúncia dos cabecilhas, os operários grevistas sempre responderam corajosamente: "Entre nós não existem cabecilhas; todos nós somos os cabecilhas das greves". Seguindo o exemplo dos nossos predecessores no movimento revolucionário, temos obrigação de dar a mesma resposta» [86].

Confrontados com a rebeldia de Kronstadt em 1921, os dirigentes bolcheviques (Trotsky em particular) empenharam-se em proclamar que o Kronstadt de 1921 já não representava o mesmo de 1917, porque estaria desfalcado dos seus melhores elementos. Estaria agora até infestado de kulaks (camponeses abastados).

Segundo relata Ida Mett, é verdade que, em 1917, «o ódio dos marinheiros cronstadianos contra o governo provisório se explicava em grande parte pela sua política agrária. Foi sem dúvida em razão da sua política de sabotagem que os marinheiros cronstadianos detiveram na rua de Petrogrado, aquando da manifestação de 3 de Julho, o ministro da Agricultura, Victor Tchernov. Os marinheiros e soldados de origem camponesa sentiam o maior ódio por esse "ministro da estatística", conta Raskolnikov nas suas memórias. Isso não impediu Trotsky, que preservou Tchernov do linchamento dos marujos, de os qualificar nesse mesmo dia de "beleza e orgulho da revolução russa".

Na realidade, nem o proletariado russo em geral, nem os marinheiros cronstadianos em particular, tinham em 1917 rompido os seus laços com o campo. Mas é falso dizer que durante o período que vai de 1917 a 1921 o número de "kulaks" tenha aumentado na marinha [87]».

«A insurreição de Kronstadt aconteceu três meses após a liquidação da última frente de guerra civil na Rússia europeia», lembra ainda Ida Mett.

Enquanto se abria um fosso entre as regalias de meia dúzia de especialistas e dirigentes do partido e as dificuldades do proletariado, o descontentamento alastrava. E isto mesmo entre os elementos operários e marinheiros ligados aos bolcheviques. Tanto assim era que a 15 de fevereiro de 1921, na II Conferência Comunista da Esquadra do Báltico, que reuniu 300 delegados, estes votaram favoravelmente a seguinte resolução: «A segunda conferência dos marinheiros comunistas opina que o trabalho do Poubalt (secção política da esquadra báltica) é tão mal feito que provoca os seguintes factos:
1º – O Poubalt não só se separou das massas como também dos funcionários activos e transformou-se em órgão burocrático que não goza de autoridade alguma junto dos marinheiros;
(…)
3º – O Poubalt, ao separar-se totalmente das massas do Partido, destruiu qualquer iniciativa local (…); durante o período de Junho a Novembro, 20% dos comunistas abandonaram o Partido (…) [88]».

A situação operária tinha-se degradado de tal forma que muitos daqueles que ainda tinham parentes no campo voltavam para lá em busca de melhores condições de sobrevivência, o que contradiz fortemente a versão oficial de que o aumento das greves em Petrogrado e noutras cidades se deveria a uma maior presença de elementos camponeses, distantes das aspirações proletárias.

Ao inteirarem-se do aumento das greves em Petrogrado e da resposta do Comité de Defesa (nomeado pela Direção bolchevique), limitando a circulação na cidade e proibindo os comícios, concentrações e reuniões, os marinheiros de Kronstadt tornaram pública a 28 de fevereiro de 1921, a seguinte resolução, aprovada por votação:

«Tendo ouvido os representantes das equipagens delegados pela Assembleia geral dos navios para se inteirar da situação em Petrogrado, os marinheiros decidem.
1º – Dado que os sovietes actuais não exprimem a vontade dos operários e camponeses, organizar imediatamente reeleições para os sovietes por voto secreto com o cuidado prévio de organizar uma propaganda eleitoral livre;
2º – Exigir a liberdade de palavra e de imprensa para os operários e camponeses, os anarquistas e os partidos socialistas de esquerda;
3º – Exigir a liberdade de reunião e a liberdade das organizações sindicais e das organizações camponesas;
4º – Organizar o mais tardar para 10 de Março de 1921 uma conferência de operários sem partido, soldados e marinheiros de Petrogrado, de Kronstadt e do departamento de Petrogrado;
5º – Libertar todos os prisioneiros políticos dos partidos socialistas, assim como todos os operários e camponeses, soldados vermelhos e marinheiros presos dos diferentes movimentos operários e camponeses;
6º – Eleger uma comissão para a revisão dos processos dos detidos nas prisões e nos campos de concentração;
7º – Suprimir todas as Secções Políticas, pois nenhum partido deve ter privilégios para a propaganda das suas ideias nem receber do estado recursos com essa finalidade. Em seu lugar devem ser criados círculos culturais eleitos com recursos provenientes do estado;
8º – Suprimir imediatamente todos os destacamentos de barragem;
9º – Tornar igual a ração para todos os trabalhadores, excepto nas profissões insalubres e perigosas;
10º – Suprimir os destacamentos de combate comunistas nas unidades militares e fazer desaparecer o serviço de

guarda comunista nas fábricas. Em caso de necessidade desses serviços de guarda, designá-los por companhia em cada unidade militar tendo em conta a opinião dos operários;
11º – Dar aos camponeses a liberdade de acção completa sobre a terra, bem como o direito de possuir gado, de que eles próprios deverão cuidar sem utilizar o trabalho de assalariados;
12º – Pedir a todas as unidades militares bem como aos camaradas 'koursantys' [alunos das escolas militares] que se associem à nossa resolução;
13º – Exigir que seja dada na imprensa larga publicidade a todas as resoluções;
14º – Designar uma direção de controle móvel;
15º – Autorizar a produção artesanal livre que não utilize trabalho assalariado» [89].

A resolução de Kronstadt afrontava diretamente os privilégios bolcheviques. Nesse sentido, para estes, era naturalmente inaceitável.

Repare-se também como ela é clara na formulação de um programa de aliança operário-camponesa.

A 1 de março, na presença do presidente do Comité Pan-Russo dos Sovietes, Kalinine, e do comissário político da frota báltica, Kouzmine, a assembleia do soviete de Kronstadt aprovou por unanimidade exceto dois votos (o de Kalinine e o de Kouzmine) a resolução dos marinheiros proclamada a 18 de fevereiro.

A 2 de março e sob a ameaça de ataque armado, os cronstadianos elegeram um comité revolucionário provisório constituído por Petrinchenko (furriel-chefe do navio de linha Petropavlovsk), Yavokenko (telefonista da secção de Kronstadt), Ossossov (maquinista do navio de linha Sebastopol), Arkhipov (chefe mecânico), Perepelkine (eletricista do Sebastopol), Petrouchev (chefe eletricista do Petropavlovsk), Koupolov (chefe enfermeiro), Verchinine (marinheiro do Sebastopol), Toukine (operário eletricista na fábrica Eletrotechnique), Romanenko (operário de manutenção das docas), Orechine (diretor da escola de trabalho), Valk (operário carpinteiro), Pavlov (operário de uma oficina de minas), Boikov (chefe de comboio do serviço de construção da fortaleza) e Kilgast (piloto de longo curso). Mais tarde juntar-se-lhe-iam mais cinco elementos. Como faz notar Ida Mett, «vê-se, por esta lista, que os membros do comité revolucionário provisório eram em grande parte marinheiros já com longo serviço, o que contradiz a versão oficial segundo a qual a revolta era dirigida por elementos recentemente entrados na marinha» [90].

Fazendo uso de recursos que se tornaram habituais, a Rádio Moscovo apressou-se a difamar a revolta de Kronstadt. No seu comunicado "Pela Luta contra a Conspiração da Guarda Branca" acusava os revolucionários de Kronstadt de serem dirigidos pelo antigo general Kozlovsky, na verdade um dos primeiros militares a passar-se para o lado dos vermelhos, e o qual não teve nenhum papel de relevo na revolta, sendo apenas especialista de artilharia. Mas outros generais de carreira com importante papel no Exército Vermelho não incomodavam Trotsky ou Zinoviev, como Tukhachevsky, Avrov e outros, lembra ainda Ida Mett.

Para combater os revoltosos, os bolcheviques, através do Comité de Defesa, lançaram mão do terror. A 5 de março anunciaram a prisão das famílias dos marinheiros, justificada como medida de defesa pela segurança dos comunistas presos em Kronstadt.

O Comité Revolucionário de Kronstadt respondeu declarando que os comunistas gozavam «de inteira liberdade e as suas famílias de uma inviolabilidade absoluta»; e que se recusava «a seguir o exemplo do soviete de Petrogrado, porque considera uma tal maneira de agir, mesmo quando ditada por um ódio feroz, como vergonhosa e baixa sob todos os aspectos».

Ainda na mesma data, o Comité de Defesa exigiu a rendição completa de Kronstadt. E lançava mão da calúnia, acusando os revoltosos de estarem ao serviço da espionagem francesa e dos generais czaristas.

Kronstadt respondeu proclamando: «(…) Somos pelo poder dos sovietes e não pelo de um partido, somos pela representação livremente eleita das massas trabalhadoras. Os sovietes falsificados, monopolizados pelo partido comunista, ficaram surdos face às nossas reivindicações, e só recebemos fuzilamentos em resposta a elas.

(…) Em Kronstadt, o poder encontra-se nas mãos dos marinheiros, dos soldados vermelhos e dos operários revolucionários, e não nas dos guardas brancos, com o general Kozlovsky à frente, como afirma a rádio caluniadora de Moscovo» [91].

A 7 de março, o Conselho Revolucionário Militar, presidido por Trotsky, lançava o Exército Vermelho ao assalto da fortaleza de Kronstadt.

Mas Kronstadt iria resistir até 18 de março.

Depois do seu esmagamento, o Partido tomou medidas, depurando a Marinha de elementos indesejáveis. Ida Mett refere que foram expulsos da frota 15 mil marinheiros, ou porque eram "dispensáveis" ou porque eram "pouco seguros do ponto de vista político".

A destruição da Makhnovitchina é quase simultânea com a de Kronstadt.

Insurreição social baseada na tradição revolucionária dos camponeses da Ucrânia, ela irrompe nas regiões rurais, afrontando os vários senhores que se opuseram à Revolução Russa, fossem eles os ocupantes austro-alemães ou os reacionários ucranianos. Na luta contra os agrários e os austro-alemães nasceu o movimento revolucionário dos camponeses da Ucrânia "Insurreição Revolucionária". Os camponeses em revolta, que se apoderavam das terras dos agrários aliados dos austro-alemães, eram por sua vez fuzilados e queimados todos os seus haveres. A situação de terror por parte dos poderosos intensificou-se nos meses de













Fotogramas do filme de animação "Soviet toys", de Dziga Vertov, 1924

junho, julho e agosto de 1918, relata Archinov, na sua "História do Movimento Makhnovista" [92]. Necessitando agrupar-se em organizações de defesa, foi no sul da Ucrânia, na região de Gulaï-Polé, que essa organização foi mais longe, «não somente com o fim da defesa mas também e sobretudo tendo em vista a destruição geral e completa da contra-revolução agrária» [93].

A Revolução de 1905, tendo alastrado a muitos setores camponeses da Ucrânia, levou até estes, entre outras, as ideias anarquistas, que conquistaram Nestor Makhno, filho de camponeses pobres, nascido na região de Gulaï-Polé em 1889 e preso sob a acusação de associação anarquista e participação em atos terroristas, em 1908. Condenado à morte, a sua condenação é comutada na prisão perpétua com trabalhos forçados, dada a sua idade. Makhno cumpriu a sua pena na prisão de Butirki, em Moscovo, onde começou a aprender Gramática, Matemática, Literatura, História da Cultura e Economia Política, relata Archinov, na obra citada.

Com a Revolução de Fevereiro é libertado com todos os outros presos, voltando então à região natal, onde é acolhido como um herói pelas massas camponesas contagiadas pela revolução.

Ainda segundo Archinov, é dele a iniciativa de criar uma união profissional dos operários agrícolas e um soviete local de operários e camponeses. É na qualidade de presidente do Soviete de Operários e Camponeses de Gulaï-Polé que, em agosto de 1917, reuniu os agrários e proprietários da região, lhes tomou os documentos referentes às terras e bens móveis e procedeu a um inventário desses bens.

Muitos sovietes tomam então o seu exemplo nas regiões de Ekaterisnoslav, Taurida, Poltlava, Kharkov e outras.

Relata ainda Archinov: «No momento da ocupação da Ucrânia pelos austro-alemães, Makhno foi encarregado pelo comité revolucionário de formar batalhões de camponeses e operários insurgidos para a luta contra os invasores da Rada Central (poder supremo de então). Foi obrigado a recuar com os seus partidários sobre as cidades de Tarangog, Rostov e Tsaritsine, combatendo passo a passo. A burguesia local, então fortalecida pela chegada dos austro-alemães, pôs a sua cabeça a preço e ele teve de se ocultar por algum tempo. Por vingança, as autoridades militares ucranianas e alemãs queimaram a casa de sua mãe e fuzilaram seu irmão mais velho, Emiliano, inválido da guerra» [94].

Mas Makhno, em vez de quebrar, começa a mostrar-se abertamente às massas camponesas, incitando-as a levantar-se em armas contra os agrários e os austro-alemães e organizando as suas forças. Estávamos por alturas de junho de 1918. O seu destacamento ganha cada vez mais espaço e influência.

A luta é encarniçada. De «harmonia com os princípios dos insurgidos, devia ser executado todo aquele que tivesse tomado parte na opressão dos camponeses pobres e dos operários, na supressão dos seus direitos ou na usurpação do seu trabalho e dos seus bens.

No espaço de duas ou três semanas esse destacamento torna-se o terror não só da burguesia local mas também das autoridades austro-alemãs. O campo de acção militar e revolucionária de Makhno era enorme: estendia-se da estação de Lozovaïa a Berdiansk, Mariopola e Taganrog e de Lugansk e a estação de Grichino a Ekaterinoslav, Alexandrovsk e Mélipola. A rapidez da deslocação era a particularidade da táctica de Makhno. Graças a essa táctica especial e à extensão da região. Aparecia sempre de repente no sítio onde menos o esperavam» [95].

A 30 de setembro, nas vésperas da tomada do poder pelos bolcheviques, Makhno e os seus insurretos, com um pequeno destacamento de cerca de trinta homens, ataca de surpresa e derrota um batalhão de austro-alemães, de cerca de um milhar de unidades, que deixa nas suas mãos muitas armas e várias peças de artilharia, numa aldeia da região da Grande Micaïlovka. Para se vingarem os austro-alemães e os agrários, a 5 de outubro, bombardearam a aldeia com violento fogo de artilharia, e após a destruição entraram na aldeia, queimando-a e levando a cabo numerosas execuções. Após este episódio, a determinação camponesa em apoiar os destacamentos de Makhno redobrou ainda mais.

Na Ucrânia os nacionalistas de Petliura proclamam a independência, mas os austro-alemães preferiam o poder dos agrários e velhos generais, sob a autoridade do ataman [96] Skoropadsky que, contudo, não resistiu ao avanço de Petliura sobre Kiev. Enquanto isso, os bolcheviques estabeleceram o seu governo local em Kursk.

Makhno, por sua vez, estabeleceu o quartel-general dos camponeses insurretos em Gulaï-Polé. De novembro de 1918 a junho de 1919, os camponeses da região de Gulaï-Polé criaram sovietes e comunas livres. A primeira a ser criada, em Pokrovskoïé, tomou o nome de Rosa Luxemburgo. E outras foram surgindo. «O princípio da fraternidade e da igualdade era fundamentalmente mantido nas comunas. Todos, homens e mulheres, deviam trabalhar na medida das suas forças. As funções organizadoras eram confiadas a um ou dois camaradas que, depois de as haverem cumprido, retomavam o trabalho habitual lado a lado dos outros membros da comuna [97]».

A partir de janeiro de 1919 surgem os congressos regionais de camponeses, operários e partidários da insurreição. O primeiro teve como principais preocupações o movimento nacionalista de Petliura e a contra-revolução branca de Denikine, que agrupava muitos dos principais generais czaristas.

O segundo congresso, três semanas depois, a 12 de fevereiro de 1919, debruçou-se sobretudo sobre a ameaça de Denikine. O congresso resolveu apelar a uma «mobilização voluntária e igualitária», no dizer de Archinov. Neste congresso foi criado um Conselho Revolucionário Militar, agrupando representantes de 32 distritos dos Governos de Ekaterinoslav

e da Taurida, bem como os representantes dos destacamentos insurrecionais. «Mas não era de forma alguma um órgão autoritário. Só a função estritamente executiva lhe foi atribuída. Limitava-se a pôr em execução as instruções e decisões dos congressos de camponeses e operários. A todo o momento podia ser dissolvido pelo congresso e cessar de existir [98]».

Mas a Insurreição Revolucionária corria perigo. Pelo norte, através das forças bolcheviques, pelo sudeste, através dos guardas brancos.

Denikine foi o primeiro a chegar, confiante, relata Archinov, num desenlace rápido beneficiando dos combates entre os bolcheviques e os petliuristas e da fraqueza dos camponeses insurretos. Mas calculou mal. O exército dos insurretos makhnovistas, em quatro meses de combates, infligiu-lhe derrotas sucessivas.

Assim sendo, num primeiro momento os bolcheviques usaram a arma da sedução, elogiando Makhno e convidando os insurretos ucranianos a juntar-se ao Exército Vermelho. Conscientes do perigo que tal representava, quer de serem subalternizados, quer de serem alvo de ataques em várias frentes, os insurretos aceitaram. Sob estas condições:
«a) O exército insurrecional mantém a sua antiga organização interior; b) receberá comissários políticos nomeados pela autoridade comunista; c) só fica subordinado ao comando vermelho superior no que respeita às operações militares propriamente ditas; d) não pode ser retirado da frente de Denikine; e) obtém as munições e o abastecimento proporcionalmente ao que receber o Exército Vermelho; f) conserva o seu nome de Exército Revolucionário Insurreccional e as suas bandeiras negras.

O Exército dos insurgidos estava organizado segundo três princípios fundamentais: o voluntariado, o princípio eleitoral e a autodisciplina. O 'voluntariado' significava que o exército só se comporia de combatentes revolucionários que para ele entrassem livremente. O 'princípio eleitoral' consistia em os comandantes de todas as fracções do Exército, os membros do Estado-Maior e do Conselho bem como todas as pessoas ocupando no Exército postos importantes em geral, deverem ser eleitas ou aceites pelos insurgidos das fracções respectivas ou por todo o Exército. A 'autodisciplina' significava que todas as regras da disciplina do Exército eram elaboradas por comissões de insurgidos, depois validadas pelas reuniões gerais das facções do Exército e eram rigorosamente observadas sob a responsabilidade de cada insurgido e de cada comandante. Todos estes princípios foram mantidos pelo Exército makhnovista na sua junção com o Exército Vermelho.

(…)

Toda a questão política era excluída da aliança que tinha um carácter estritamente militar. Graças a isso, a vida da região e o seu desenvolvimento social e revolucionário seguiam sempre a mesma via: a da actividade autónoma dos trabalhadores que não admitiam nenhum poder na região» [99].

A partir de meados de abril de 1919, o governo bolchevique começa a tentar intrometer-se na gestão insurrecional, que não lhe agradava.

Após vários episódios de avanços e recuos motivados pelos interesses da guerra, em que os makhnovistas derrotaram sucessivamente o exército de Denikine, os bolcheviques, que não podiam aceitar os princípios das comunas livres ucranianas, lançam-se finalmente ao seu assalto, começando pela execução em massa dos camponeses.

«Segundo os cálculos mais moderados, não se poderá avaliar o número de camponeses e operários fuzilados e mutilados pelas autoridades soviéticas na Ucrânia, durante esse período, em menos de 200 mil. Uma quantidade aproximadamente igual de vítimas foi deportada para os confins da Sibéria e outros pontos distantes [100]».

Mas nos meses de julho e agosto de 1920 um novo acordo é estabelecido entre os makhnovistas e os bolcheviques tendo em conta a luta contra as tropas de Wrangel, sucessor de Denikine no comando dos exércitos brancos. Esse acordo irá mesmo tomar a forma de uma convenção na qual se estabelecem as bases de um acordo político e militar que determina, entre outras coisas, a subordinação do Exército Insurrecional da Ucrânia no que respeita às operações militares ao comando superior do Exército Vermelho, mas manutenção da estrutura interna do Exército Insurrecional, a libertação imediata de todos os anarquistas e makhnovistas à exceção dos que tenham enveredado pela luta armada contra o Governo dos Sovietes, direitos de agitação e propaganda livres, livre participação nas eleições dos sovietes, direitos das famílias dos combatentes do Exército Insurrecional idênticas aos das famílias dos combatentes do Exército Vermelho. Os makhnovistas juntavam ainda outro ponto: «na região onde opera o Exército makhnovista, a população operária e camponesa organizará as suas instituições livres para a autodirecção económica e política, que serão autónomas e ligadas federativamente (por pactos) com os órgãos governamentais das Repúblicas Soviéticas [101]».

Mas assim que a derrota de Wrangel se tornou clara, os bolcheviques romperam de imediato o acordo. Em ordem de Frunze enviada a Makhno, a 23 de novembro de 1920, aqueles determinavam a seguinte medida, que em tudo faz lembrar a posterior determinação idêntica usada pelos estalinistas na Guerra Civil espanhola: «Tendo cessado as hostilidades contra Wrangel, em virtude da sua derrota completa, o Conselho Revolucionário Militar da Frente Sul entende que a missão do exército dos partidários terminou e propõe ao Conselho Revolucionário Militar do Exército Insurreccional tratar imediatamente de transformar os destacamentos insurreccionais em unidades militares do tipo habitual que fazem parte do Exército Vermelho. Já não há motivo para que o Exército Insurreccional, organizado segundo os seus próprios princípios, continue a existir. Pelo contrário,

a existência do lado do Exército Vermelho desses destacamentos com uma organização especial e prosseguindo objectivos especiais causa efeitos inteiramente inadmissíveis (…) [102]».

A 26 de novembro dá-se o cerco de Gulaï-Polé pelas tropas do Exército Vermelho. Mas a Makhnovitchina defende-se heroicamente, contra forças numericamente muito superiores, pelo menos até agosto de 1921.

A Makhnovitchina não terá sido, evidentemente, uma experiência isenta de erros. Todavia é necessário reter dela o principal e o acessório.

Voline aponta como seus pontos fracos:

«1º A necessidade quase constante de bater-se e defender-se contra toda a espécie de inimigos, sem poder dedicar-se ao trabalho pacífico e realmente positivo.

2º A prolongada existência de um 'exército' no seio do movimento. Porque um exército, qualquer que seja, acaba sempre e fatalmente por padecer de certos graves defeitos, de uma nefasta mentalidade específica.

3º A insuficiência de forças libertárias 'intelectuais' no movimento.

4º A ausência de um vigoroso movimento 'operário' organizado, que apoiasse o dos camponeses insurretos.

5º Certos defeitos pessoais de Makhno. Este, apesar do seu génio organizador e militar, do seu ardor libertário e de outras notáveis qualidades militares, tinha também graves defeitos de caráter e educação. Em certos aspetos não estava de todo à altura da sua tarefa. Estas debilidades (…) diminuíram a envergadura e a transcendência moral do movimento.

6º Certa 'bonomia', não o bastante receosa, em relação aos bolcheviques.

7º A constante penúria de armas e de munições. Quase unicamente à força de vitoriosos combates os makhnovistas logravam armar-se [103]».

Mas em contrapartida, Archinov concluía: «Estudando a Makhnovitchina, reparamos logo em dois aspectos essenciais desse movimento: 1º) O seu carácter verdadeiramente popular e proveniente das próprias camadas proletárias; o movimento surgiu de baixo, das profundezas da massa trabalhadora; em toda a sua duração, são as próprias massas populares que o sustentam, o desenvolvem e o dirigem; 2º) Esse traço distintivo de desde os seus primeiros dias se ter apoiado, não só instintivamente mas também conscientemente, sobre certos princípios incontestavelmente anarquistas:

a) O direito dos trabalhadores a uma iniciativa completa;

b) O seu direito de autodirecção económica e social;

c) O princípio do não estatismo na edificação social.

Em todas as fases do seu desenvolvimento, a Makhnovitchina manteve estes princípios com tenacidade e consequência. Em nome destas ideias, o movimento suportou a morte de duzentos ou trezentos mil dos melhores filhos do povo, recusou enfeudar-se a qualquer força estatista que fosse e sustentou ao alto, durante três anos, em condições duma dificuldade inaudita e com um heroísmo raro na história humana, a bandeira negra da humanidade oprimida, estandarte no qual estão inscritas: a verdadeira liberdade dos trabalhadores e a verdadeira igualdade no seio da sociedade nova [104]».

Com o desfecho de Kronstadt e da Makhnovitchina, a Grande Revolução na Rússia encerrava assim uma longa e secular caminhada, para entrar em definitivo no período negro da ditadura da classe capitalista incrustada no aparelho de Estado, e que levaria aos limites mais extremos a manipulação, o terror, e a implantação demencial do culto da personalidade e do servilismo, servidos aos trabalhadores como uma "libertação". Tal é a verdadeira face do desenlace final da "Revolução de Outubro".

## 4. LEGADO

Há um imenso legado de lutas, operárias e sobretudo camponesas, que vem do fundo da História e da Sociedade russas. Um legado necessariamente inscrito nos genes desses povos, e que ajuda a explicar a profundidade e extensão destas lutas, ao longo de décadas e décadas.

Embora se tivessem sucedido as revoltas políticas ocorridas nos países "independentes", mas de facto agregados (Hungria, Checoslováquia, Polónia..., além de uma, maior ou menor, deriva ocorrida na Jugoslávia, Albânia e Roménia), porque é que, depois da consolidação da vitória dos bolcheviques, aparentemente não houve a eclosão de mais nenhuma grande rebelião contra o novo poder tirânico entretanto estabelecido?

Algumas razões, entre outras que poderão existir, ajudam a explicar, em parte, esta aparente contradição:

- No imaginário de muitas franjas do movimento operário internacional, esta era a primeira grande vitória dos proletários, estabelecida numa grande região do mundo, em que o poder, aparentemente, ficou nas mãos dos trabalhadores, já que os antigos capitalistas tinham sido derrotados; da mesma forma, no interior da própria Rússia (e depois União Soviética), subsistiu ainda, por algum tempo, um sentimento semelhante;

- Depois da consolidação do poder dos "comunistas", a luta ente fações acabou por engendrar uma repressão ainda em mais larga escala, que teve o seu auge por ocasião das grandes purgas estalinistas, fazendo recuar a resistência, em grande parte decapitada, para formas de luta cada vez mais clandestinas e furtivas;

- A dissidência interna foi reprimida a um nível nunca antes experimentado. A katorga deu lugar ao gulag. Mas agora, além do espancamento, da prisão, do exílio, do trabalho forçado, do fuzilamento, usaram-se em larga escala novos meios de repressão, incluindo no sistema penal o hospital psiquiátrico, e recorrendo cada vez mais ao terror de meios de castração política, químicos e psicológicos [105];

- A cena política mundial, com o ascenso do fascismo e do nazismo - apesar da traição do poder "soviético", que

acordou o pacto de agressão com os nazis e a partilha da Polónia -, granjeou simpatia internacional à URSS, sobretudo a partir do momento em que esta afrontou a invasão alemã e contribuiu decisivamente para a sua derrota. A URSS esteve então do lado dos resistentes que, por toda a Europa, combateram o nazismo. O povo russo (e das outras nações pró-"soviéticas"), atacado pelo nazismo, uniu-se em bloco contra este, reforçando a legitimidade do poder "comunista", também a nível interno;

- A Revolução Social Espanhola derrotada pelos franquistas, com a cumplicidade ativa dos estalinistas, não permitiu criar internacionalmente uma nova corrente revolucionária em crescendo, que se confrontasse com a imagem dos bolcheviques vencedores e pudesse constituir um novo farol, claramente alternativo àquele; isso só em parte ocorreria, mais tarde, com a variante "comunista" do maoismo que, todavia, não teve expressão real dentro da União Soviética;

- Na nova ordem mundial estabelecida no pós-guerra, o bloco do Pacto de Varsóvia (isto é, a União Soviética ainda mais alargada) procurou afrontar o domínio norte-americano em todo o mundo. Na luta anti-colonial que então mais decididamente levou à consumação de muitas independências políticas, muitas vezes os povos em luta tiveram o apoio, em armas, instrução militar, e por outras formas, das forças do Pacto de Varsóvia, contribuindo para o prestígio internacional deste (isto é, da URSS) e, de certo modo, atrasando os processos insurrecionais internos. A queda de Baptista e a vitória de Fidel em Cuba e a posterior derrota norte-americana no Vietname foram alguns dos mais significativos momentos desse processo;

- Os sucessos "soviéticos" na corrida armamentista, na conquista do espaço, e na medalhística olímpica, entre outros menos espetaculares, foram alguns mais dos elementos de mascaramento da realidade, mais uma vez importantes não só na exportação de uma imagem, mas também na dose administrada de consolo das massas populares da União Soviética;

- Finalmente, a globalização capitalista gerou uma miragem de liberdade e progresso, oposta ao universo concentracionário "soviético", que empobreceu o ímpeto revolucionário, com o canto de sereia da "democracia", aquando do desmantelamento ocorrido após a Perestroika.

Mas todo o património revolucionário dos povos da Rússia, Ucrânia e de outras repúblicas, ainda lá está, como um gigante aparentemente adormecido, ao lado de outras memórias da luta de emancipação que um dia rebentaram em França, na Alemanha, nos Estados Unidos, na China, e noutros lados, e que são património comum da guerra social que, embora encoberta, ocorre por todo o mundo.

A Revolução Russa não tem 100 anos, o que agora e aqui se comemora é que ela ESTÁ EM CURSO.

**NOTAS**

[1] «O pensamento de Trotsky tinha chegado a esta "atrevida conclusão" [a necessidade de uma luta imediata pelo socialismo e pela revolução socialista] desde 1905. Lenine chegou a ela já nos princípios da Revolução de Fevereiro de 1917. É esta a verdade histórica». **MANDEL, ERNEST**, "30 Perguntas e Respostas Sobre a História do Partido Comunista da União Soviética", incluído em **A Luta pela Democracia Socialista na União Soviética**, Antídoto, Lisboa, 1977.
[2] «A classe operária da Rússia era e é a única classe social historicamente preparada para assumir e conservar o poder, a única classe capaz, através do seu partido político (o Partido Comunista), de construir um Estado». **GRAMSCI, ANTONIO**, **Revolução Russa e União Soviética**, Fronteira, Amadora, 1977.
[3] «Os anarquistas russos tiveram uma parte muito activa na revolução russa, marcando com os bolcheviques os seus lugares nas primeiras filas do combate», **RATES, CARLOS**, **A Rússia dos Sovietes**, Seara Nova, Lisboa, 1976. A este propósito, repondo a presença dos anarquistas, eis por exemplo, o que relata Rudolph Rocker: «Quando começou a luta aberta contra o governo Kerensky, os anarquistas foram os primeiros a entrar em liça para pôr as massas em movimento. Antes mesmo que rebentassem as sublevações de Moscovo e de Petrogrado, os operários anarquistas de Ekaterinburgo já se tinham levantado; mas em Moscovo e em Petrogrado eles encontravam-se também à cabeça (...). Foi o anarquista Anatole Grigorievitch Zelesniakov que, conduzindo os marinheiros de Kronstadt, penetrou no Parlamento e enviou os deputados para casa, Zelesniakov, cuja cabeça tinha sido posta a prémio, de 400 000 rublos, por Denikine, e que iria cair em julho de 1919 na luta contra os guardas-brancos perto de Ekaterinoslav», **ROCKER, RUDOLF**, **Les Soviets Trahis par les Bolcheviks**, Spartacus, Paris, 1973. Recorde-se que Denikine – chefe do estado maior do exército imperial russo na I Guerra Mundial, foi comandante-chefe dos guardas brancos, até abril de 1920, na Guerra Civil que se sucedeu à tomada do poder pelos bolcheviques.
É ainda Rudolph Rocker quem refere a grande influência das ideias anarquistas, em Odessa e Kronstadt, para além de Ekaterinburgo.
[4] **PRUDHOMMEAUX, ANDRÉ** e **DORI**, **A Comuna de Berlim - As Lutas Proletárias na Alemanha (1918-1919)**, Spartacus, Lisboa, 1974.
[5] **RATES, CARLOS, A Rússia dos Sovietes**, Seara Nova, Lisboa, 1976.
[6] Os dirigentes referidos por Rates são: Lenine, Rykov, Zinoviev, Kamenev, Trotsky, Dzerjinsky, Estaline, Bukharine, Frunze, Kuibichev, Smirnov, Tomsky e Kalinine. Lenine morre a 21 de janeiro de 1924 (na sequência de acidente vascular cerebral); a partir da ascensão de Estaline à liderança da URSS, os outros dirigentes principais da "Revolução de Otubro" vão sendo sucessivamente derrubados, numa pequena amostra do terror na URSS: Rykov, executado em 1938; Zinoviev, executado em 1936; Kamenev, executado em 1936; Trotsky, expulso do partido em 1927, deportado em 1929 e assassinado por um agente de Estaline em 1940; Dzerjinsky, que foi chefe da polícia bolchevique, morto por um ataque cardíaco em 1926; Bukharine, executado em 1938; Frunze, morto durante uma operação cirúrgica em 1925; Kuibichev, morto por ataque cardíaco (e alcoolismo), em 1935; Smirnov, executado em 1939; Tomsky, suicidou-se em 1936, após ser acusado de "ligações terroristas" a Zinoviev e

Kamenev, antecipando a execução; Kalinine, entre os referidos por Rates o único sobrevivente das sucessivas purgas estalinistas, morreu de cancro em 1946; finalmente, o próprio Estaline morreu em 1953, de hemorragia cerebral.

Na verdade, em agosto de 1917, conforme **MANDEL, ERNEST**, **A Luta pela Democracia Socialista na União Soviética**, Antídoto, Lisboa, 1977, os 21 membros do Partido bolchevique que foram eleitos para o Comité Central (CC) do Partido foram Lenine, Sverdlov, Nogin, Dzerjinsky, Artem, Kollontai, Estaline, Uritski, Chomian, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Rikov, Bukharine, Miliutin, Krestinski, Sokolnikov, Bubnov, Smilga, Berzin e Muralov. Entre 1918 e 1921 trinta e um bolcheviques foram membros do CC. Os recém-eleitos foram Stutchka, Evdokimov, Radek, Serebriakov, Rakovsky, Bielogodorov, Rudzutak, Preobrajensky, Stassova, Muralov e Andreiev. Um Bureau Político (BP) do CC, de sete elementos, foi eleito pela primeira vez em outubro de 1917. Compunham-no Lenine, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bukharine, Estaline, Sokolnikov e Bubnov. Até 1923 fizeram ainda parte do BP Preobrajensky, Serebriakov, Tomski e Rykov. Destes outros, anteriormente não referidos, também poucos sobreviveram ao terror estalinista. A muitos deles poder-se-ia aplicar a máxima: "Quem com ferros mata, com ferros morre".

Dos elementos referidos por Mandel, a acrescentar aos que Rates já apontara, temos:

Sverdlov, morto por doença infeciosa em 1919; Artem, morto num acidente em 1921; Nogin, morto em 1924, provavelmente de causa natural; Kollontai (Alexandra), sobrevivente das purgas estalinistas, morre em 1952; Uritski, assassinado pela contra-revolução czarista em 1918; Chomian, igualmente assassinado pela contra-revolução czarista; Miliutin, executado por Estaline em 1937; Krestinski, executado em 1938; Sokolnikov, provavelmente executado em 1939 (desapareceu na prisão em 1936); Bubnov, executado em 1938; Smilga, executado em 1938; Berzin, executado em 1938; Muralov, executado em 1937; Stutchka, morre de morte natural, em 1932; Evdokimov, executado em 1940; Radek, assassinado na prisão pela polícia de Estaline em 1939; Serebriakov, executado em 1937; Rakovsky, executado em 1941; Bielogorodov, executado, após condenação nos processos de 1936; Rudzutak, executado em 1938; Preobrajensky, executado em 1937; Stassova (Elena), sobrevivente a Estaline, morre em 1966; Andreiev, próximo de Estaline, sobrevive-lhe, morrendo em 1971.

[7] **A Rússia dos Sovietes**, obra citada.

[8] «Uma parte da teoria marxista do desaparecimento do Estado baseava-se num certo equilíbrio entre a sua organização centralizada e a tendência universal para a descentralização. O Estado socialista deveria ter sido um Estado em que existiriam comunas eleitas, conselhos municipais locais e governos autónomos, ainda que o conjunto devesse constituir um organismo unificado necessário ao funcionamento racional de um modo de produção nacionalizado. Este conceito pressupunha também uma sociedade altamente desenvolvida, o que não era o caso da Rússia no princípio do século». **DEUTSCHER, ISAAC**, **As Raízes da Burocracia**, Publicações Escorpião, Porto, 1973.

[9] **METT, IDA**, **O Camponês Russo Durante e Após a Revolução**, A Regra do Jogo, Porto, 1975.

[10] As oficinas Putilov eram a maior unidade industrial russa, com uma concentração operária de 24 mil trabalhadores, segundo **ELLENSTEIN, JEAN**, **História da URSS – I – A Conquista do Poder (1917-1921)**, Publicações Europa-América, 1976.

[11] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Russa_de_1905*.

[12] **A Rússia dos Sovietes**, obra citada.

[13] **E. H. CARR, A Revolução Bolchevique**, Volume I, Afrontamento, Porto, 1977.

[14] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Russa_de_1905*.

[15] "The Brothers of the Forest: Insurrection in The Urals 1905-1908", Cf.: *http://libcom.org/history/brothers-forest-insurrection-urals-1905-1908*.

[16] [17] **METT, IDA**, **Kronstadt/1921 – Último Soviete Livre**, Afrontamento, Porto, 1974.

[18] [19] **ULAM, ADAM B**., **Os Bolcheviques**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1976.



[20] **E. H. CARR, 1917 – Antes y Después**, Editorial Anagrama, 1969.
[21] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Russa_de_1905*.
[22] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Russa_de_1905*. Na verdade o primeiro presidente do Soviete de Petrogrado foi Khrustalev-Nosar. Trotsky só se destaca depois da prisão deste. Conforme **A Revolução Bolchevique**, obra citada.
[23 24 25] **McCAULEY, MARTIN**, **A Revolução Russa e o Estado Soviético – 1917-1921**, Acrópole, Damaia, 1975. 'Zemstvo' é o nome do sistema administração local introduzido em 1864 por uma das reformas do czar Alexandre II da Rússia. Esta forma de organização autárquica introduziu um sistema de administração local em assuntos como vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação. Os líderes destes grémios, muitas vezes oriundos das melhores famílias, eram eleitos por períodos de três anos (cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Zemstvo*). 'Volost' era uma tradicional divisão administrative da Europa Oriental (cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Volost*). 'Uezd' originalmente designava uma subdivisão da Ruténia ou mais tarde do Principado de Moscovo do séc. XIII. Um 'uezd' unia vários 'volosts' (cf.: *https://es.wikipedia.org/wiki/Uyezd*).
[26] **1917 – Antes y después**, obra citada.
[27] **Kronstadt/1921 – Último Soviete Livre**, obra citada.
[28] **BRINTON, MAURICE**, **Os Bolcheviques e o Controle Operário**, Afrontamento, Porto, 1975.
[29] Cf.: *https://en.wikipedia.org/wiki/Ivan_Bolotnikov*. A Rebelião, comandada por Ivan Bolotnikov, e constituída em grande parte por tropas cossacas, chegou a ameaçar Moscovo.
[30] Cf.: *https://en.wikipedia.org/wiki/Bohdan_Khmelnytsky*.
[31] «(…) O início do reinado foi marcado por uma grave crise financeira, a qual Morozov [primeiro-ministro do czar Aleixo] busca resolver, aumentando os impostos sobre o comércio do sal. A população moscovita, já sobrecarregada por impostos amotinou-se, levando o jovem czar a demitir e exilar Morozov e suprimir a sobretaxa incidente sobre o sal (...). Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Aleixo_da_R%C3%Bassia*.
[32] «(…) Ainda por volta de 1660, as dispendiosas guerras contra Polônia e Suécia pressionaram o tesouro russo, levando o governo de Aleixo I a cunhar um elevado número de moedas de cobre (1654) na tentativa de fazer frente às despesas estatais; o que ocasionou a desvalorização do rublo, inflação e uma grave crise financeira. Outro fator agravante foi a intensa falsificação destas moedas superando as emissões do estado, já que os rublos de cobre, eram mais facilmente "reproduzidos" pelos falsificadores.
A carestia levou a uma rebelião popular na cidade de Moscou em 1662, reprimida com violência pelas forças do governo. O rublo-cobre foi finalmente abolido em 1664 (...)». Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Aleixo_da_R%C3%Bassia*.
[33] Cf.: *https://es.wikipedia.org/wiki/Stenka_Razin*.
[34] «O célebre ataman cossaco Kondrati Boulavine foi o mentor de uma sublevação popular entre 1707 e 1709, à qual por consequência se deu o seu nome. A razão da insurreição foi a intervenção de Pedro I nos assuntos cossacos e as tentativas do poder imperial de limitar consideravelmente as liberdades do povo cossaco». Cf.: *http://welcome2018.com/fr/places/rostov-on-don/1305979/*. Tradução.
[35] A revolta camponesa alastrou por Iaïtsk, Orenburgo, Ural, Kama, a Bachkiria e uma parte da Sibéria ocidental, até ao médio e baixo Volga. Juntaram-se-lhe Cossacos, Bachquires, Tártaros, Cazaques, operários do Ural meridional e numerosos camponeses (servos) vindos de todas as províncias em que se desenrolaram as ações. A insurreição, que teve um carácter militar, começou a 17 de setembro de 1773, a partir do posto avançado de Boudarine e terminou em 1775, na sequência da derrota do exército dos Cossacos e da captura de Pugachev, em setembro de 1774, cf.: *https://fr.wikipedia.org/wiki/Guerre_des_Paysans_russes_(1773-1775)*, a partir de **PASCEL, PIERRE**, **La Révolte de Pougatchëv**, Paris, Gallimard, coll. *Archives* (n.º 42), 1971, e **BERELOWITCH, ANDRÉ**, **Une jacquerie moderne: la révolte de Pougatchëv** (17 septembre 1773 - 15 septembre 1774), *Revue Russe*, vol. 27, n.º 1, 2005.
[36] "Servidão na Rússia", Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Servidão_na_Rússia*, a partir de **NAFZIGER, STEVEN** e **LINDERT, PETER**, **Russian Inequality on the Eve of Revolution**, 2011.
[37] **BIANCHI, SERGE, Des révoltes aux révolutions**, Rennes, 2004. Cf.: *http://books.openedition.org/pur/28054?lang=fr*.
[38] **CARVALHO, RIBEIRO DE**, **O que era a Russia antes dos Bolchevistas**, Editorial Republica, Lisboa, 1932.
[39] **O Camponês Russo Durante e Após a Revolução**, obra citada.
[40] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Obshchina*.
[41] Alexander Herzen, 1812-1870. Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Aleksandr_Ivanovitch_Herzen*, é conhecido como «o pai do socialismo russo, (...) inspirador do clima político que conduziu à emancipação dos servos, em 1861. (…) Um dos mais importantes escritores do país no século XIX, pela sua prosa original. Colaborou com Proudhon. «Herzen estava convencido de que graças às comunidades camponesas seria possível passar diretamente do regime de servidão ao socialismo, evitando o capitalismo».
[42] **O Camponês Russo Durante e Após a Revolução**, obra citada.
[43] "Kolokol", ed. 4, 1861, n.º 102, referido por **METT, IDA**.
[44] Nikolai Tchernichevski, 1828-1889. Cf.: *https://gl.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Chernyshevskii* – revolucionário e filósofo russo, líder dos narodniks (ou populistas), autor da famosa novela "Que Fazer?", cujo título, mais tarde, Lenine aproveitou.
[45] Georgi Plekhanov, 1856-1918. Teórico e revolucionário marxista russo, líder do Grupo de Libertação do Trabalho (Groupa Osvobojdenia Trouda). Pôs em causa o papel do campesinato numa futura revolução no congresso socialista internacional de 1889. Foi ainda líder do POSDR (Partido Operário Social Democrata Russo) e da sua fração menchevique, com Julius Martov. Opôs-se aos bolcheviques após a sua tomada do poder.
[46] **LENINE, VLADIMIR**, **Resposta à Crítica do Projeto do Nosso Programa**, Obras Completas, T. 7, p. 224, citado por **METT, IDA**.
[47] Charles Fourier (1772-1837), filósofo e socialista francês, crítico do capitalismo e da industrialização, propôs a criação de comunidades cooperativas libertárias de produção e consumo – os falanstérios, cujo modelo inspirou variadas experiências por todo o lado.
[48] **O que era a Russia antes dos Bolchevistas**, obra citada. «- A 14 de janeiro de 1878, Vera Susulich cometeu o seu célebre atentado contra o governador general Tropoff, o que não impediu que o jury a absolvesse.
- A 23 de fevereiro do mesmo anno, o atentado em Liev contra o presidente da Audiencia.

- A 24 de maio seguinte, é assassinado o Barão Gueyking, chefe da Gendarmeria.
- A 4 de agosto, é assassinado tambem outro chefe do mesmo corpo de policia, Mosencheev.
- A 4 de abril de 1886, há um atentado contra o próprio imperador Alexandre II.
- A 9 de fevereiro de 1889, é assassinado o príncipe de Krapotkine, governador de Jackov.
- A 26 de fevereiro do mesmo anno, é assassinado em Moscow o chefe da Policia, Reinstein.
- A 13 de março, outro atentado contra o chefe da Gendarmeria de S. Petersburgo, general Drentelm.
- A 2 de abril, novo atentado contra o imperador, pelo professor primario Solovieff, que foi decapitado.
- A 19 de novembro, ainda outro atentado contra um comboio especial em que viajava o imperador.
- A 5 de fevereiro de 1880, estala uma bomba na casa de jantar do Palacio Imperial, atentado de que o imperador ainda escapou, mas que fez onze victimas.
- A 20 de fevereiro do mesmo anno, o atentado contra o general Loris-Melikoff, governador de Kharkov.
- E, por fim, a 1 de março de 1881, novo atentado contra o imperador, que n'esse dia morreu, victimado pela explosão de uma bomba.
E basta, para amostra (...)».

[49] **ULAM, ADAM B.**, **Os Bolcheviques**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro [1965], edição para Portugal e Angola (impressa em Coimbra).
[50] Cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_niilista_russo*.
[51] **STEPNIAK, A Russia Subterranea**, Avelino Fernandes, Lisboa, 1882.
[52] **Os Bolcheviques e o Controle Operário**, obra citada.
[53] [54] [55] **Os Bolcheviques e o Controle Operário**, obra citada.
[56] No episódio atrás referido em nota, sobre Zelesniakov.
[57] Grégori Maximov, 1893-1950. Tendo aderido ao Exército Vermelho, «quando os bolcheviques utilizaram o exército em tarefas de polícia e para desarmar os trabalhadores, recusou obedecer às ordens e foi condenado à morte» (e salvo pela solidariedade do Sindicato Metalúrgico). Posteriormente «preso a 8 de março de 1921, durante a insurreição de Kronstadt. Libertado mais tarde no mesmo ano após uma greve da fome mas apenas graças à intervenção dos delegados europeus que assistiam ao Congresso da Internacional Sindical Vermelha (…). Autor de numerosos trabalhos sobre o anarquismo e o terror bolchevique».
[58] [59] **Os Bolcheviques e o Controle Operário**, obra citada.
[60] Citado por **BRINTON, MAURICE**: **TROTSKY, LEV**, **Trabalho, Disciplina, Ordem**, Sochinenya, XVII, pp. 171-172.
[61] **M. DOBB**, **Soviet Economic Development since 1917**, Nova Iorque, 1948, pp. 89-90.
[62] **HUHN, WILLY**, **Trotsky, le Staline manqué**, Spartacus, Paris, 1981.
[63] **TROTSKY, LEV**, **Comunismo e Terrorismo**, Centelha, Coimbra, 1975.
[64] E. H. CARR, 1917 – Antes y después, Anagrama, Barcelona, 1969.
[65] [66] **Os Bolcheviques e o Controle Operário**, obra citada.
[67] [68] KOLLONTAI, ALEXANDRA, A Oposição Operária: 1920-1921, Afrontamento, Porto, 1977.
[69] Tradução de **KOOL, FRITS** e **OBERLANDER, ERWIN**, **Documentos de la revolución mundial. 1. Democracia de trabajadores o Dictadura de Partido**, Zero, Madrid, 1971.
Cf.: *http://left-dis.nl/pt/verdadop.htm*
[70] **AVRICH, PAUL**, **A Oposição Bolchevique a Lenine: Miasnikov e o Grupo Operário**, publicado originalmente em "Russian Review", Vol. 43, 1984, pp. 1-29.
Cf.:*http://www.saludproletarios.com/.cm4all/mediadb/Izquierda_bolchevique/Miasnikov_Avrich.pdf*.
[71] **A Oposição Operária: 1920-1921**, obra citada.
[72] Ibidem. Notas do grupo **SOLIDARITY** ao texto de **KOLLONTAI, ALEXANDRA**, citando **R. U. DANIELS,** The Conscience of the Revolution e **SCHAPIRO, LEONARD,** Les Bolchéviks et l'Opposition.
[73] **LUXEMBURGO, ROSA, A Revolução Russa**, Cadernos Ulmeiro, Lisboa, 1975.
[74] [75] Traduzido de "Du Léninisme", capítulo de **ESTALINE, JOSEF**, **Les Bases du Léninisme**, 10/18, Paris, 1969.
[76] **ASKATASUNA, Cuadernos**, n.º 1, **La Revolución Rusa – autópsia de una revolución**, Bilbau, s.d..
[77] [78] [79] [80] **ROCKER, RUDOLF**, **Les Soviets Trahis par les Bolcheviks**, Spartacus, s.d.. Tradução "ER".
[81] **BERTHIER, RENÉ**, **Octobre 1917 – le Thermidor de la révolution russe**, Éditions CNT, Paris, 2003. Tradução "ER".
[82] [83] **HEATH, NICK, O levante anarquista e maximalista em Samara, 1918,** cf.: *http://passapalavra.info/2017/04/111665*.
[84] Cf. *https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_de_Tambov*
[85] [86] [87] [88] [89] [90] [91] **Kronstadt/1921 – Último Soviete Livre**, obra citada.
[92] [93] [94] [95]**ARCHINOV**, **História do Movimento Makhnovista**, Assírio & Alvim, Lisboa, 1976.
[96] Ataman – a mais alta autoridade militar depois dos monarcas, título usado na Polónia, Lituânia, Ucrânia, a partir do século XVI (cf.: *https://pt.wikipedia.org/wiki/ataman*).
[97] [98] [99] [100] [101] [102] **História do Movimento Makhnovista**, obra citada.
[103] **VOLINE**, **La Revolución Desconocida** - Vol. II, Campo Abierto, Madrid, 1977. Tadução "ER".
[104] **História do Movimento Makhnovista**, obra citada.
[105] Segundo **SHIFRIN, AVRAHAM**, **Guia da URSS**, Publicações Europa-América [1980], até ao princípio de 1980 existiriam na União Soviética 1976 campos de trabalho, incluindo campos de extermínio (donde raramente se regressava) e campos de mulheres e menores, e 273 prisões psiquiátricas.



# No funeral de Kropotkine

*Jorge Leandro Rosa*



**1.**

É perfeitamente admissível que um cineasta singular como Sokurov, umas vezes visionário, outras simplesmente útil para o poder neoimperial instalado em Moscovo, pudesse formular o projecto de realizar um filme centrado no funeral de Kropotkine. Tal dependeria, evidentemente, das incertas condições políticas para retratar, na Rússia actual, alguma figura da sua rica história anarquista. Ainda assim, trata-se de um episódio histórico com a força da lenda: algo que Sokurov poderia filmar como o desenrolar de um sonho, um acontecimento inverosímil, quase cem anos depois. Não seria um filme essencialmente diferente dos dez minutos de sequências filmadas que circulam no *YouTube*: Sokurov é um mestre na arte de recobrir as suas imagens com tintagens de época. Imita o passado mostrando sempre que essa imitação redunda numa curiosidade evanescente, ela sim suspensa no tempo. Eventualmente, a repetição do funeral de Kropotkin acabaria por encenar também algo do tempo presente por virtude do contexto lúgubre da existência russa na era Putin.

O funeral de Kropotkine é, sem margem para qualquer dúvida, um funeral russo. É a Rússia, que é uma extensão planetária e não uma nação, que enterra o velho anarquista, embora a Rússia tenha sido abolida. Assim, foi necessário pedir ao Soviete de Moscovo autorização para enterrar Kropotkine. Dado o anúncio da sua morte no dia 8 de Fevereiro de 1921, os amigos e camaradas que convergiram para a pequena casa camponesa de Dmitrov, onde Kropotkine passara os últimos dois anos de vida num exílio interno nunca explicitamente decretado, decidiram que deveriam ser as organizações anarquistas a organizar o funeral. Parece-me certo que essa decisão interessaria sobremaneira a Sokurov: as estruturas anarquistas eram, no quarto ano da Revolução, congregações de fantasmas, nuns casos, de cadáveres adiados, noutros. Foi de imediato formada a «Comissão do Funeral de Pedro Kropotkine», que teve de obter autorização para o percurso do féretro e para publicar um boletim evocativo de quatro páginas, dado que os anarquistas haviam, já então, perdido o direito de publicarem qualquer tipo de publicação própria. Foi ainda pedido que este, dado o seu carácter comemorativo, não fosse submetido à censura, o que foi categoricamente recusado.

O outro pedido urgente remetido às autoridades soviéticas foi a libertação temporária dos anarquistas que residiam nas prisões do novo Estado soviético. O pedido encontrou imediata resistência da polícia soviética e várias iniciativas para bloquear essa libertação colectiva foram tomadas. A tcheka perguntou também aos delegados da Comissão se garantiam o regresso dos prisioneiros terminada a homenagem. Também aqui a Comissão acabou por garantir o cumprimento das condições que lhe eram exigidas.

O funeral acabou por ser realizado a 13 de Fevereiro, tendo tido um número de participantes que surpreendeu todos e que constituiu o verdadeiro desafio dessa jornada memorável. Dezenas de milhares vieram para a rua e a bandeira negra flutuou pela última vez em Moscovo. Terá servido certamente de lição ao Soviete de Moscovo para que não voltasse a ser condescendente em casos semelhantes. O percurso, mais de sete quilómetros, teve início no Salão das Colunas no Templo do Trabalho de Moscovo, onde o corpo estava exposto, passando, a certa altura, pelo Museu Tolstoi, onde se deteve. Apesar de grandes diferenças, Kropotkine e Tolstoi partilhavam a ideia de uma sociedade onde a divisão social e funcional do trabalho intelectual e manual deixasse de existir. Os tolstoianos que estavam diante do edifício prestaram homenagem ao falecido, e fizeram soar a «Marcha fúnebre» de Chopin. Passaram depois diante da prisão de Butyrki, onde muitos dos prisioneiros se agarraram à grades, cantando em honra do falecido. Filmar tudo isto exigiria um sentido agudo do crepúsculo e do alongar das sombras de todos os envolvidos. Os corpos estavam, de uma maneira ou de outra, condenados, os espíritos e as ideias, por seu lado, contorciam-se num abraço pior do que o aniquilamento.

No cemitério, diversos representantes de organizações usaram da palavra. Quem observar as imagens então filmadas notará certamente uma mulher desafiadora que aparece em vários momentos do funeral e que parece montar guarda ao caixão de Kropotkine: é Emma Goldman, que havia sido deportada para a União Soviética em 1919, após 34 anos passados nos EUA. Vemo-la também discursar no cemitério. Visualmente, esta seria sempre uma figura incontornável no filme de Sokurov. Mas saberia ele captar o *full circle* da vida de Emma, que é, por analogia, o círculo fechado em que entrava nessa ocasião o anarquismo histórico, de que Kropotkine fora o derradeiro representante? Goldman, que havia, quase dez anos antes, dedicado um número da revista *Mother Earth* a Kropotkine[1], encontrara-se com ele diversas vezes desde a sua chegada à República Soviética e estava, naquela ocasião, a menos de duas semanas de testemunhar a revolta de Kronstadt e a sua repressão. Acontecimentos sucessivos de que ela terá sido uma das melhores intérpretes.

## 2.

A pergunta impõe-se: deve o funeral de Kropotkine ser compreendido à luz da Revolução de 1917? Concretizando melhor: podem Kropotkine e o seu funeral ser descritos como uma parte significativa do percurso que a sociedade russa fez entre Fevereiro de 1917 e Fevereiro de 1921? Ou deverão eles ser entendidos como um acontecimento e um homem já distanciados, se não estranhos, em relação ao que se desenrolava à sua volta?

Não tenho a pretensão de fornecer uma resposta histórica a esta pergunta, nem esse é o objectivo deste artigo. Não será difícil, a esta distância, aprofundar as causas da situação trágica dos anarquistas nesse Inverno de 1921. Também não será muito mais árdua a tarefa de retirar lições do estado patético a que o anarquismo russo chegara. Mais difícil tem sido verificar quanto estes acontecimentos, aparentemente localizados, tiveram consequências na história subsequente do movimento anarquista mundial. Dizendo-o de forma sucinta, os anarquistas foram incapazes de resistir à matriz militarista que potenciou o leninismo, ainda antes de 1917, e foi sistematicamente amplificado pela Guerra Mundial e pela Guerra Civil. Na origem dessa incapacidade estão erros de avaliação de uma situação mundial que não encontrou em muitos anarquistas a posição e a firmeza que manifestamente eram necessárias: a recusa, em diversos planos e frentes, de toda a participação na primeira das guerras produzidas e conduzidas pela sociedade industrial. Malatesta, o amigo indefectível de Kropotkine ao longo de quarenta anos, referiu o efeito que o problema da participação russa na Primeira Guerra Mundial teve no seu camarada: «Nesta funesta ocasião, despertaram e exasperaram-se em Kropotkine as antigas preferências por tudo o que fosse russo ou francês, pelo que se proclamou um partidário apaixonado da *Entente*. Pareceu esquecer que era internacionalista, socialista e anarquista, esqueceu tudo o que ele próprio dissera pouco antes sobre a guerra que os capitalistas estavam a preparar e pôs-se a admirar os piores homens de Estado e os generais da *Entente*. […] Foi um dos momentos mais dolorosos, mais trágicos, da minha vida (e, ouso dizê-lo, da sua): as nossas discussões eram excessivamente penosas, separávamo-nos como adversários, quase inimigos»[2].

Se são bem conhecidas as circunstâncias que conduziram ao cessar-fogo na frente russa, possibilitando que as potências centrais prosseguissem o esforço de guerra apenas na frente ocidental, já menos se sabe sobre o cálculo propriamente militar dos bolcheviques ao tudo fazerem para assinar a paz de Brest-Litovski em 3 de Março de 1918. Na verdade, tratava-se de construir o poder com base na militarização pura e simples da acção política, não apenas por causa dos ataques à Revolução, mas porque essa era a concepção que desta tinha o partido. A partir do Verão de 1918, a República é proclamada um «campo militar único»[3] e a lei marcial é generalizada. Toda a economia é colocada ao serviço da máquina militar. Em três anos, o Exército Vermelho, recorrendo ao recrutamento maciço de camponeses, chega aos cinco milhões de homens em 1920, reaproximando-se da mobilização czarista no início da Guerra. Estas não eram apenas opções motivadas pelos perigos que cercavam o regime: a Revolução era já entendida como a «mobilização total» da sociedade, acompanhada pela eliminação daqueles que não participassem nela ou nela não tivessem um lugar útil. «O Exército Vermelho foi arrastado para um círculo vicioso de recrutamento de massa, de equipamento insuficiente e de deserções maciças. Isso fechou toda a economia no colete do comunismo de guerra»[4]. O Exército Vermelho, muito mais do que o partido ou o aparelho repressivo do regime, foi a verdadeira matriz da burocracia soviética, formando directamente todos aqueles que nele passavam, através de um enorme investimento em material de propaganda e da criação de mais de três mil escolas nele integradas. Na Guerra Civil, todo o aparelho soviético foi militarizado. Trotsky tinha particular propensão para estabelecer, nesse período, um paralelo férreo entre a disciplina militar e a disciplina na sociedade e nas fábricas.

Houve anarquistas que resistiram a esta política, mas muitos não o fizeram por razões que, sendo compreensíveis, não deixaram de conduzir ao apagamento total do ideário do comunismo anarquista na União Soviética. Como escreveu Castoriadis, «de entre todas as revoltas dos trabalhadores, a Revolução Russa foi a única vitoriosa. E de todas as derrotas das classes trabalhadoras, ela foi a que teve maiores consequências e a mais reveladora»[5]. Evidentemente, os anarquistas estavam agudamente conscientes desta tensão existencial no seio dos acontecimentos desses quatro anos. A «degeneração» da Revolução era um processo quase natural aos olhos de Kropotkine, que ainda aí esperava uma regeneração. Ora, nada degenerou na Rússia bolchevique porque ela é tanto filha da guerra quanto da industrialização, ambas iniciadas bem antes de 1917. A guerra e a indústria encontram-se precisamente porque ambas são processos diferentes mas complementares de quebrar toda a resistência. Quando unidas, quebram-na de modo sistemático e extensivo. Esse sistema e essa extensão eram toda a ambição do leninismo, que

acabou por nunca ser uma alternativa ao mundo capitalista, mas apenas um dos seus experimentos, um laboratório social que foi abandonado oitenta anos mais tarde.

## 3.

O anarquismo russo entrou na clandestinidade a partir de 1921. Depois de quase um século de enorme criatividade e influência, produzindo uma grande diversidade de ideias e propostas sociais e políticas, os anarquistas russos não prestaram a atenção necessária ao totalitarismo militarizado que encontrou na Rússia exangue um terreno propício. Os anarquistas quase desapareceram porque o espírito de resistência lhes falhou de forma clamorosa. Não foram capazes, por razões que, embora não sendo incompreensíveis, reverberam ainda hoje, de sustentar o *contra-movimento de fundo* que define toda a resistência. Os anarquistas tornaram-se esses participantes que se preparavam para serem resistentes, e esse foi o erro de análise mais comum. Houve um esquecimento terrível nesses acontecimentos, um esquecimento que podemos ver a acompanhar o féretro de Kropotkine: esqueceram-se de ser antes aqueles resistentes que só a partir dessa posição poderiam vir a ser participantes.

Os anarquistas protestaram, como se do outro lado houvesse ainda alguém que os escutasse. Em 1918, Kropotkine, em carta enviada a Lenine, denunciava as ameaças de fuzilamento colectivo em caso de atentado: «Mergulhar o país no Terror vermelho, fazer reféns a fim de proteger a vida dos dirigentes, não é digno de um partido que se diz socialista e desonra os seus chefes»[6]. Persistia, ainda aqui, a dificuldade em perceber que os bolcheviques se haviam limitado a capturar as energias da revolta popular que eclodira em 1917, e que os esforços para construir o «Estado dos trabalhadores» permaneciam estranhos à substância viva desta. Como escrevera Tolstoi, «A verdade é que o Estado é uma ficção, o Estado nunca foi nem pode ser uma coisa real. Só há uma coisa real: a vida de um homem ou de uma mulher»[7]. A ficção burocrática, contudo, adquire os traços reais da repressão: tudo na União Soviética começou a ser justificado por um casal de proletários que nunca existiu e que acabará a medir-se com o casal ariano do III Reich.

A concepção anarquista da resistência foi sendo esquecida nesses anos. Porque os anarquistas foram levados a supor, por um movimento de imitação cinética, que as relações de poder antecediam a resistência. Esperaram, portanto, que as relações de poder do novo poder bolchevique ficassem esclarecidas. Esperaram pelo tempo da resistência, que nunca chegou porque ele é o princípio permanente do anarquismo que deve ser tomado como o que se antecipa a qualquer estratégia. Com eles estava o tempo da resistência que deveria ter abolido o tempo inelutável do poder revolucionário. Esse tempo ficou entre parênteses e só veio a eclodir na Guerra Civil Espanhola, mas já enfraquecido por vinte anos de consolidação do poder bolchevique, que o ameaçava a partir de Moscovo.

Creio que as circunstâncias que rodearam o funeral de Kropotkine perduraram até ao final do século XX. Mesmo nos seus momentos mais exaltantes do último século, o anarquismo nunca terá deixado de sofrer os condicionamentos decorrentes da sua experiência soviética. Contudo, há sinais que mostram como, nos últimos vinte anos, a resistência anarquista terá recomeçado a deslocar-se para o princípio do movimento inapropriável. Era já tempo: o capitalismo voltou a entrar numa crise de contornos ameaçadores; a sociedade industrial voltou a armar-se e prepara-se para disputar os últimos recursos do planeta. O tempo das decisões voltou. Como escreve Howard Caygill, «uma filosofia da resistência tem, ela própria, de resistir à pressão da formação-de-conceito, essa redução das práticas de resistência a um simples conceito que se oferece maleável à legitimação e à apropriação pela forma-Estado que ela começara por desafiar»[8].

O olhar do resistente não está sempre focado no que parece óbvio. Está já lá, mesmo que as circunstâncias estejam a mudar ou pareçam inamovíveis. Reparem na Emma, diante do caixão: o que vê ela? Seria um Sokurov capaz de seguir esse olhar?

[1] *Mother Earth*, vol. VII, nº 10, Dezembro de 1912.
[2] Errico Malatesta, «Sur Kropotkine – Souvenirs et critiques d'un de ses vieux amis» (1931) in *Oeuvres*, Paris, La Bibliothèque Digitale.
[3] f. Figes, *La Révolution Russe*, Paris, Gallimard, p. 1080.
[4] *Ibidem*, p. 1085.
[5] Castoriadis, «Le Rôle de l'idéologie bolchevique dans la naissance de la bureaucratie», *Socialisme ou Barbarie*, 35, Janeiro de 1964.
[6] Figes, p. 1172.
[7] Sampson, *Tolstoi on the Causes of War*, Londres, PPU Press, 1987, p.25.
[8] Caygill, *On Resistance: A Philosophy of Defiance*, Londres, Bloomsbury, 2013.



# Anarquismo e Revolução na Rússia

*Carlos Taibo*

**Reproduzo aqui a epígrafe do meu livro "Anarquismo e Revolução na Rússia" (1917-1921)". Um livro que, pelos vistos, não interessa a quase ninguém. (*)**

Já apontei que os bolcheviques se definiram a si mesmos como uma vanguarda omnisciente que devia guiar as massas ignorantes e que, por isso, era portadora de uma sabedoria que outorgava certezas. "Nós, o partido bolchevique, convencemos a Rússia. Arrancamo-la aos ricos para a dar aos pobres. Agora devemos administrar a Rússia", asseverou Lenine[1]. Na essência dessa vanguarda encontrava-se o facto de ela nunca se equivocar, de cada vez parecia desfrutar de uma verdade revelada e inquestionável. A principal consequência, óbvia, não era outra coisa senão o direito de decidir pelos demais. Por exemplo, os bolcheviques entendiam que a Assembleia Constituinte finalmente dissolvida em janeiro de 1918 era um órgão "burguês", e já que os mencheviques e os socialistas-revolucionários de direita possuíam um caráter contrarrevolucionário, poderiam prescindir daquela e ilegalizar estes, na ausência de outro critério legitimador que o trazido pela convicção de que as suas próprias ideias eram indiscutíveis. Em apoio de perceções lastradas por um sectarismo extremo, os bolcheviques autoatribuíram-se a condição de salvadores da revolução, reservando para os outros, inopinadamente, o papel de contrarrevolucionários e colaboradores ativos da burguesia e dos seus interesses. Quem se atrevia a contestar, além disso, o princípio da ditadura do proletariado era também, inexoravelmente, um contrarrevolucionário[2].

Uma cosmovisão que outorga certezas absolutas e que prefigura uma missão histórica incontestável, permite tudo ou, o que é o mesmo, cancela qualquer restrição. As normas



morais, o sentido de justiça, o respeito pelos demais, convertem-se em preconceitos burgueses ou pequeno-burgueses. De forma que qualquer meio pode ser empregue para tal fim. Lehning afirma claramente que «a desenfreada violência e o terrorismo dos bolcheviques não são senão a consequência da sua fé supersticiosa na omnipotência do poder político e na razão última da sua ditadura»[3]. Dificilmente surpreenderá que de aqui surja um discurso permanentemente maniqueísta. Os seus próprios dirigentes – Lenine ou Trotsky – cometem "erros", como o ligado à decisão de encorajar o comunismo de guerra, do que, com isso mesmo, os bolcheviques extraíram conclusões muito valiosas; as decisões dos rivais, em contrapartida, constituem "crimes contra a revolução", dos quais seria uma boa ilustração o apoio menchevique, antes de 1921, a algo similar ao que finalmente foi a NEP. «Da mesma forma, quando os insurretos de Kronstadt reclamavam 'todo o poder aos sovietes, e não aos partidos', a mesma consigna que tinham levantado Lenine e os revolucionários de 1917, não podiam ser senão aliados objetivos da contrarrevolução, manipulados pelos guardas brancos»[4], aponta Skirda. Não é necessário acrescentar que, no momento de justificar estas perceções, não se colocou em nenhum momento no horizonte perguntar a opinião àqueles que eram objeto de desqualificação.

Uma das concretizações mais importantes desta aposta foi, por parte dos bolcheviques, uma clara rejeição da ideia de que a classe trabalhadora estava em condições de autodeterminação: sempre teria necessidade, pelo contrário, de um agente externo que decidisse e ordenasse o que devia fazer. Para Lenine – não o esqueçamos – os trabalhadores, por si sós, não são portadores de consciência revolucionária. Necessitam, ao invés, que esta lhe seja transmitida de fora. Claude Berger sublinha, com lucidez, que semelhante conceção encaixava na perfeição na defesa de um capitalismo monopolista de Estado e com a visão do partido como "consciência revolucionária" das massas [5]. Aos olhos de Lenine, por outro lado, não há nenhuma "comunidade" revolucionária pré-existente que precisasse de ser defendida, o que justifica a necessidade de criar um Estado novo, o "Estado proletário". A perceção de Trotsky não era muito diferente. Para este, "o proletariado não pode chegar ao poder senão através da sua vanguarda. Essa necessidade deriva do nível cultural insuficiente das massas e da sua heterogeneidade" [6]. Já assinalei a dada altura, por outro lado que, na conceção de Trotsky, a ditadura dos sovietes só podia fazer-se realidade por meio da ditadura do partido.

Os bolcheviques distinguiam, surpreendentemente, entre "stíjinost" (espontaneidade) e "soznátelnost" (consciência). O primeiro conceito parecia ligar-se à falta de organização e orientação, e assentava no desígnio de identificar uma ação na qual o papel de guia exercido pelo partido jogava um papel menor. A ideia de "espontaneidade" teve uma clara conotação negativa, na medida em que remetia para um movimento que rechaçava a liderança do partido e, com ele, da teoria revolucionária que o alimentava. Esse movimento, como resultado, nunca poderia ser revolucionário. A um horizonte tão desanimador como esse, os bolcheviques contrapunham o peso da "consciência", uma avaliação da realidade que, segundo a própria visão de mundo, acarretava um conhecimento explícito das leis do desenvolvimento social enunciadas pelo "marxismo-leninismo". É fácil inferir que os bolcheviques consideraram que grande parte da ação dos comités de fábrica depois de outubro de 1917 foi marcada por uma lamentável espontaneidade e por uma não menos lamentável falta de consciência.[7]

Num salto adicional, a aposta bolchevique foi finalmente a da liderança de um só homem que, do ponto de vista de Lenine, era a única fórmula chamada a permitir uma unidade de ação rigorosa. O que se reclamava, então, era uma submissão absoluta às decisões do líder. Otto Rühle enfatizou que, com Lenine, a máquina chegou à política: o líder bolchevique era o técnico, o inventor da revolução, a exemplificação da omnipotência do chefe. Nessa condição, Lenine, incapaz de rejeitar a política tradicional desenvolvida pelos partidos, dificilmente poderia valorizar, em paralelo, o que é que supunham os sovietes. A sua maneira de raciocinar exigia "autoridade, direção, força, (…), organização, enquadramento, subordinação".[8] Tudo remetia, em suma, à discussão sobre o poder, e nessa discussão não havia espaço algum para o desígnio de libertar os trabalhadores da sua escravidão mental e física. «Ele não estava preocupado com a falsa consciência das massas nem com a autoalienação dos integrantes destas como seres humanos»[9]. Há muitos escritos de Lenine nos quais abunda essa dimensão de direção desde cima, o que anula o vigor de qualquer capacidade de decisão desde baixo. O líder bolchevique mostrou, aliás, um manifesto empenho em enfatizar que os quadros do partido deviam orientar o trabalho dos seus subordinados e educá-los, e lembrou, para o efeito, que um modelo pertinente o trouxeram os patrões na direção das empresas capitalistas. Salta à vista a relação entre muitos desses pressupostos e as consequências das conceções organizativas características dos bolcheviques, refletidas, antes de 1917, na defesa do conceito de "revolucionário profissional", que faz parte de um núcleo reduzido, provado vezes sem fim, endurecido pelas privações e que, na maioria das vezes, experimentou um desvio de muitos princípios morais [10]. Pareceria que o prémio por tanto sacrifício assumia a forma do direito de autoatribuir-se um conhecimento ilustre e uma capacidade paralela para ordenar aos outros o que eles deveriam ser e fazer.

Em certo sentido, esta vanguarda autoproclamada que os bolcheviques finalmente formaram foi a herdeira do grupo humano resultante do assentamento na Rússia de uma elite que recebeu educação ocidental. Uma elite que foi alimentada

por pessoas que eram estrangeiras no seu próprio país e que estavam longe das classes populares e dos poderes tradicionais [11]. Dificilmente surpreenderá que, apesar das diatribes dos bolcheviques, a maior parte de seus líderes se ajustasse a um perfil social mil vezes demonizado por eles mesmos: o de pequena burguesia. Marc Ferro sugere, a este respeito, que olhemos para uma fotografia que retrate os membros do soviete de Petrogrado: o fato e a gravata ocupam as posições de honra. A gravata permite identificar os quadros dos partidos bolchevique, menchevique e socialista-revolucionário[12]. A condição da maioria dos líderes bolcheviques dificilmente deixa espaço para dúvidas. Na lista de 29 dos líderes do partido em 1917, apenas 6 têm uma origem humilde. Desses mesmos 29 líderes, 17 têm estudos superiores e mais 8 completaram a escola secundária[13]. Não parece que este grupo humano fosse uma representação cabal - por outras palavras - da classe social que dizia representar.

Diante deste cenário dificilmente surpreenderá que os libertários assumissem a crítica azeda da presunção dos intelectuais, presunção essa já muito antes identificada pelo próprio Bakunine: «O reino da inteligência científica será o mais aristocrático, o mais despótico, o mais arrogante e o mais desprezível de todos os regimes»[14]. É o próprio Bakunine que continua: «De acordo com a teoria do Sr. Marx, as pessoas não devem destruir o Estado, mas fortalecê-lo e colocá-lo à disposição dos seus beneficiários, guardiões e professores, líderes do partido comunista, e especialmente o Sr. Marx e os seus amigos, que irão libertar a humanidade à sua maneira. Eles concentrarão as rédeas do governo com mão forte, porque o povo ignorante exige um guardião firme; estabelecerão um único banco estadual, concentrarão nas suas mãos todas as produções comerciais, industriais, agrícolas e até mesmo científicas, e depois dividirão as massas em dois exércitos – industriais e agrícolas – sob o comando direto de engenheiros estaduais, que constituirão um novo e privilegiado estrato político-científico»[15]. Um artigo incluído num dos jornais de forma efémera publicados pelos makhnovistas apresentava bem o cenário: «Estais no poder na Rússia, mas o que mudou? As fábricas e as terras não estão todavia nas mãos dos trabalhadores, mas nas do Estado-chefe. A escravidão dos salários, o mal fundamental da ordem burguesa, sobrevive; como resultado, a fome, o frio e o desemprego são inevitáveis. Com a justificação de controlar tudo para garantir um futuro melhor, e para defender o que se ganhou, estabeleceu-se uma máquina burocrática gigantesca, aboliu-se o direito à greve e as liberdades de expressão, reunião e imprensa ficaram no esquecimento. (...) Aceitamos que vós, pessoalmente e subjetivamente, tendes as melhores intenções; mas objetivamente e, por natureza, vós sois representantes da classe dos burocratas e funcionários, de um bando de intelectuais improdutivos»[16]. Em conexão com essas tarefas, é inevitável lembrar, em suma, a obra de Jan Machajski, muito interessado no papel que os "intelectuais burocráticos" eram chamados a desempenhar. Para Machajski, apesar de abolida a propriedade privada dos meios de produção, o monopólio do saber que os intelectuais detinham, sempre que não compartilhavam essa sabedoria com os trabalhadores, perpetuava uma elite de especialistas – de gestores, engenheiros, burocratas - que desfrutava de uma miríade de privilégios[17].

[*****] Nota da tradução, de responsabilidade de “Erva Rebelde”: o autor refere-se a “**Anarquismo y revolución en Rusia (1917-1921)**”, Ed. Catarata, Madrid, 2017 (288 pág.s).

[1] Cit. Em *Solidariedade*, 1996: 103.
[2] Go, 1986: 129 e 131.
[3] Lehning, 2008: 70.
[4] Skirda, 1973: 20.
[5] Berger, 1977: 243.
[6] Cit. Em Berger, 1977: 259.
[7] Kaplan, 1968: 137-141.
[8] Rühle, 1973: 269.
[9] Rühle, 1973: 275.
[10] Anweiler, 1975: 104.
[11] Shan, 1986: 203.
[12] Ferro, 1980: 72.
[13] Ferro, 1980: 127-128.
[14] Cit. Em Arvon, 1980: 143.
[15] Cit. em Avrich, 1973a: 124. Notemos, no entanto, que é duvidoso que as conceções de Marx fossem um fiel reflexo das práticas dos bolcheviques. Sobre as dificuldades de identificar em Lenine um seguidor fiel de Marx e, além disso, sobre o que rodeia o próprio termo "marxismo-leninismo", veja-se Berger, 1977, no bom entendimento de que se trata de um texto difícil que, muitas vezes, faz de Marx uma espécie de oráculo incontestável. Uma explicação mais cristalina será encontrada em Lehning, 2008.
[16] Cit. em Skirda, 2004: 324-325. Veja-se também Skirda, 2003. Vamos acrescentar, ainda assim, outras palavras premonitórias de Bakunine: «A causa fundamental de que todas as autoridades estatais revolucionárias do mundo sempre tenham feito pouco para impulsionar a marcha da revolução está no facto de tentarem impulsioná-la com a sua autoridade pessoal e a ajuda do seu próprio poder. Consequentemente, apenas dois resultados poderiam ser produzidos. Em primeiro lugar, estavam obrigadas a limitar a ação revolucionária ao menor grau, porque até mesmo os homens de Estado mais inteligentes, energéticos e sinceramente revolucionários não têm nenhum conceito de todas as questões e interesses da vida. Portanto, qualquer ditadura, seja de uma pessoa ou de um comité revolucionário, é necessariamente pequena, pobre em grandes pensamentos, e assim como o navio mais gigantesco não pode medir a extensão nem a profundidade do mar, nenhum ditador pode nem sabe conceber toda a profundidade da vida do povo. E, em segundo lugar, porque qualquer ação que se pretenda impor ao povo através do poder oficial e legal desde cima, sempre provocará um sentimento de revolta e oposição nas massas» ; cit. em Rocker, 1959: 44.
[17] Machaqueiro, 2008: 109-110.





# OS ANARQUISTAS RUSSOS E A GUERRA CIVIL*

**_Paul Avrich_**

Aos primeiros tiros da Guerra Civil Russa, os anarquistas, assim como os outros partidos da oposição de esquerda, encararam um sério dilema. Que lado apoiar? Como libertários convictos, não simpatizavam com as práticas ditatoriais do governo de Lenine, mas a perspetiva de uma vitória dos Brancos parecia ainda pior. Uma oposição ativa ao regime soviético poderia favorecer os contrarrevolucionários. Por outro lado, o apoio aos bolcheviques poderia fortalecê-los demais, tornando difícil o seu derrube após o perigo da reação. Era um dilema sem soluções simples. Após muita reflexão e debate, os anarquistas adotaram uma variedade de posições, desde a oposição ativa aos bolcheviques até à neutralidade passiva e a uma ardente colaboração. Uma maioria, no entanto, investiu as suas fichas no regime soviético. Em agosto de 1919, no clímax da Guerra Civil, Lenine estava tão impressionado com o zelo e a coragem dos "anarquistas soviéticos", como os seus camaradas anti-bolcheviques os chamavam, que os contou entre "os mais dedicados apoiantes do poder soviético". [1]

Um excelente exemplo foi Bill Shatov, um ex-agitador da IWW (Industrial Workers of the World) nos Estados Unidos, que havia retornado à sua terra natal após a Revolução de Fevereiro. Como oficial do Décimo Exército Vermelho durante o outono de 1919, Shatov engajou-se na defesa de Petrogrado contra o avanço do general Yudenich. No ano seguinte ele

foi chamado para a cidade de Chita para tornar-se Ministro dos Transportes na República do Extremo Oriente. Antes de partir, Shatov tentou justificar a sua posição colaboracionista aos seus camaradas libertários, Emma Goldman e Alexander Berkman.

«Eu só lhes quero contar», disse ele, «que o Estado Comunista em ação é exatamente aquilo que nós, anarquistas, sempre dissemos que seria – um poder firmemente centralizado ainda mais fortalecido pelos perigos da Revolução. Sob tais condições, não se pode fazer o que se quer. Não se pode apenas pular num trem e seguir, ou até andar nos para-choques como eu fazia nos Estados Unidos. É necessária permissão. Mas não se enganem: não sinto falta das minhas 'bençãos' americanas. Sou pela Rússia, pela Revolução e seu futuro glorioso».

Os anarquistas, disse Shatov, "são os romancistas da revolução", mas não se pode lutar apenas com ideais. No momento, a principal tarefa era derrotar os reacionários. "Nós, anarquistas, devemos permanecer verdadeiros aos nossos ideais, mas não deveríamos criticar agora. Nós devemos trabalhar e ajudar a construir". [2]

Shatov era um entre um pequeno exército de anarquistas que pegou em armas contra os Brancos durante a Guerra Civil. Outros aceitaram postos menores no governo soviético e exortaram os seus camaradas a fazerem o mesmo, ou que pelo menos evitassem práticas hostis à causa bolchevique. Yuda Roschin, ex-terrorista do grupo "Bandeira Negra" e inimigo implacável dos marxistas, agora surpreendia a todos saudando Lenine como uma das grandes figuras da era moderna. De acordo com Victor Serge, Roschin até tentou elaborar uma "teoria anarquista da ditadura do proletariado". Falando perante um grupo de anarquistas moscovitas em 1920, ele exortou os seus companheiros a cooperar com o partido de Lenine.

«É o dever de todo anarquista», declarou ele, «trabalhar de todo o coração com os comunistas, que são a guarda avançada da revolução. Abandonem as vossas teorias, e façam trabalho prático para reconstruir a Rússia. A necessidade é grande, e os bolcheviques dão-lhes as boas-vindas" [3].

Mas os ouvintes de Roschin não ficaram impressionados. Acolhendo o seu discurso com vaias e assobios, dispensaram-no como outra perda para o "anarquismo soviético" e um traidor da causa de Bakunine e Kropotkin. Pois até em tais circunstâncias precárias, um grande e militante segmento do movimento anarquista não dava espaço aos seus adversários bolcheviques. A Federação Anarquista de Briansk, por exemplo, apregoou o imediato derrube dos "Vampiros Sociais" no Kremlin, que sugavam o sangue do povo. Traduzindo o apelo



em ação, uma organização terrorista em Moscovo, conhecida como Anarquistas Clandestinos, juntou as suas forças aos SRs (Socialistas-Revolucionários de Esquerda) e bombardeou os quartéis generais do Comité do Partido Comunista, matando doze dos seus membros e ferindo outros cinquenta e cinco, entre eles, Bukharine.

No Sul, onde a autoridade do Estado estava totalmente destruída, a violência anarquista achou o seu solo mais profundo. Bandos de saqueadores, operando sob nomes como "Furacões" e "Morte", apareceram em todo o canto, prontos para tomar cidades ou vilarejos quando a oportunidade aparecesse. Os *Guerrilheiros Bakunine de Ekaterinoslav* cantavam sobre uma nova "era da dinamite" que encontraria os opressores de todas as estirpes, Vermelhos e Brancos:

> «Abaixo o barulho dos sinos das igrejas!
> Haveremos de soar um novo alarme,
> Com explosões e gemidos na terra
> Haveremos de construir nossa própria harmonia!» [4]

E em Kharkov, um círculo de anarco-futuristas fanáticos proclamaram "Morte à civilização mundial!" e instou as massas obscuras a pegar nos seus machados e destruir tudo à vista. Anarquistas de uma vertente mais pacífica denunciavam esses grupos como "bandidos sicilianos" que usavam a capa do anarquismo para esconder a natureza predatória dos seus atos. Para os moderados, roubos e terrorismo eram caricaturas grotescas das doutrinas anarquistas que serviam apenas para desmoralizar o movimento e desacreditá-lo aos olhos do público. Renunciando à ação violenta, os anarquistas moderados armaram-se com nada mais letal que pena e tinta e engajaram-se no ataque à ditadura soviética. Um grande tema das suas críticas foi que a revolução bolchevique tivesse substituído o capitalismo privado por um "capitalismo de Estado", que um único grande dono tivesse tomado o lugar de diversos donos menores, de maneira que camponeses e trabalhadores se encontravam agora sob o comando de uma "nova classe de administradores – uma nova classe nascida do útero da *intelligentsia*" [5]. Na sua visão, o ocorrido na Rússia guardava grande semelhança com as revoluções anteriores na Europa Ocidental: logo que os fazendeiros e artesãos oprimidos da Inglaterra e da França haviam removido a aristocracia agrária do poder, a ambiciosa classe média aproveitou a deixa e construiu uma nova estrutura de classes consigo no topo; de maneira similar, os privilégios e a autoridade uma vez gozados pela nobreza e burguesia russas haviam passado para as mãos de uma nova classe dominante composta por oficiais partidários, burocratas governamentais e especialistas técnicos.

Na medida em que a Guerra Civil se intensificava, o governo tornou-se cada vez menos tolerante com tais críticas e começou a reprimir os grupos anarquistas em Moscovo e em Petrogrado. Como resultado, iniciou-se um êxodo de anarquistas para a Ucrânia, o éden perene dos fugitivos das perseguições do governo central. Na cidade de Kharkov, uma nova organização, a Confederação Nabat ("Alarme"), apareceu em 1918 e logo se espalhou pelas principais cidades do sul. Como é de se esperar, os membros da Nabat eram extremamente críticos da ditadura soviética, mas acreditavam que a tarefa imediata do movimento anarquista fosse defender a revolução contra a investida dos Brancos, mesmo que isso significasse uma aliança temporária com os comunistas. Para salvar a revolução, puseram as suas esperanças num "exército guerrilheiro" organizado espontaneamente pelas próprias massas revolucionárias.

Como o núcleo mais provável de tal exército, os líderes da Nabat olharam para os guerrilheiros liderados por Nestor Makhno, cujos seguidores consideravam o novo *Stenka Razin* ou *Pugachev*, enviado para realizar os seus antigos sonhos de terra e liberdade. Viajando a cavalo e em carrinhos camponeses (*tachanki*) equipados com metralhadoras, Makhno e os seus homens moviam-se rapidamente na estepe aberta entre o Dnieper e o Mar de Azov, transformando-se num pequeno exército e inspirando o terror no coração dos seus adversários. Grupos guerrilheiros até então independentes aceitaram o seu comando e lutaram pela sua bandeira negra. Vilarejos providenciavam comida e cavalos novos voluntariamente, permitindo à *Makhnovichina* viajar longas distâncias com pouca dificuldade. Repentinamente eles apareciam onde menos se esperava, atacavam a pequena nobreza e as guarnições militares, e então desapareciam tão rápido quanto vieram. Com uniformes capturados, infiltravam-se nas fileiras inimigas para descobrir os seus planos ou para atirar sobre eles à queima-roupa. Quando encurralados, os makhnovistas enterravam as suas armas, voltavam aos vilarejos e trabalhavam no campo, aguardando o sinal para pegar em armas e aparecer novamente em lugares inesperados. Os insurgentes de Makhno, nas palavras de Serge, revelaram "uma capacidade verdadeiramente épica para organização e combate" [6]. Mesmo assim, eles deviam grande parte do seu sucesso às qualidades excecionais do seu líder. Makhno era um comandante ousado e versado, que combinava uma vontade de ferro com um rápido senso de humor e ganhou o amor e a devoção dos seus seguidores. Em setembro de 1918, quando derrotou uma força muito superior de austríacos no vilarejo de Dibrivka, os seus homens deram-lhe o afetuoso título de *batko*, o seu "paizinho" [7].

Por um certo tempo, a relação de Makhno com os bolcheviques permaneceu razoavelmente amigável, e a imprensa soviética exaltava-o como um "guerrilheiro corajoso" e um grande líder revolucionário. As relações estiveram no seu pico em março de 1919, quando Makhno e os comunistas

concluíram um pacto de ação militar conjunta contra o Exército Branco do general Denikine. Tais gestos de harmonia, no entanto, não puderam esconder a hostilidade básica entre os dois grupos. Os comunistas não simpatizavam com o status autónomo do Exército Insurrecional de Makhno porque ele exercia uma poderosa atração sobre as suas fileiras camponesas; a Makhnovichina, por seu lado, temia que, mais cedo ou mais tarde, o Exército Vermelho tentasse acabar com o seu movimento.

Conforme as tensões cresciam, os jornais soviéticos abandonaram os elogios e começaram a chamar à Makhnovichina "*kulaks*" e "anarco-bandidos". Em maio, dois agentes da Tcheka enviados para assassinar Makhno foram capturados e executados. No mês seguinte, Trotski, comandante-chefe das forças bolcheviques, colocou Makhno na ilegalidade, e tropas comunistas realizaram uma operação relâmpago nos quartéis generais em Gulaï-Polé.

Naquele verão, contudo, a frágil aliança foi apressadamente retomada por causa da ofensiva de Denikine em direção a Moscovo. Em 26 de setembro de 1919, Makhno lançou-se em contra-ataque no vilarejo de Peregonivka, perto da cidade de Uman, cortando as linhas de fornecimento do general branco e criando pânico e desordem na sua retaguarda. Esse foi o primeiro revés significativo na dramática ofensiva de Denikine ao coração da Rússia e um grande obstáculo no seu ímpeto em direção à capital bolchevique. Pelo final do ano, uma contraofensiva do Exército Vermelho havia forçado Denikine a recuar até às margens do Mar Negro.

A Makhnovichina alcançou o seu auge nos meses seguintes à vitória em Peregonivka. Durante outubro e novembro, Makhno ocupou Ekaterinoslav e Alexandrovsk por várias semanas e então teve a primeira oportunidade de aplicar as suas conceções de anarquismo à vida na cidade. O objetivo de Makhno era eliminar as dominações de todos os tipos e encorajar a autodeterminação social e económica. Assim, quando os ferroviários de Alexandrovsk reclamaram que não haviam sido pagos por semanas, Makhno os aconselhou a tomar o controlo das linhas e a cobrar o preço que achassem justo dos passageiros e dos comboios de carga. Tais projetos utópicos, entretanto, não conseguiram conquistar mais que uma pequena minoria de trabalhadores, pois, ao contrário de fazendeiros e artesãos dos vilarejos, que eram produtores independentes acostumados a administrar os seus próprios negócios, trabalhadores fabris e mineiros operavam como partes independentes de uma complicada máquina industrial e estariam perdidos sem a orientação de supervisores e especialistas técnicos. Além do mais, os camponeses e artesãos podiam trocar os produtos do seu trabalho, enquanto os trabalhadores urbanos dependiam de salários regulares para sobreviver. Makhno ainda gerou confusão quando reconheceu todo o papel-moeda impresso por seus predecessores – nacionalistas ucranianos, brancos e bolcheviques. Ele nunca entendeu e nem se predispôs a entender as complexidades de uma economia urbana. Ele detestava o "veneno" das cidades e amava a simplicidade natural do ambiente camponês no qual havia nascido. De qualquer modo, Makhno teve pouco tempo para implementar os seus mal definidos programas económicos. A Makhnovichina, nas palavras de um dos associados do *batko*, era a "república sobre *tachanki*… Como sempre, a situação instável impediu o trabalho positivo" [8]. No final de 1919, Makhno recebeu instruções do Comando Vermelho para transferir imediatamente o seu exército para a frente polaca. A ordem tinha o único objetivo de afastar os makhnovistas dos seus territórios, deixando-os livres para o estabelecimento do governo bolchevique. Makhno recusou-se. A resposta de Trotski foi firme e sem hesitação: colocou os makhnovistas na ilegalidade e enviou tropas para combatê-los. Desenrolaram-se oito meses de ardente combate com grandes perdas dos dois lados. Uma severa epidemia de tifo aumentou o sofrimento das vítimas. Os guerrilheiros de Makhno evitavam batalhas abertas, preferindo as táticas guerrilheiras que haviam aperfeiçoado durante a Guerra Civil.

As hostilidades foram encerradas em outubro de 1920, quando o barão Wrangel, o sucessor de Denikine no sul, lançou uma grande ofensiva em direção ao norte, partindo da península da Crimeia. Mais uma vez o Exército Vermelho recrutou a ajuda de Makhno; em retorno, os comunistas concordaram em amnistiar todos os anarquistas presos na Rússia e em garantir liberdade de propaganda aos anarquistas, desde que não pregassem o derrube violento do governo soviético. Menos de um mês depois, no entanto, o Exército Vermelho já se havia fortalecido o bastante para assegurar a vitória na Guerra Civil. Então, os comunistas romperam o acordo com Makhno. Não apenas a Makhnovichina se tornara indesejável como parceira militar, mas na medida em que o batko ficasse livre, o espírito do anarquismo primitivo e o perigo de uma *jacquerie* [9] camponesa continuariam a rondar o instável regime bolchevique. Assim, em 25 de novembro de 1920, os comandantes de Makhno na Crimeia, recém-vitoriosos na batalha contra o exército de Wrangel, foram capturados e imediatamente fuzilados pelo Exército Vermelho. No dia seguinte, Trotski ordenou um ataque aos quartéis generais de Makhno em Gulaï-Polé, enquanto a Tcheka prendia os membros da Confederação Nabat em Kharkov e invadia clubes e organizações anarquistas ao redor do país. Durante o ataque a Gulaï-Polé, a maioria do estado-maior de Makhno foi capturada e presa ou sumariamente fuzilada. O próprio *batko*, no entanto, junto com uns poucos camaradas remanescentes de um exército que fora de dezenas de milhares, conseguiu esquivar-se dos perseguidores. Após peregrinar pela Ucrânia por quase um ano, o líder guerrilheiro,

exausto e ainda sofrendo de ferimentos não curados, cruzou o Dniester em direção à Roménia e finalmente tomou o caminho de Paris.

A queda de Makhno marcou o início do fim do anarquismo russo. Três meses depois, em fevereiro de 1921, o movimento sofreu outro grande golpe quando Piotr Kropotkin, com quase oitenta anos de idade, morreu de pneumonia. A família de Kropotkin recusou o enterro cerimonial de Estado oferecido por Lenine e um comité de anarquistas foi designado para organizar o funeral. Lev Kamenev, presidente do Soviete de Moscovo, permitiu a um punhado de anarquistas presos um dia de liberdade para participar do cortejo fúnebre. Encarando o duro frio do inverno moscovita, 20 000 marcharam no cortejo ao mosteiro Novodevichy, a tumba dos nobres ancestrais de Kropotkin. Eles carregavam cartazes e bandeiras negras defendendo a libertação de todos os anarquistas presos e palavras de ordem como "Onde há autoridade não há liberdade" e "A libertação da classe trabalhadora é obra da própria classe trabalhadora". Um coral cantou "Memória Eterna". Enquanto a procissão passava pela prisão Butirka, os presos bateram nas grades e cantaram um hino anarquista aos mortos. Emma Goldman discursou ao lado do túmulo, e estudantes e trabalhadores colocaram flores no seu caixão. A casa de nascença de Kropotkin, uma mansão no quarteirão aristocrático de Moscovo, foi dada à sua esposa e camaradas para ser usada como um museu para os seus livros, papéis e pertences pessoais, supervisionado por um comité de eruditos anarquistas e de admiradores de todo o mundo [10].

No funeral de Kropotkin a bandeira negra do anarquismo foi hasteada por Moscovo pela última vez. Duas semanas depois, a revolta de Kronstadt explodiu e uma nova onda de prisões políticas varreu o país. Livrarias anarquistas, tipografias e centros foram fechados e os poucos círculos anarquistas restantes foram dissolvidos. Mesmo os pacifistas seguidores de Tolstoi – dos quais alguns foram fuzilados na Guerra Civil por se recusarem a servir no Exército Vermelho – foram presos e banidos. Em Moscovo, um círculo de influentes "anarquistas soviéticos", conhecido como Universalistas, foi detido sob falsas acusações de "banditismo e atividades ilegais", e a sua organização foi substituída por um novo grupo chamado "Anarco-Blocosmistas", que juravam total apoio ao governo soviético e declararam solenemente as suas intenções de fazer uma revolução social "no espaço interplanetário, mas não no território soviético" [11].

A repressão continuou inalterada nos meses que se seguiram. Em setembro de 1921, a Tcheka executou dois anarquistas famosos sem julgamento ou acusações formais. Emma Goldman ficou tão ultrajada que considerou fazer um escândalo à maneira das sufragistas inglesas, acorrentando-se a um banco no salão onde o Terceiro Congresso do Komintern acontecia, além de gritar os seus protestos aos delegados. Ela foi dissuadida pelos seus amigos russos, mas pouco depois ela e Berkman, profundamente dececionados com o rumo que a Revolução havia tomado, decidiram sair do país. "Cinzas são os dias que passam", registou Berkman no seu diário. «Uma a uma as brasas da esperança se apagaram. Terror e despotismo esmagaram a vida nascida em Outubro. Os slogans da revolução foram perjurados, os seus ideais sufocados no sangue do povo. O fôlego de ontem está condenando milhões à morte; a sombra de hoje suspende-se como um lençol negro sobre o país. A ditadura está a pisar o povo. A Revolução está morta; o seu espírito grita no deserto… Decidi deixar a Rússia». [12]

* Trecho do livro "Russian Anarchists", de 1967. Traduzido por Macário, revisto pelo "Passa Palavra" a partir do original disponível, e adaptado para o Português europeu pela "Erva Rebelde".[13]

[1] LENINE, V.I.. *Sochineniia* [Obras], 2ª ed., 31 vols., Moscovo, 1931-1935, XXIV, 437.
[2] GOLDMAN, Emma. *Living My Life*. Nova York, 1931, p.729; Alexander Berkman, *The Bolshevik Myth* (Diary 1920-1922), Nova York, 1925, pp. 35-36.
[3] SERGE Victor, *Mémoires d'un révolutionnaire*, Paris, 1951, p.134; Berkman, The Bolshevik Myth, p. 68.
[4] CHUDNOV, M. N.. *Pod chernym znamenem (zapiski anarkhista)*: "Sob a bandeira negra (nota anarquista)". Moscovo. 1930, p.53
*Down with the noise of church bells!/We shall sound a different alarm./With explosions and groans in the land/We shall build our own harmony!"
[5] *Vol'nyi Golos Truda* ("A Voz Livre de Trabalho"), 16 de setembro de 1918.
[6] SERGE. *Mémoires d'un révolutionnaire*, p.135.
[7] ARSHINOV, P.. *Istoriia makhnovskogo dvizheniia* (1918-1921). (História do Movimento Makhnovista - biénio 1918-1921). Berlim. 1923, pp. 57-58.
[8] Op Cit. ARSHINOV, P. e VOLINE, *La révolution inconnue* (1917-1921). Paris. 1943. pp.578, 603.
[9] N. do T.: *Jacquerie*, levantamento camponês na França em meados do século XIV, durante a Guerra dos Cem Anos.
[10] O museu foi fechado em 1938 após a morte da viúva de Kropotkin. Em 1967, o autor visitou a casa e descobriu que ela estava sendo usada para algo que Kropotkin certamente aprovaria: era uma escola para crianças das embaixadas britânica e norte-americana, com um pequeno parque no jardim e um interior cheio de livros infantis e arte.
[11] MAXIMOFF, G.P.. *The Guillotine at Work*. Chicago. 1940, p. 362.
[12] BERKMAN. *The Bolshevik Myth*, p. 319.
[13] Acessível em: http://www.passapalavra.info/2017/04/111506.



# Não há comunismo na Rússia



*Emma Goldman, 1934*

## I

Agora só se fala do comunismo. Alguns comentam-no com o entusiasmo exagerado dos neófitos, outros temem-no e condenam-no como uma ameaça social. Mas tenho quase a certeza de que nem os seus admiradores - a grande maioria deles - nem aqueles que o denunciam, têm uma ideia muito clara do que realmente é o comunismo bolchevique.

De modo geral, o comunismo é o ideal de igualdade e de fraternidade humana. Considera a exploração do humano pelo humano como a fonte de toda a escravidão e opressão. Sustenta que a desigualdade económica leva à injustiça social e é inimiga do progresso moral e intelectual. O comunismo visa criar uma sociedade sem classes, resultante da partilha dos meios de produção e de distribuição. Ensina que o ser humano só pode desfrutar da liberdade, da paz e do bem-estar numa sociedade solidária e sem classes.

O meu objectivo era comparar o comunismo com a sua aplicação na Rússia soviética, mas vendo bem, é uma tarefa impossível. Na realidade, não há comunismo na URSS[1]. Não há um único princípio comunista, nem um único elemento da sua doutrina é aplicado pelo Partido Comunista.

Para alguns, esta constatação pode parecer completamente falsa, para outros é imensamente exagerada. No entanto, tenho a certeza de que um exame objectivo da situação actual na Rússia irá convencer o leitor sem preconceitos de que expresso toda a verdade.

Em primeiro lugar, é necessário considerar a ideia fundamental subjacente ao alegado comunismo dos bolcheviques. É claro que é centralizada, autoritária, baseada quase exclusivamente na coerção do governo e na violência. Não é o comunismo da associação voluntária, é um comunismo de Estado obrigatório. Devemos ter isto em mente para perceber o método que o Estado soviético utiliza para implementar os seus projectos e dar a impressão de que são comunistas.

A primeira condição do comunismo é a socialização das terras, dos meios de produção e de distribuição. Terras e máquinas socializadas pertencem às pessoas, para serem utilizadas por indivíduos ou grupos de acordo com as suas necessidades. Na Rússia, a terra e os meios de produção não são socializados, mas nacionalizados. Claro que o termo "nacionalizado" é incorrecto. É, de facto, desprovido de qualquer conteúdo. Na realidade, não existe qualquer coisa como riqueza nacional. Uma nação é uma entidade demasiado abstracta para "possuir" qualquer coisa. Quer a propriedade seja possuída por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos, em todos os casos é uma realidade definida quantitativamente. Quando um bem não pertence nem a um indivíduo nem a um grupo é ora nacionalizado ora socializado. Se for nacionalizado, pertence ao Estado, ou seja, o governo controla-o e pode dispor dele de acordo com os seus desejos e intenções. Mas se um bem é socializado, cada indivíduo tem-lhe acesso gratuito e pode utilizá-lo sem qualquer interferência.

Na Rússia, nem a terra, nem a produção, nem a distribuição são socializadas. Tudo é nacionalizado e pertence ao governo, exactamente como os correios nos Estados Unidos ou os caminhos-de-ferro na Alemanha ou noutros países europeus. Não há nada comunista nisto.

Qualquer outra parte da estrutura económica soviética não é mais comunista do que a terra ou os meios de produção. Todas as fontes de existência são propriedade do governo central. Este tem o monopólio absoluto do comércio externo. As tipografias pertencem ao Estado, todos os livros, todas as folhas de papel impresso são publicações do governo. Em suma, o país inteiro e tudo o que contém é propriedade do Estado, como antigamente tudo era propriedade da Coroa[2]. Os poucos bens que ainda não foram nacionalizados, como por exemplo algumas casas velhas e decrépitas em Moscovo, ou pequenas lojas decadentes de aparência miserável, são apenas tolerados, e podem ser confiscados a qualquer momento por simples decreto pelo incontestável direito do governo.

A tal situação pode-se chamar capitalismo de Estado, mas seria grotesco considerá-la comunista.

## II

Passemos agora às questões de produção e consumo, alavancas de toda a existência. Talvez encontremos um certo grau de comunismo com que possamos justificar o termo "comunista" para descrever a vida na Rússia comunista, pelo menos até certo ponto.

Já indiquei que a terra e os meios de produção são propriedade do Estado. Os métodos de produção e as quantidades que devem ser produzidas por cada indústria, cada oficina, loja e fábrica são determinados pelo Estado, pelo governo central - com sede em Moscovo - através dos seus vários órgãos.

Hoje, a Rússia é um país muito grande, cobrindo cerca de um sexto da superfície terrestre do mundo. É povoada por

uma população diversificada de 165 milhões de pessoas. É formada por várias grandes repúblicas, de diferentes etnias e nacionalidades, cada região tem as suas necessidades e interesses específicos. É certo que o planeamento industrial e económico é de vital importância para o bem-estar de uma comunidade. O verdadeiro comunismo - a igualdade económica entre pessoas e entre comunidades - exige de cada comunidade o melhor e mais eficaz planeamento, com base nas necessidades e possibilidades locais. Tal planeamento deve basear-se na completa liberdade de cada comunidade para produzir de acordo com as suas necessidades e dispor dos seus produtos segundo a sua avaliação: trocar o seu excedente com outras comunidades independentes semelhantes sem entraves nem impedimentos exercidos por qualquer autoridade externa.

Esta é a natureza político-económica essencial do comunismo. Não é viável nem possível noutras bases quaisquer. O comunismo é necessariamente libertário, anarquista.

Não há o menor vestígio deste comunismo - isto é, de qualquer comunismo - na Rússia soviética. Na verdade, a simples alusão a tal organização é considerada criminosa, e qualquer tentativa de a pôr em prática é punível de morte.

O planeamento industrial, assim como todos os processos de produção e distribuição estão nas mãos do governo central. O Conselho Económico Supremo só está sujeito à autoridade do Partido Comunista, é totalmente independente da vontade ou desejos das pessoas que compõem a URSS. O seu trabalho é orientado pelas políticas e decisões do Kremlin. Isso explica porque a Rússia soviética exportou grandes quantidades de trigo e outros cereais, enquanto grandes áreas no sul e sudeste da Rússia foram atingidas pela fome, ao ponto de mais de dois milhões de pessoas morrerem à fome (1932-1933).

A "razão do Estado" fora responsável por isto. Desde tempos imemoriais, esta expressão serviu para disfarçar a tirania, a exploração e a determinação de qualquer líder para prolongar e perpetuar a sua lei. Aliás, posso referir que, apesar da fome que afectou todo o país e da falta dos recursos mais básicos para viver na Rússia, o primeiro plano de cinco anos visava o desenvolvimento da indústria pesada, indústria que serve ou pode servir para fins militares.

O mesmo se aplica à produção, à distribuição e a todas as outras formas de actividade. Não são apenas as cidades e as aldeias, mas todas as partes constituintes da União Soviética que são privadas de existência independente. Politicamente, são simples vassalos de Moscovo, todas as suas actividades económicas, sociais e culturais são planificadas, concebidas e implacavelmente controladas pela "ditadura do proletariado" em Moscovo. Pior ainda, a vida de cada localidade, e mesmo de cada indivíduo, nas chamadas repúblicas “socialistas", é gerida em todos os seus detalhes pela "linha geral" definida pelo "centro". Por outras palavras, pelo Comité Central e pelo Politburo[3], ambos sob o controlo total de um homem, Estaline. Dar o nome de "comunismo" a tal ditadura, a esta autocracia mais poderosa e ainda mais absoluta do que a de qualquer Czar, é atingir o cúmulo da imbecilidade.

## III

Vejamos agora como o "comunismo" bolchevique influencia a vida das massas e dos indivíduos.

Algumas pessoas ingénuas acreditam que pelo menos algumas características do comunismo foram introduzidas na vida dos russos. Gostaria que fosse verdade, porque seria um sinal encorajador, a promessa de um potencial desenvolvimento nessa direcção. Mas na verdade, em nenhuma parte da vida soviética, quer nas relações sociais ou individuais, houve qualquer tentativa de aplicar os princípios comunistas de uma forma ou de outra. Como já disse anteriormente, a menor sugestão de que o comunismo pode ser livre e voluntário é tabu na Rússia, é considerada como contra-revolucionária e uma alta traição contra o infalível Estaline e o sacrossanto Partido “Comunista”.

E, nem falo aqui do comunismo libertário, anarquista. O que afirmo é que não existe o menor sinal quer de comunismo autoritário quer de comunismo de Estado na Rússia soviética. Olhemos para os factos da vida quotidiana neste país.

A essência do comunismo, mesmo do tipo coercivo, é a ausência de classes sociais. A introdução da igualdade económica é o primeiro passo. Esta tem sido a base de todas as filosofias comunistas, embora possam divergir noutros aspectos. O objectivo comum destas filosofias era garantir a justiça social e todas concordam que a justiça social é impossível sem estabelecer a igualdade económica. Até Platão, apesar das diferentes categorias intelectuais e morais presentes na sua República, se pronunciou a favor da igualdade económica absoluta, sendo que as classes dominantes não deveriam gozar de maiores privilégios ou direitos do que as classes inferiores.

Mesmo correndo o risco de ser condenada por dizer toda a verdade, devo declarar de forma inequívoca e incondicional que a Rússia soviética é exactamente o caso oposto. O bolchevismo não aboliu as classes na Rússia:

apenas inverteu as relações anteriores. Na verdade, multiplicou as divisões sociais que existiam antes da Revolução.

Quando cheguei à Rússia em Janeiro de 1920, descobri inúmeras categorias económicas, com base nas rações alimentares distribuídas pelo governo. O marinheiro recebia uma ração melhor, superior em qualidade, quantidade e variedade do que a comida concedida ao resto da população. O marinheiro era o aristocrata da Revolução. A nível económico e social, foi universalmente considerado como pertencendo às novas classes privilegiadas. Depois dele, vinha o soldado, o homem do Exército Vermelho, que recebia uma ração muito menor, e até menos pão. Abaixo do soldado, estava o operário das indústrias militares e a seguir os outros trabalhadores subdivididos em operários qualificados, artesãos, operários, etc.. Cada categoria recebia um pouco menos de pão, gordura, açúcar, tabaco e outros produtos (quando os havia). Os membros da velha burguesia, uma classe oficialmente abolida e expropriada, pertenciam à última categoria económica e não recebiam praticamente nada. A maior parte deles não conseguia nem trabalho nem habitação - e ninguém se preocupava - só podiam sobreviver roubando ou juntando-se aos exércitos contra-revolucionários ou aos bandos de saqueadores.

A posse de um cartão vermelho, provando a adesão ao Partido Comunista, permitia colocar-se acima de todas estas categorias. Cada membro do Partido Comunista beneficiava de uma ração especial, podia comer na stolovaya (cantina) do Partido e tinha direito, especialmente se recomendado por um funcionário superior, a roupas interiores quentes, botas de cabedal, casaco de peles ou outros itens valiosos. Os homens mais proeminentes do Partido tinham os seus próprios refeitórios, aos quais os membros comuns do Partido não tinham acesso. No Smolny, que na época abrigava a sede do governo de Petrogrado[4], havia dois refeitórios distintos, um para os comunistas bem colocados e outro para aqueles de menor importância. Zinoviev, então presidente do Soviete de Petrogrado e autêntico autocrata do Distrito Norte, juntamente com outros membros do governo, tomavam as suas refeições no Astoria, outrora o melhor hotel da cidade, que se transformou na primeira Casa do Soviete, onde moravam com as suas famílias.

Mais tarde, vi a mesma situação em Moscovo, Kharkov, Kiev, Odessa - por toda a Rússia soviética.

Isto era o sistema do “comunismo” bolchevique. Este sistema teve consequências desastrosas, causando insatisfação, ressentimento e antagonismo pelo país inteiro, provocando sabotagens industriais e agrárias, greves e revoltas - isto mais adiante. Diz-se que o humano não vive apenas de pão. Certo, mas sem pão, não pode de todo viver. Para as pessoas comuns, para as massas russas, que derramaram sangue pela libertação do seu país, o sistema diferenciado de rações simbolizava o novo regime. Para eles, significava a grande mentira do bolchevismo, a promessa de liberdade quebrada, porque a liberdade significava justiça social e igualdade económica. O instinto das massas raramente engana, pois, neste caso, revelou-se profético. Portanto, não admira que o entusiasmo geral pela Revolução rapidamente se transformasse em desilusão e amargura, em resistência e ódio. Ouvi tantas vezes as queixas dos trabalhadores russos: “Não nos importamos de trabalhar duro e estar com fome. É a injustiça que nos interessa. Se o país é pobre, se há pouco pão, então partilhemos entre todos o pouco que há, mas partilhemos equitativamente. Actualmente, a situação é a mesma que antes, alguns recebem muito, outros menos e outros nada”.

O sistema bolchevique de privilégios e desigualdades não tardou em ter consequências inevitáveis. Criou e promoveu antagonismos sociais, afastou as massas da Revolução, paralisou o interesse nela, abafou as energias e ajudou a aniquilar todos os objectivos da Revolução.

Ainda hoje prevalece o mesmo sistema de privilégios e desigualdades, fortalecido e aperfeiçoado.

A Revolução Russa foi uma revolta social no sentido mais profundo: a sua tendência fundamental era libertária, o seu objectivo essencial era a igualdade económica e social. Muito antes dos dias de Outubro a Novembro de 1917, o proletariado urbano tomou posse das oficinas, lojas e fábricas, enquanto os camponeses expropriavam as grandes propriedades e punham a terra em comum. O desenvolvimento contínuo da Revolução numa direcção comunista dependia da unidade das forças revolucionárias e da iniciativa directa e criativa das massas trabalhadoras. As pessoas estavam entusiasmadas com os grandes objectivos que tinham pela frente; aplicaram as energias apaixonadamente na reconstrução social. Só aqueles que, durante séculos, sofreram a mais pesada opressão, poderiam encontrar o caminho para uma sociedade nova e regenerada através do esforço voluntário e sistemático.

Mas os dogmas bolcheviques e o estatismo "comunista" revelaram-se um obstáculo fatal para as actividades criativas dos povos. A característica fundamental da psicologia bolchevique é a desconfiança nas massas. As suas teorias marxistas, concentrando todo o poder exclusivamente nas mãos do Partido, levaram rapidamente à destruição da cooperação

revolucionária, à eliminação brutal e arbitrária de todos os outros partidos e movimentos políticos. As tácticas bolcheviques incluíam a erradicação sistemática de qualquer sinal de descontentamento, asfixiavam todas as críticas e esmagavam as opiniões independentes, os esforços e as iniciativas populares. A ditadura comunista, com a sua centralização mecânica extrema, frustrou as actividades económicas e industriais do país. As massas eram desprovidas da possibilidade de moldar as políticas da Revolução ou de participar na administração dos seus próprios assuntos. Os sindicatos foram governamentalizados e transformados em meros transmissores de ordens estaduais. As cooperativas populares - esses nervos vitais de solidariedade activa e de apoio mútuo entre cidades e campos - foram liquidadas. Os sovietes de camponeses e trabalhadores foram esvaziados dos seus conteúdos e transformados em comités obedientes. O governo monopolizou todas as fases da vida. Foi criada uma máquina burocrática terrível pela sua ineficiência, corrupção e brutalidade. A Revolução ficou separada do povo, condenada a perecer e a temível espada do terror bolchevique pairava por cima de todos.

Assim foi o "comunismo" dos bolcheviques durante as primeiras etapas da Revolução. Todos sabem que causou a paralisia completa da indústria, da agricultura e dos transportes. Foi o período do "comunismo de guerra", da conscrição camponesa e operária, da destruição total de aldeias camponesas pela artilharia bolchevique - todas estas medidas sociais e económicas "construtivas" do comunismo bolchevique - que levou à terrífica fome de 1921.

## IV

E hoje? Esse "comunismo" mudou de natureza? É diferente do "comunismo" de 1921? Com muita pena devo dizer que, apesar de todas as mudanças e das novas políticas económicas amplamente divulgadas, o "comunismo" bolchevique é essencialmente o mesmo que em 1921. Hoje, na Rússia soviética, o campesinato é completamente despojado das suas terras. Os *sovkhozes* são quintas governamentais nas quais os camponeses trabalham em troca de um salário, exactamente como os trabalhadores nas fábricas. Isto é conhecido por "mecanização" da agricultura, "transformando o camponês em proletário". No colcoz, a terra pertence apenas nominalmente à aldeia. Na verdade, é propriedade do governo. Este último pode - e fá-lo muitas vezes -, a qualquer momento, requisitar membros do colcoz para trabalharem noutras regiões do país, ou exilar aldeias inteiras por desobediência. Os colcozes são explorados colectivamente, mas o controlo do governo equivale a uma expropriação. O governo impõe os impostos que deseja e decide do preço de compra dos cereais e outros produtos. Nem o camponês - como indivíduo - nem o soviete da aldeia têm voz na matéria. O governo apropria-se dos produtos dos colcozes, impondo inúmeras taxas e empréstimos governamentais obrigatórios e, alegando delitos reais ou presumidos, castiga-os requisitando todos os seus cereais.

A terrível fome de 1921 foi causada principalmente pela *razverstka*, o método de expropriação implacável praticado na época[5]. Foi por isto, e pela revolta resultante, que Lenine decidiu introduzir a NEP - a Nova Política Económica - que limitava as expropriações praticadas pelo Estado e permitia que os camponeses usufruíssem de algum do seu excedente para uso próprio. A NEP melhorou imediatamente as condições económicas do país. A fome de 1932-1933 foi desencadeada pelos semelhantes métodos "comunistas" dos bolcheviques: a colectivização forçada.

O resultado foi o mesmo que em 1921. Isto obrigou Estaline a reconsiderar um pouco a sua política. Percebeu que o bem-estar de um país, especialmente um país predominantemente agrário como a Rússia, depende principalmente do campesinato. O slogan foi proclamado: deve-se dar aos camponeses a possibilidade de aceder a um maior "bem-estar". Esta "nova" política é apenas uma pausa momentânea para os camponeses. Não é mais comunista do que as políticas agrícolas anteriores. Desde o início do governo bolchevique até agora, não tem sido nada mais que expropriações de uma forma ou de outra, com mais ou menos intensidade, mas sempre do mesmo género - um processo contínuo de roubo do campesinato pelo Estado, proibições, violências, embustes e represálias, exactamente como nos piores dias do czarismo e da Guerra Mundial[6]. A política actual é apenas uma variante do "comunismo de guerra" de 1920-1921, com mais guerra e menos “comunismo”. A sua concepção da "igualdade" é a de uma penitenciária; da “liberdade”, a de condenados acorrentados. Não admira que os bolcheviques declarem que a liberdade é uma concepção burguesa.

Os apologistas da União Soviética insistem que o antigo "comunismo de guerra" foi justificado no início da Revolução, na altura do bloqueio e das frentes militares. Mas, mais de dezasseis anos passaram desde então. Já não há bloqueio, nem combate nas frentes, nem contra-revolução. Todos os principais governos mundiais reconheceram a Rússia soviética. O governo soviético realça a sua boa vontade para com os Estados burgueses, solicita a sua cooperação e faz grandes negócios com eles. Na verdade, o governo soviético até tem relações amigáveis com Mussolini e Hitler, estes famosos campeões da liberdade. Ajuda o capitalismo a enfrentar as

suas tempestades económicas, comprando milhões de dólares em produtos e abrindo-lhe novos mercados.

Isto é, no geral, o que a Rússia soviética realizou durante dezassete anos depois da Revolução. Mas, no que concerne ao comunismo, é outro assunto. Nesta matéria, o governo bolchevique segue exactamente a mesma política que antes, ou pior. Procedeu a algumas mudanças políticas e económicas superficiais, mas basicamente permaneceu exactamente o mesmo Estado, com base no mesmo princípio de violência e coerção, utilizando os mesmos métodos de terror e coação que no período de 1920-1921.

Hoje em dia, na Rússia soviética, há mais classes sociais do que em 1917 e mais do que na maioria dos outros países do mundo. Os bolcheviques criaram uma enorme burocracia soviética, que goza de privilégios especiais e de uma autoridade quase ilimitada sobre as massas operárias e camponesas. Acima desta burocracia há uma classe ainda mais privilegiada, a dos "camaradas responsáveis", a nova aristocracia soviética. A classe industrial é dividida e subdividida numa multidão de categorias: os *udarniki* (tropas de "trabalhadores de choque" aos quais são concedidos vários privilégios), os "especialistas", os artesãos, os operários comuns e os jornaleiros. Existem as "células" de fábrica, os comités de oficina, os pioneiros[7], a *komsomoltsi*[8], os membros do Partido, todos desfrutam de vantagens materiais e autoridade. Há também a vasta classe de *lishentsi*, as pessoas privadas de direitos civis, a maioria dos quais não têm a oportunidade de trabalhar nem o direito de viver em certos sítios, são praticamente privados de qualquer meio de subsistência. A famosa "zona de residência"[9] da era czarista, que proibia os judeus de viverem em certas partes do país, foi reinstaurada a toda a população pela introdução do novo sistema de passaporte soviético. Acima de todas estas classes reina o GPU[10], uma instituição temida, secreta, poderosa e arbitrária, um verdadeiro governo dentro do governo. O GPU, por sua vez, tem as suas próprias divisões de classe. Tem as suas forças armadas, os seus estabelecimentos comerciais e industriais, as suas próprias leis e regulamentos, e dispõe do vasto exército de escravos condenados ao trabalho forçado. Até existem diferentes classes com privilégios especiais nas prisões e nos campos de concentração soviéticos.



Na área da indústria, encontramos o mesmo tipo de "comunismo" que na agricultura. Um sistema Taylor sovietizado[11] está na moda pela Rússia inteira, combinando padrões mínimos de produção e trabalho à peça - o mais alto grau de exploração e degradação humana, implicando também grandes diferenças nas remunerações e nos salários. Os pagamentos

são feitos em dinheiro, rações, reduções dos encargos (rendas, electricidade, etc.), sem falar das bonificações e recompensas especiais para os *udarniki*. Em suma, actualmente, na Rússia, opera o trabalho assalariado.

Será preciso salientar que um sistema económico baseado no salariato não pode ser considerado como tendo qualquer ligação com o comunismo? É um sistema que constitui a sua antítese.

## V

Todas estas características encontram-se no sistema soviético actual. É uma ingenuidade imperdoável, ou uma hipocrisia ainda mais imperdoável, fingir - como fazem os apologistas do bolchevismo - que o trabalho obrigatório na Rússia revela "a auto-organização das massas para a produção".

Estranhamente, conheci pessoas aparentemente inteligentes que afirmam que com estes métodos os bolcheviques "estão a construir o comunismo". Presumivelmente, estas pessoas pensam que esta construção consiste em destruir brutal, física e moralmente os melhores valores da humanidade. Outros pretendem pensar que o caminho para a liberdade e a cooperação se faz através da escravidão laboral e da repressão intelectual. Segundo eles, instilar o veneno do ódio e da inveja, da espionagem universal e do terror, constitui para a humanidade e o espírito fraterno a melhor preparação para o comunismo.

Não me parece. Penso que não há nada mais pernicioso do que degradar um ser humano transformando-o numa peça de uma engrenagem desalmada, num servo, num espião ou vítima de um espião. Nada corrompe mais do que a escravidão e o despotismo.

Existe uma psicologia comum a todas as formas de absolutismo político e ditadura: no decorrer do tempo, os meios e métodos utilizados para alcançar um determinado objectivo tornam-se o objectivo em si. O ideal do comunismo, do socialismo, há muito que deixou de inspirar a classe de líderes bolcheviques. O poder e o reforço do poder tornaram-se o único objectivo. Mas a vil submissão, exploração e degradação estão também a desenvolver uma nova psicologia na grande massa de pessoas.

Na Rússia, a nova geração é o produto dos princípios e métodos bolcheviques. Este é o resultado de dezasseis anos de opiniões oficiais, as únicas permitidas neste território. Tendo crescido sob um mortífero regime de monopólio de ideias e valores, a juventude da URSS não conhece praticamente nada sobre a própria Rússia, e ainda menos sobre o resto do mundo. Esta juventude conta com muitos fanáticos cegos, estreitos de espírito e intolerantes. Esta juventude está privada de qualquer percepção ética, desprovida do sentido de justiça e equidade. Além disso, há uma classe de arrivistas, carreiristas e oportunistas criada no dogma bolchevique: "O fim justifica os meios". No entanto, seria errado negar as excepções nas fileiras da juventude russa. Muitos deles são profundamente sinceros, heróicos e idealistas. Vêem e sentem a força dos ideais que o Partido professa bem alto. Percebem que as massas foram traídas. Sofrem profundamente com o cinismo e o desprezo por toda a emoção humana. A presença dos *Komsomoltsi* nas prisões políticas soviéticas, campos de concentração e exílio e as fugas nas mais angustiantes dificuldades provam que a geração mais nova não é apenas composta por aderentes servis. Não, nem todos os jovens russos foram transformados em fantoches, fanáticos obcecados ou adoradores do trono de Estaline e do mausoléu de Lenine.

A ditadura tornou-se uma necessidade absoluta para a sobrevivência do regime. Porque onde existe um sistema de classe e desigualdade social, o Estado deve recorrer à força e à repressão. A brutalidade de tal situação é sempre proporcional à amargura e ao ressentimento, impregnando-se nas massas. É por isso que hoje há mais terrorismo governamental na Rússia soviética do que em qualquer outro lugar do mundo civilizado, porque Estaline deve derrotar e escravizar uma centena de milhões de camponeses obstinados. É o ódio popular pelo regime que explica a prodigiosa sabotagem industrial na Rússia, a desorganização dos transportes após dezasseis anos de gestão militar efectiva. Este ódio popular ao regime também explica a terrível fome no Sul e no Sudeste, apesar das condições naturais favoráveis, apesar das mais severas medidas tomadas para obrigar os camponeses a semear e colher, e apesar do extermínio e deportação de mais de um milhão de camponeses para campos de trabalho forçado.

A ditadura bolchevique é uma forma de absolutismo que deve endurecer-se constantemente para sobreviver, e reprimir todas as opiniões e críticas independentes dentro do Partido, mesmo no seio dos seus círculos mais altos e mais fechados. Uma característica particularmente significativa desta situação é o discurso tranquilizador do bolchevismo oficial, e dos seus agentes remunerados e voluntários, ao resto do mundo: "Está tudo bem na Rússia soviética, cada vez melhor". Este tipo de discurso é de natureza comparável ao de Hitler insistindo constantemente no seu amor pela paz, enquanto fortalece freneticamente o seu poder militar.

Longe de melhorar, cada dia a ditadura torna-se mais implacável. O último decreto contra os chamados contra--revolucionários, ou traidores do Estado soviético até deveria convencer alguns dos mais ardentes apologistas dos milagres realizados na Rússia. Este decreto fortalece as leis já existentes contra quem não pode ou não quer admirar a infalibilidade da Santíssima Trindade, Marx-Lenine-Estaline. Os efeitos deste decreto são ainda mais drásticos e cruéis contra qualquer pessoa considerada culpada. Sejamos claros, a prática de fazer reféns não é nada nova na URSS. Já fazia parte do terror quando aqui estive. Pierre Kropotkin e Vera Figner protestaram em vão contra essa mancha negra no brasão da Revolução Russa. Agora, passados dezassete anos de dominação bolchevique, um novo decreto parecia necessário. Não só reactiva a prática de fazer reféns, mas também visa castigar cruelmente qualquer adulto pertencente à família do suposto ou real criminoso. O novo decreto define a traição do Estado como sendo "qualquer acto cometido por cidadãos da URSS em detrimento das forças armadas da URSS, sua independência ou a inviolabilidade do seu território, tal como a espionagem, a traição de segredos militares ou de Estado, passar-se para o inimigo, a fuga ou voo para um país estrangeiro".

Claro, os traidores foram sempre fuzilados. O que torna este novo decreto ainda mais horrível é o castigo cruel que exige para qualquer pessoa que viva com a vítima desafortunada ou que lhe preste assistência, quer tenha conhecimento do crime, quer não tenha. Pode ser presa, exilada ou mesmo fuzilada. Pode perder os seus direitos civis e ser desapossada de tudo o que tem. Por outras palavras, este novo decreto institucionaliza um bónus para todos os informadores que - para salvar a sua própria pele e serem bem vistos na colaboração com a GPU - denunciarem os pobres parentes dos infractores aos senhores soviéticos.

Este novo decreto deve inegavelmente limpar as dúvidas remanescentes sobre a existência do verdadeiro comunismo na Rússia. Incluso se afasta da pretensão do internacionalismo e dos interesses do proletariado. O antigo hino internacionalista tornou-se uma canção para a glória da pátria, que a servil imprensa soviética canta em coro: "A defesa da pátria é a lei suprema da vida, e quem levantar a mão contra ela, quem a trair, deve ser eliminado."

Agora é inegável que a Rússia soviética é politicamente um regime de despotismo absoluto, e economicamente a forma mais rude do capitalismo de Estado.

***Tradução:*** *Ana da Palma*

**Fontes:**

Em inglês: https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-there-is-no-communism-in-russia

Em francês: https://www.infokiosques.net/spip.php?article1452

[1] União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

[2] Entenda-se: Coroa Imperial da Rússia.

[3] O Politburo (em russo, contracção de Политическое бюро, "escritório político") foi instituído em 1919 como "Politburo do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética". Foi o primeiro conselho (órgão supremo) do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética que definiu as linhas directrizes e determinou as políticas seguidas pela URSS. A autoridade do Politburo sobrepôs-se à do governo oficial da URSS (sucessivamente chamado Conselho dos Comissários do Povo e depois Conselho dos Ministros). A função de Secretário Geral do Comité Central, responsável pela coordenação das actividades do Politburo, foi criada em 1922, sendo o seu primeiro titular Joseph Vissarionovitch Djugashvilli, conhecido como Estaline.

[4] O Instituto Smolny é um edifício de estilo palladiano (do arquitecto italiano: Andrea Palladio) de São Petersburgo. Durante a Revolução Russa de 1917, foi escolhido por Lenine como quartel geral dos bolcheviques e foi onde Lenine residiu vários meses até o governo soviético ser transferido para o Kremlin de Moscovo. Depois disso, o Instituto Smolny tornou-se a sede da secção local do Partido Comunista, na verdade, a Câmara de Petrogrado e depois a de Leninegrado - nomes sucessivamente dados a São Petersburgo antes de 1991.

[5] A *razverstka* foi o método de aquisição de cereais praticado pelo poder bolchevique durante o período do "comunismo de guerra" entre 1918 e 1921.

[6] Aqui, refere-se à Primeira Guerra Mundial,1914-1918.

[7] A Organização dos Pioneiros de Vladimir Lenine era uma organização juvenil, fundada em Maio de 1922, após a proibição do escuteismo na URSS. As crianças entravam aos 10 anos e permaneciam até aos 15 anos de idade.

[8] União da Juventude Comunista Leninista foi criada em Outubro de 1918. Depois dos Pioneiros soviéticos, as crianças entravam aos 15 anos e podiam permanecer até aos 28 anos.

[9] A Zona Residencial (em russo, Черта оседлости) situada na zona ocidental do Império Russo, na fronteira com os poderes da Europa Central, era onde os judeus foram confinados pelo poder imperial, de 1791 a Março de 1917.

[10] A GPU (ou OGPU) é constituída em Fevereiro de 1922 a partir da Tcheka (primeiro nome da polícia política soviética). Em Julho de 1934 funde-se com o NKVD (Comissariado do Povo para os Assuntos Internos). Em 1953, surge o KGB e, em 1991, o SVR.

[11] Frederick Winslow Taylor, um engenheiro americano (1856-1915), definiu uma forma de organização científica do trabalho, retomada pelos seus seguidores a partir de 1880, que ficou conhecida como taylorismo.



# OS DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO*

NA KIROTCHNAIA, ENTRÁMOS NUM IMENSO PÁTIO CERCADO POR EDIFÍCIOS MILITARES E SUBIMOS UMA ESCADA ESCURA ATÉ UMA SALA BAIXA APENAS ILUMINADA PELA LUZ EMANADA DE UMA ÚNICA JANELA.

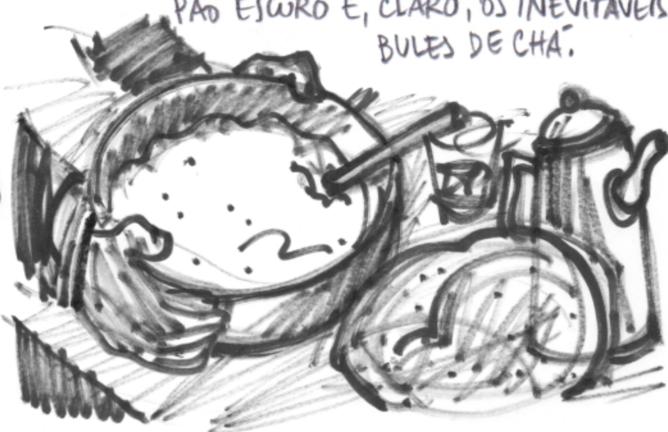
REED, MEU AMIGO SOCIALISTA AMERICANO. BEM-VINDO AO COMITÉ DO 6º BATALHÃO DE RESERVA DE ENGENHARIA!

UNS VINTE SOLDADOS ESTAVAM SENTADOS NUMA MESA DE MADEIRA COMPRIDA A COMER CHTCHI (SOPA DE COUVES) DE UM GRANDE ALGUIDAR EM ESTANHO, COM COLHERES DE PAU, ENQUANTO FALAVAM ALTO E RIAM MUITO.

COM ISTO, LEVANTARAM-SE TODOS PARA ME APERTAR A MÃO E UM VELHO SOLDADO ABRAÇOU-ME E DEU-ME UM BEIJO GENEROSO.



DERAM-ME UMA COLHER DE PAU E SENTEI-ME À MESA. TROUXERAM OUTRO ALGUIDAR CHEIO DE KACHA, UM ENORME PÃO ESCURO E, CLARO, OS INEVITÁVEIS BULES DE CHÁ.



*EXCERTO, ADAPTADO, DO LIVRO DE **JOHN REED**. EDIÇÕES COMBATE, TRADUÇÃO DE ANA DA PALMA

DESATARAM TODOS A FAZER PERGUNTAS SOBRE A AMÉRICA.




TENTEI EXPLICAR-LHES QUE NO MEU PAÍS O POVO TENTAVA MUDAR AS COISAS ATRAVÉS DA LEI.



"CLARO", ACENOU UM JOVEM SARGENTO CHAMADO BAKLANOV, QUE FALAVA FRANCÊS.



# Resumos de leitura

## PETROGRADO VERMELHO
## A revolução nas fábricas (1917-1918)
Stephen Smith






[Esta semana] Vamos falar do livro **Petrogrado Vermelho, a Revolução nas fábricas (1917-1918)** escrito por Stephen A. Smith. Este livro saiu em Abril de 2017 nas edições Les Nuits rouges. Trata-se de uma tradução inédita. O livro foi publicado em primeiro em inglês em 1983. O autor é um universitário inglês que trabalha em particular sobre a revolução russa e a revolução chinesa. Esta obra é muito especializada, posto que aborda a revolução russa apenas do ponto de vista da revolução nas fábricas de Petrogrado de 1917 a 1918. Como indicado na contracapa, este livro "interessa-se por actores paradoxalmente desconhecidos da Revolução russa - os operários - através da acção dos comités espontaneamente criados nas suas fábricas".

Este livro é tanto mais interessante que difícil de resumir em algumas frases lapidares. Apresenta detalhes por vezes longos e académicos sobre a composição do proletariado de Petrogrado e as suas condições de vida e de trabalho. Depois faz uma boa introdução da revolução de Fevereiro. O início demorado permite enquadrar o tema do livro, isto é, a acção dos operários nas fábricas de Fevereiro de 1917 a Junho de 1918. Ao longo da obra assistimos a uma apresentação clara da continuação da revolução de Fevereiro nas fábricas com as diferentes lutas reivindicativas e o surgimento dos comités de fábrica. Segue-se uma descrição muito completa das estruturas e funções dos diferentes comités de fábrica assim como da constituição e da acção dos sindicatos. A continuação do livro é muito interessante, porque esboça uma teoria do controlo operário de Fevereiro a Outubro e do seu papel determinante na radicalização do proletariado de Petrogrado.

«Lenine podia ter tido razão quando afirmava que as lutas 'económicas' no geral só podem gerar uma "consciência sindicalista", na medida em que não põe em causa a natureza do trabalho como mercadoria e expressam a realidade de uma sociedade de classes em vez de a desafiar. Mas Lenine negligencia toda a influência que podem ter as lutas "económicas"

sobre o processo de produção. Podem ser motivadas por preocupações "económicas", mas levantam implícita ou explicitamente questões de poder. Num contexto tal como o de 1917, onde o poder do Estado estava paralisado, tais aspirações podiam levar a uma vontade de controlar a economia no seu conjunto. A luta pelo controlo operário era portanto tanto económica como política e não se podia reduzir a nenhum destes aspectos.» (p. 195 da edição francesa)

O movimento para o controlo operário torna-se um movimento de massa no Outono de 1917. Cresce enquanto a crise económica se prolonga: os aumentos salariais, conseguidos nas lutas do Verão de 1917, já não são suficientes. A crise económica leva os operários a encontrar novas formas de lutas. O controlo operário responde a uma situação social dramática: a economia russa esta a desmoronar-se, particularmente a de Petrogrado que é essencialmente uma indústria de guerra dependente das matérias-primas. Mas o controlo operário resulta também da maturação política do proletariado que o leva a procurar uma saída aos bloqueios da situação, o poder político com os sovietes e o poder económico com os comités de fábrica.

Depois da tomada do poder pelos bolcheviques, a questão dos comités de fábrica e do controlo operário ainda está em aberto e é uma questão premente. Com a pressão dos comités de fábricas, a maioria dos patrões deixam as fábricas, deixando o governo diante do facto consumado de uma nacionalização pela base. A grande maioria das fábricas de Petrogrado serão nacionalizadas desta maneira antes da completa nacionalização em Junho de 1918. Mas os comités de fábrica encontram-se limitados apesar do controlo operário, são incapazes de parar a crise económica e além disto o governo decide apoiar os sindicatos, como correia de transmissão na fábrica, em vez dos comités de fábrica. Depois assistimos a uma recuperação por cima, é o início do comunismo de guerra que deixa pouco espaço às iniciativas vindas de baixo.

Para termos uma ideia da dimensão da crise que destruiu literalmente o proletariado de Petrogrado: entre Janeiro de 1918 e Junho de 1918, mais de um milhão de pessoas deixam a cidade, entre elas a maior parte são operários. Entre Outubro de 1917 e Junho de 1918, os efectivos do partido bolchevique passam de 43000 homens, com dois terços de operários, a apenas 13000. O controlo operário era constituído essencialmente por militantes bolcheviques operários de base, mas o apelo da guerra civil desmembra também o proletariado organizado. Apesar disto, enquanto em Junho de 1918 o governo bolchevique reintroduz o posto de director de fábrica, em Março de 1920, 69% das empresas de Petrogrado com mais de 200 assalariados ainda têm uma direcção colegial. Os operários de Petrogrado são os que resistiram mais tempo ao restabelecimento dos directores.

Este livro é muito interessante porque apresenta todo um aspecto desconhecido da revolução russa, aquele da luta nas fábricas pelos operários de Petrogrado, isto é, os principais actores da revolução de Fevereiro. O livro está bem concebido e equilibrado. Apresenta de forma legível as evoluções e os diferentes desafios dos comités de fábrica, aspecto incontornável dos sovietes, em Petrogrado capital da Revolução. Demonstra também que a questão do controlo operário foi imposta aos bolcheviques e que a sua posição evoluiu muito de acordo com a situação. Explica bem as diferentes facetas do declínio dos comités de fábrica depois da tomada do poder pelos bolcheviques.

Vale a pena ler. Apesar de ser um livro bastante especializado é totalmente legível sem ter um grande conhecimento prévio da Revolução russa.

Autor e fonte: Um historiador materialista para - lundimatin#108, a 13 de Junho de 2017: https://lundi.am/Petrograd-Rouge-1917-2017

***Tradução*** *GERA*

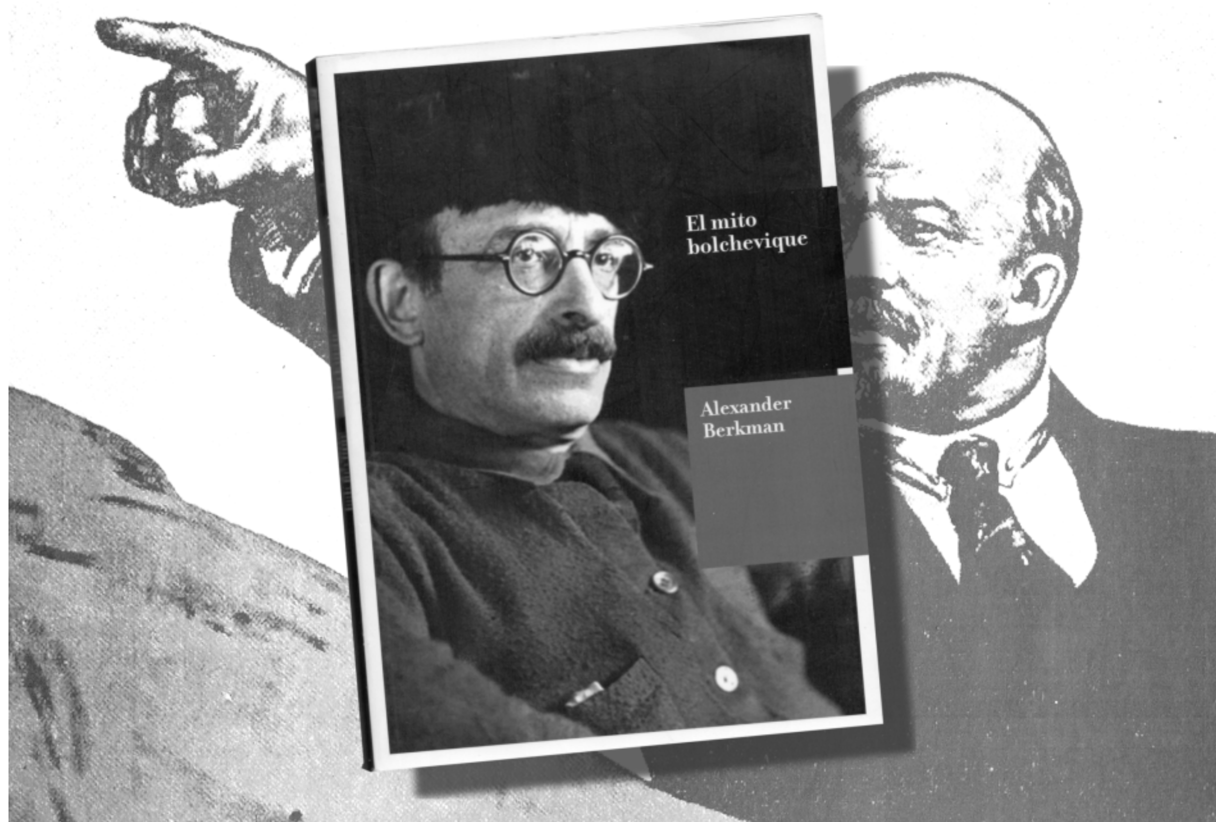
## "El mito bolchevique. Diario 1920-1922"
Alexander Berkman

Em Dezembro de 1920, mais de duas centenas de pessoas, anarquistas e sindicalistas, foram deportadas dos EUA em direcção à Rússia. Alexander Berkman no seu diário de viagem intitulado El mito bolchevique, publicado em 2013 por Tierra de Fuego/La Malatesta, descreve num estilo íntimo e de leitura agradável, a viagem a bordo do Buford e a experiência de regresso à Rússia. O relato começa no terceiro dia de viagem, a 21 de Janeiro de 1920, em alto mar perto dos Açores, a bordo da chamada "arca vermelha" ou ainda a "arca soviética", e termina em Dezembro de 1921. Começamos pelo entusiasmo do autor: "Sin duda los años restantes de mi vida serán consagrados al servicio del maravilloso pueblo ruso." (Berkman, 2013, 9) para testemunhar a mais profunda desilusão. "El tiempo há puesto en su lugar a los bolcheviques. La hipocresía debe ser desenmascarada, han salido a la luz los pies de barro del ídolo que ha seducido al proletariado internacional llevándole a terribles falsas esperanzas. El mito bolchevique debe ser destruido. He decidido abandonar Rusia." (Berkman, 2013, 276). Pelo meio, surgem impressões e percepções de um ser humano e de um anarquista, aparecem pessoas e momentos históricos, tal como o funeral de Kropotkine; um capítulo inteiro dedicado a Mahkno ou a apreciação bastante avantajosa de Lenine, (Berkman, 2013, 83): "Un hombre sinceramente convencido de que los peores métodos pueden servir para un objetivo bueno y ser justificados por ello. Un jesuita de la revolución que obligaría a la humanidad

a volverse libre conforme a su interpretación de Marx. En resumen, un revolucionario minucioso en el sentido de Necháyev, quien sacrificaría a la mayor parte de la humanidad, si fuera para asegurar el triunfo de la revolución social." (Berkman, 2013, 84): "Lenine es un luchador, los líderes revolucionarios deben ser así. En ese sentido Lenine es magnífico, en su auto consciencia, en su determinación, en su carácter psíquico positivo que es tan auto expiatorio como despiadado para otros, en la completa seguridad de que sólo su plan puede salvar a la humanidad." Ao longo do diário, Berkman partilha as suas impressões das suas missões, viagens e visitas pela Rússia. Comenta as desigualdades na repartição da escassa comida entre as pessoas, sendo que a distribuição da comida se fazia segundo o valor do trabalho. Assim, os soldados e os marinheiros recebiam uma libra e meia de pão por dia, mas também açúcar, sal, tabaco e carne quando possível. Os operários recebiam uma libra de pão, os que não produziam nada e os intelectuais recebiam meia libra de pão e por vezes menos. Refere as queixas dos anarquistas pelo favoritismo para com os membros do partido comunista. Presencia o profundo desamparo das crianças famintas e pobremente vestidas (Berkman, 2013, 36 e 68). Mas também, relata os pogromes; a desilusão dos camponeses, que vivem o comunismo como uma nova tirania exercida pelos comissários; a desilusão dos operários, que vêem os comités de fábricas substituídos pela militarização do trabalho e a implementação de uma direcção industrial unipessoal, retirando poder aos comités e aos sindicatos (Berkman, 2013, 105); e as dificuldades em viajar pela Rússia sem documentos administrativos emitidos por uma instituição soviética (Berkman, 2013, 37). Ao manifestar a sua profunda admiração pelo povo russo: "Estos hombres me maravillan y me llenan de admiración. Trabajadores comunes y soldados, ayer esclavos mudos, son hoy los dueños de su destino, los soberanos de Rusia. Hay dignidad en su porte, confianza en si mismos y determinación, el espíritu de aplomo que viene con la lucha y el ejercitar la iniciativa. Los fuegos de la revolución han forjado nuevos hombres, nuevas personalidades." (Berkman, 2013, 42), Berkman afirma a sua percepção do momento e o seu apoio construtivo: "Los anarquistas debemos permanecer fieles a nuestros ideales y no criticar por el momento. Debemos trabajar y ayudar a construir" (Berkman, 2013, 28). Esta posição foi certamente aquela de alguns anarquistas que, dada a realidade social da época, acreditavam na melhor parte do bolchevismo, aquela que através da organização dos comités de soldados, comités de fábricas e dos sovietes construía a verdadeira revolução social tão esperada, mas que acabou traída.

*Ana da Palma*

Alexander Berkman (2013). ***El mito bolchevique*. *Diario 1920-1922***. Madrid: Tierra de Fuego/LaMalatesta Editorial.



# "Vive la Révolution, a bas la Démocracie!"




No ano do centenário da Revolução de 1917, o livro intitulado "**Vive la Révolution, a bas la Démocratie!**" (2016)[1] é um daqueles livros que fazem falta, como contributo para uma história inacabada e, até omissa ou esquecida, ou melhor ainda, uma História com narrativas que precisam ser lembradas. É um livro, entre poucos, que ostenta no verso da folha de rosto: "*Nem direitos, nem deveres*", palavras realçadas do símbolo sem copyright. É um daqueles livros que se pode ler sem plano predefinido, salta-se um capítulo, larga-se, retoma-se, avança-se, recua-se. Só não dá para levar na bolsa com as suas 550 páginas cheias de surpresas. Mas, na mochila, o seu peso aconchega a pessoa que gosta de se sentir acompanhada. De forma geral, o livro aborda e documenta o período *insurreccionalista* de 1905 e o longo percurso de 12 anos, até Fevereiro de 1917, que precederam a revolução através de testemunhos anarquistas.

O período abrangido é particularmente importante porque, não só corresponde à emergência dos primeiros sovietes e das lutas fora das estruturas dos partidos e dos sindicatos, mas também revela a propagação e a organização de grupos anarquistas de Bialystok a Lodz, de Ekaterinoslav a Minsk, assim como em Odessa, Kiev, São Petersburgo, Moscovo, Vilnius, Tbilisi ou Irkutsk.

O livro está organizado em quatro grandes partes e enriquecido de notas, reproduções de manifestos, jornais, folhetos, fotografias, mapas, uma cronologia, uma extensa bibliografia e um índex de anarquistas russos. Começa por um longo preâmbulo dividido em cinco partes que perfazem um contributo valioso afirmando a necessidade de outra perspectiva e análise do mundo. Traçando o contexto social e cultural da Rússia desde o aparecimento da corrente literária niilista, dos círculos populistas, da criação da organização "Terra e Liberdade" - que pouco depois se cindiu em *Partilha Negra e Vontade do Povo* - mas também das organizações anarquistas e dos grupos coordenados, cuja força residia na vontade de uma revolução imediata, do fim do Estado em vez da sua conquista, da acção directa, da expropriação em vez do diálogo e das negociações. Assim, descreve as ideias e as práticas da expropriação e insurreição no movimento anarquista russo antes de 1917.

A primeira parte procura dar uma ideia do movimento anarquista apresentando testemunhos publicados na imprensa anarquista no estrangeiro entre 1905 e 1911 (França, Inglaterra, Estados Unidos de América), com textos de vários autores. A seguir, podemos ler os relatos das actividades anarquistas em seis regiões. Umas páginas são dedicadas a Ekaterinoslav (Ucrânia) no período de 1904-1908 com o Grupo de trabalhadores anarquistas-comunistas & o grupo de Combate Internacional. Outras páginas dedicam-se à Curlândia (Letónia) e aos Irmãos da Floresta 1905-1907. As seguintes debruçam-se sobre a organização Bandeira Negra (Chernoe Znamia) de Bialystock (Polónia) no período de 1903-1907. Seguem-se uns testemunhos sobre a União dos Camponeses Pobres, em Gulaï-Polé (Ucrânia) 1905-1910. Finalmente, a última parte desta secção, contempla o Grupo Internacional & os Vingadores Revolucionários de Lodz (Polónia) 1905-1913. A segunda parte intitulada "*Os intransigentes (1903-1917)*" resulta de uma escolha do colectivo editorial, que decidiu publicar uma versão assinada por Raúl Pavich liberta das "*obsessões vocabulares,* (…) *das inépcias progressistas* (…) *ou das análises adocicadas*" (2016, p.337) presentes no primeiro livro de Paul Avrich intitulado "*Os Anarquistas Russos*". A terceira parte constitui uma recolha de panfletos e artigos cobrindo o período de 1904 a 1916. A última parte do livro dedica-se ao esboço do retrato de algumas pessoas, começando por Olga Ilyinichna Taratuta, passando por um retrato de um grupo de mulheres presas em Maltsevskaya-Nerchinsk, na Sibéria e acabando com Morris Schulmeister.

*Gisandra Oliveira*

[1] AAVV. ***Vive la Révolution, a bas la Démocratie!***. Mutines Editions, Paris, 2016. 554 págs.

## ALGUMA GEOGRAFIA PORTUGUESA LIBERTÁRIA, AFIM OU INDEPENDENTE

**Portal Anarquista**
https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/
https://www.facebook.com/PORTAL.ANARQUISTA
**Jornal Mapa**
http://www.jornalmapa.pt/
geral@jornalmapa.pt
**A Ideia**
Rua Dr. Celestino David, n.º 13-C, 7005-389, Évora
acvcf@uevora.pt
http://aideialivre.blogspot.com
**A Batalha**
Az. da Alagueza, Lote X, c/v-Esq. 1800-005 Lisboa
https://pt-pt.facebook.com/Jornal-A-Batalha-349856931820677/
**Indymedia - Centro de Média Independente - Porugal**
http://pt.indymedia.org/
**Guilhotina**
https://www.facebook.com/guilhotina.info
**Flauta de Luz**
Painel da Antiqueira, n.º 39, Vargem, 7300-430 Portalegre
**Projecto Mosca**
http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/
https://www.facebook.com/mosca.projecto
**CCL - Centro de Cultura Libertária**
Rua Cândido dos Reis, 121, 1º Dto, Cacilhas, Almada
Apartado 40, 2800-801 Almada
ateneu2000@gmail.com
http://www.facebook.com/CentroDeCulturaLibertaria
**BOESG - Biblioteca e Observatório dos Estragos da Sociedade Globalizada**
Rua Penha de França, 217 B, 1170-304 Lisboa
boesg.blogspot.pt
boesgbiblioteca@gmail.com
**COSA - Casa Okupada de Setúbal Autogestionada**
Rua Latino Coelho, n.º 2, Bairro Salgado, 2900-105 Setúbal
http://cosa2015blog.wordpress.com/
https://www.facebook.com/Casa-Okupada-de-Set%C3%BAbal-Autogestionada-841456779303792
**Associação Internacional de Trabalhadores (AIT) - Secção Portuguesa**
***Núcleo de Lisboa***
http://ait-sp.blogspot.pt/
Apartado 027087, EC Praça do Município, 1144-033 Lisboa
aitlisboa@riseup.net
***Porto - Sindicato de Ofícios Vários***
sovaitporto.blogspot.com
Rua dos Caldeireiros, n.º 213, 4050-141 Porto
sovaitporto@gmail.com
**Terra Viva**
Rua dos Caldeireiros, n.º 213, 4050-141 Porto
http://terravivaporto.blogspot.pt/
https://www.facebook.com/Portoterraviva/
terraviva@aeiou.pt
22 3324001 / 961449268 / 967694816

**Gato Vadio**
Rua do Rosário, 281, 4050-525 Porto
22 2026016
sacodegatosvadios@gmail.com
https://www.facebook.com/gato.vadio/
**Letra Livre**
Calçada do Combro, 139, 1200-113 Lisboa
21 3461075
letralivre@sapo.pt
**Livraria Utopia**
Rua da Regeneração, 22, 4000-410 Porto
96 8352292
livrariautopia@gmail.com
**Casa da Horta**
Rua de São Francisco, 12A, 4050-548 Porto
casadahorta@pegada.net
22 2024123 / 93 3831020 / 93 8433724
**RDA 69 - Recreativa dos Anjos**
Regueirão dos Anjos, n.º 49, 1150-028 Lisboa
rdanjos69@gmail.com
**Moinho - Moinho da Bicha de Sete Cabezas**
Rua do Novo, Silvalde, 4500-639 Espinho
**Musas - Espaço Musas / Quinta Musas da Fontinha**
http://musas.pegada.net/
https://www.facebook.com/hortaquintamusasdafontinha/
https://www.facebook.com/espaco.musas/
quintadafontinha@gmail.com
**Núcleo Agroecológico do Campo do Gerês**
campoemtransicao@gmail.com
**Colher para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais**
Quinta do Olival, 3260-021 Aguda, Figueiró dos Vinhos
colherparasemear@gmail.com
23 6622218, 91 4909334
**GAP - Grupo Acção Palestina**
http://grupoaccaopalestina.blogspot.pt/
twitter: @GAPporto2010
https://www.facebook.com/GrupoAccaoPalestina/
accao.palestina@gmail.com
**Rés da Rua**
Rua Álvares Cabral, 263, 4050-040 Porto



## Apresentação

Este DVD, complemento à edição da “Erva Rebelde” n.º 2 (ER2) inteiramente dedicada à Revolução Russa, contém um conjunto de peças que o coletivo GERA, responsável pela edição da “Erva Rebelde”, considerou de interesse público, mesmo se nalguns casos, se identifique apenas parcialmente com elas, ou nem isso...

Constituindo inicialmente uma extensão da ER2 – com o Índice Biográfico, Cronologia e Bibliografia – acabou contudo por albergar outro material, de que nem sempre se conseguiu apurar a autoria ou proveniência, mas cujo interesse histórico, ideológico, rememorativo, estético, e por aí fora, consideramos uma mais-valia a incluir nesta coletânea.

Além disso, o DVD alberga ainda os registos audio do Manuscrito Encontrado na Utopia, a separata editada juntamente com este número da nossa revista

## Índice do DVD


00. Apresentação
01. Audiolivros
02. Bibliografia
03. Capas propostas
04. Comics
05. Conferências
06. Cronologia
07. Filmes
08. Fotografias
09. Gravuras
10. Índice Biográfico
11. Livros
12. Manuscrito Encontrado na Utopia
13. Mapas
14. Músicas
15. Pinturas
16. Propaganda Soviética
17. Retratos
18. Textos


fortável e cômoda para covardes e cínicos? E como
bêbado não deixemos de saudar as visitas. Estas
tudo bebem e comem como se não houvesse amanhã.
povo trabalhador, até onde iriam por um prato de
ida ou por um punhado de liberdade?
Ironias etílicas à parte, os fetiches de poder popular
revolução social não estão no horizonte da pessoa
do povo trabalhador de hoje. Mais que em qualquer
o tempo a resistência e a luta anarquistas são vitais.
ez, agora, não para um novo mundo, mas talvez para
outra humanidade.
A vivência da cultura libertária nos espaços, encontros,
stências, lutas necessita realizar-se, organizar-se e
uturar-se para no encontro entre o Eu e o Nós construir-
s e vivermos o hoje cada vez mais livres.

iga Anarquista no Rio de Janeiro associada a Iniciativa
eralista Anarquista Brasil

ntes:
unal Superior Eleitoral:
://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2016
E: http://www.ibge.gov.br/home/

dos:
População Total: 206.081.432
População Eleitoral: 144.088.912



